



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS – DCHT-/CAMPUS-  
XVIII - EUNÁPOLIS BAHIA

LUCIARA SANTOS DOS ANJOS

**“LEMBRAR-SE É TER UMA LEMBRANÇA OU IR EM BUSCA DE UMA  
LEMBRANÇA”**: Coletânea de entrevistas de alguns moradores/as de São João do Paraíso,  
Mascote-Bahia (1975-1989)

Eunápolis/Bahia

2021

Luciara Santos dos Anjos

**“LEMBRAR-SE É TER UMA LEMBRANÇA OU IR EM BUSCA DE UMA LEMBRANÇA”**: Coletânea de entrevistas de alguns moradores/as de São João do Paraíso, Mascote-Bahia (1975-1989)

Trabalho de conclusão de curso apresentado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) *Campus XVIII Eunápolis*, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Mestra Maria Sandra da Gama

Eunápolis/Bahia

2021

*Em memória de Nair Pereira dos Santos, minha vó.*

## AGRADECIMENTOS

“Quando falamos do estado de felicidade, muitas pessoas pensam que se trata apenas de alegria e prazer. Mas o estado de felicidade é muitas vezes alcançado depois de um momento muito difícil da vida que foi superado; momentos importantes e tensos pelos quais passamos com sangue, suor, lágrimas, mas dos quais saímos inteiros. Cobertos de cicatrizes, mas sobreviventes. Melhores, mais fortes do que antes. Isso nos traz um estado de felicidade plena”  
Ana Claudia Quintana Arantes (2019, p.97)

Agradecimento: Ação ou efeito de agradecer; em que há reconhecimento do bem feito por alguém; gratidão. Ação ou efeito de agradecer assim é definido o verbo agradecer. Olhando o caminho percorrido durante a graduação o excerto acima me permite compreender sobre o significado de felicidade, que também é alcançar o que se deseja depois de superar momentos difíceis, e a UNEB me proporcionou vivenciar a felicidade na adversidade da vida acadêmica, em cada concretização das atividades propostas das quais não me via com as ferramentas ou a compreensão que julgava necessárias para a realização, e mais ainda mediante o conhecimento adquirido, bem como agora no momento da partida (encerrando essa etapa da graduação).

Ao Deus eterno invisível, mas real, a ele toda glória, agradeço pelo cuidado constante, que mesmo sem ver, tenho sentido a todo o tempo, agradeço por ter permitido permanecer na cidade de Eunápolis por ter me permitido vivenciar essa experiência e também por ter colocado pessoas no meu caminho que incentivaram ingressar e permanecer na universidade.

Mainha, Maria Lúcia, que sempre foi o meu porto seguro, durante todos esses anos da graduação que pretendia concluir em 4 anos mas sabemos que na realidade das condições dispensadas a universidade pública necessitamos de mais tempo, em razão da realidade imposta pela luta de direitos para suprir algumas necessidades/demandas houveram greves e ocupações estudantis, assim a permanência nesse espaço se postergou por mais tempo do que o previsto. Por seu carinho e cuidado, também por ter possibilitado me manter estudando, pois aprendeu desde cedo, com minha avó Nair, que só conseguiremos melhores condições de vida com a educação escolar.

A minha professora da 6ª série do ensino fundamental II, Sueli Bianco, que muito me incentivou e motiva a não desanimar, essa professora foi quem, de maneira mais enfática, me motivou a adentrar na vida acadêmica, pois sua história de vida e seu comprometimento com

a Educação Infantil me fez ampliar o horizonte frente à educação escolar, nessa relação professora/aluna, surgiu uma linda adoção não oficial, mas a tenho como minha mãe do coração, por tantos anos que convivemos, os agradecimentos são extensivos à sua família por me receberem em Eunápolis sempre que precisei.

A minha amiga Tainá Machado que sempre me motivou e incentivou a buscar modificações da forma de viver, e que essa transformação só seria possível através da educação, porque é o que podemos ter de nós mesmos para o nosso crescimento pessoal e profissional, agradeço pela sua amizade, sua ajuda profissional com a fisioterapia, no decorrer das transcrições necessitei de intervenção fisioterapêutica, porque os antebraços começaram a reclamar devido ao esforço repetitivo ao realizar as transcrições das entrevistas, minha gratidão e reconhecimento pelo bem que muito me tem feito.

Gratidão à amiga Larissa Rodrigues, que sempre teve uma palavra de incentivo como ela mesma diz que “é uma incentivadora de jovens” então, a minha gratidão a essa lunática inteligente, mulher negra feminista que muito contribuiu na minha compreensão de mundo enquanto mulher, compreensão de beleza feminina, independência financeira e emocional.

A amiga Luana que ao longo de toda a graduação sempre me livrou do caminho do infinito essa estrada de terra que divide a BR até chegar na UNEB, carinhosamente chamamos dessa forma e durante todos esses anos Luana Grace Guerrieri me deu carona até em casa. Gratidão pelos livramentos cotidianos que contribuiu para que eu chegasse sã e salva até a residência universitária e me livrando do sol intenso do meio-dia.

Larissa Cruz minha gratidão por sua amizade, por sua parceria, compreensão e cuidado para comigo. Por acreditar em mim quando nem eu acreditei, e por não desistir de mim apesar de nossas diferenças. Por me entender e apoiar, escutar as angústias e aflições dessa chuva solitária que é a pesquisa e o processo da escrita. Sei que conto com sua escuta ativa e intercessão.

A Mailane Batista, que compartilhamos as angústias do processo da escrita, nos ajudamos mutuamente nessa fase de “sangue, suor e lágrimas”.

A cada um dos funcionários do *Campus XVIII* as “tias” da limpeza, o pessoal do administrativo, da acadêmica, de forma extensiva a todos os funcionários, meu muito obrigada por contribuir para o bom funcionamento deste departamento e por nos permitir essa relação de reconhecimento pela manutenção do nosso *Campus*.

Aos professores deste departamento de forma especial agradeço à professora Sandra Gama minha orientadora por sua paciência, por sua forma humanizada de tratar as pessoas,

generosidade, amabilidade. Que na sua justeza compreende o rigor acadêmico, entretanto não deixa de ser flexível e razoável.

Professora Sandra Barbosa por enxergar o meu potencial e do meu trabalho de conclusão de curso, pelas suas contribuições, as leituras na elaboração do *Draft*, bem como a disponibilização de arquivos na área da história oral.

Professora Joceneide Cunha por sempre fazer perguntas desconfortáveis em relação a essa pesquisa como forma de confrontar o que realmente almejava, bem como as sugestões de leituras para afeiçoamentos.

Professora Sandra Mendes, que através do projeto PIBID coordenado por ela, tive a possibilidade de me desenvolver enquanto uma aprendiz da docência, obrigada pelas caronas, por sempre estar atenta às nossas demandas, não só acadêmicas, mas as necessidades de ordem práticas da vida dos estudantes, sei que esse não é um cuidado só comigo, que você continue sendo essa pessoa que cuida de outros seres humanos.

A todos os professores deste departamento por suas contribuições na minha formação, que eu possa ser uma professora tão competente, profissional e comprometida como todos vocês.

Palavras não são suficientes para expressar o quanto sou grata por ter sido recebida em cada casa em São João do Paraíso, que foi aberta a porta gentilmente sendo convidada a entrar conversei, expliquei a razão de minha visita e só tenho de agradecer porque a maioria das pessoas que realizei o convite se dispuseram a participar da realização da pesquisa. Tendo como resultado, o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, minha eterna gratidão porque essas pessoas de onde eu vivi a maior parte da minha vida estão contribuindo para minha formação, contribuindo com os seus saberes populares, com as suas memórias, as suas histórias de vida. Minha gratidão a todas as entrevistadas e alguns poucos entrevistados.

## RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo maior a organização de uma coletânea sobre as memórias de alguns moradores e moradoras de São João do Paraíso Mascote-Bahia a partir da fonte oral, tendo como fio condutor suas trajetórias antes e depois da chegada ao lugar. Esse estudo se baseia, quer seja na metodologia de investigação, quer seja no contato com os sujeitos da pesquisa, na oralidade, sendo o método adotado, o da História Oral, para tanto utilizo o *Manual de História Oral* de Verena Alberti (2004). No processo realizei mapeamento de alguns ofícios: como comerciante informal e varejo, feirantes, aguadeiros, lavagem de roupas, trabalhadores (as) rurais. A partir da experiência familiar vivenciada pelo ofício de lavagem de roupas realizado por minha avó, o foco estava direcionado nas entrevistas com as lavadeiras de ganho. Diante disto, se estabeleceu contato preliminar, entrevistas com roteiros semiestruturados, quando se fez necessário roteiro individual. A relevância da pesquisa reside, principalmente, no fato de trazer à tona a história do cotidiano das pessoas de um pequeno distrito, que não possuem registros escritos sobre si, acerca da sua organização, bem como da instalação do abastecimento hídrico do referido distrito. Destaco tal evento, pois esse advento de tecnologia possibilitou modificações no cotidiano dos moradores, sendo uma narrativa presente em boa parte da fala dos/as entrevistados/as, nessa perspectiva eles/as destacam as dificuldades relacionadas à falta de um sistema de abastecimento hídrico e as extenuantes rotinas para conseguirem água para abastecerem suas casas. Na construção da linha narrativa, aproprio-me do conceito de “*escrevivência*” da autora Conceição Evaristo (2006) como possibilidade teórico-metodológica, pois a esteira da presente redação se dá em um escrever e viver, por entender que é uma escrita a partir de uma experiência. Para o conceito de memória diálogo com os autores: Paul Ricoeur (2007), Bosi (1994) e ainda, argumentando sobre o conceito do presente produto, utilizo Cunha; Cavalcanti (2008). Diante do exposto, esta produção se dispôs a juntar um volume de entrevistas produzindo fontes que se constituíram num acervo, o qual estará estruturado no produto coletânea. Desta maneira, esta coletânea se constitui como uma forma de registrar essas memórias em relatos que foram colhidos, como intuito de não apenas findar essas experiências adquiridas, mas que outras pessoas/pesquisadores/estudantes se disponham a examinar, confrontar e/ou analisar essas memórias ora arquivadas neste produto.

**Palavras-chave:** História oral. Memórias dos antigos moradores (as). São João do Paraíso. Cotidiano. Coletânea.

## RESUMEN

Esa investigación tiene como objetivo mayor la organización de una recopilación acerca de las memorias de algunos moradores y moradoras de São João do Paraíso Mascote-Bahia a partir da fuente oral, tenido como hilo conductor sus trayectorias antes y después de la llegada al lugar. Ese estudio se basa, en su metodología de investigación, y en el contacto con los sujetos de la investigación, en la oralidad, siendo el método adoptado, de la Historia Oral, para eso utilizo el *Manual de História Oral* de Verena Alberti (2004). En el proceso/decurso realicé mapeo de algunos oficios: como comerciante informal y minorista, mercaderes, hombres que vendían el agua, lavanderas de ganancia, trabajadores/as rurales. A partir de la experiencia familiar vivida por el oficio de lavado de ropa realizado por mi abuela, el foco estaba dirigido en las entrevistas con las lavanderas de ganancia. Ante esto, se estableció contacto preliminar, las entrevistas fueron hechas con guiones semiestructurados, cuando se hizo necesario guion individual. La relevancia de la investigación reside, principalmente, en el hecho de sacar a la luz la historia de la vida cotidiana de las personas de un pequeño pueblo, que no poseen registros escritos sobre sí, acerca de su organización, así como de la instalación del abastecimiento hídrico del referido pueblo. Destaco tal evento, pues ese advenimiento de tecnología posibilitó modificaciones en el cotidiano de los moradores, siendo una narrativa presente en buena parte del habla de los/as entrevistados/as, en esa perspectiva ellos destacan las dificultades relacionadas a la falta de un sistema de abastecimiento hídrico y las extenuantes rutinas para conseguir el agua para abastecer sus casas. En la construcción de la línea narrativa, me apropio del concepto de "*escrevivência*" de la autora Conceição Evaristo (2006) como posibilidad teórico-metodológica, pues la estela de la presente redacción se da en un escribir y vivir, por entender que es una escritura a partir de una experiencia. Para el concepto de memoria diálogo con los autores: Paul Ricoeur (2007), Bosi (1994) y aún, argumentando sobre el concepto del presente producto, utilizo Cunha; Cavalcanti (2008). Frente a lo expuesto, esta producción se dispuso a juntar un volumen de entrevistas produciendo fuentes que se constituyeron en un acervo, el cual estará estructurado en el producto *coletânea*. De esta manera, esta recopilación se constituye como una forma de registrar esas memorias en relatos que fueron recolectados, con intención de no solo terminar esas experiencias adquiridas, sino que otras personas/investigadores/estudiantes se dispongan a examinar, confrontar y/o analizar esas memorias ahora archivadas en este producto.

**Palabras-clave:** Historia oral. Memorias de los antiguos moradores (as). São João do Paraíso. Cotidianidad. Colectânea.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	10
CONTATO COM A FONTE/ COLABORADORES/AS .....	12
“ACONTECEU E TEVE LUGAR”: São João do Paraíso lugar de memória.....	13
DEFINIÇÃO DO TEMA DE PESQUISA.....	15
LEMBRANÇAS DA NETA DE UMA LAVADEIRA .....	17
METODOLOGIA EM HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA ENQUANTO FONTE COM O USO DA HISTÓRIA ORAL.....	18
<i>ESCREVIVÊNCIA</i> E MEMÓRIA.....	24
DOIS DEDOS DE PROSA DE COMO FAZER A HISTÓRIA ORAL .....	27
PERCURSO PARA COLETA E COMPILAÇÃO DAS ENTREVISTAS .....	31
CIRCUNSTÂNCIAS DE ALGUMAS ENTREVISTAS.....	33
COMPILAÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	40
MORADORES E MORADORAS DE PARAÍSO .....	41
ENTREVISTAS.....	44
CONSIDERAÇÕES .....	131
REFERÊNCIAS .....	132

## APRESENTAÇÃO

Costumo apreciar a quietude presente no silêncio, pois promove a capacidade de ouvir sons, que, em meio ao barulho passariam despercebidos, como ouvir o silêncio, o som do vento por entre as folhas, ouvir o cantar dos pássaros. Assim mergulho na inquietude dos meus pensamentos para ouvi-los, em busca de uma lembrança do meu lugar de memória, o distrito de São João do Paraíso<sup>1</sup> Mascote, esmiuçando em meu intelecto a possibilidade de fontes para desenvolver o trabalho de conclusão de curso.

Deste modo, sendo direcionada para um tempo distante, mais especificamente para uma lembrança da minha infância, em que, no inverno, a sala da casa de minha avó em São João do Paraíso ficava preenchida por varais, essa lembrança recorda a atividade da minha avó, no interior do lar, ela lavava roupas de ganho, assim providenciava a secagem das roupas dos/as clientes a fim de receber pelo serviço realizado. Vislumbro essa cena como nas palavras de Paul Ricoeur (2007, p.108) “assim retrocedo rumo a minha infância, com o sentimento de que as coisas se passaram numa outra época”, de forma metafórica estava olhando com as lentes do historiador, uma lembrança pessoal como possibilidade histórica e de produzir História.

Segundo Antonio Celso Ferreira (2017) a historiografia contemporânea, faz um tempo que vem debatendo sobre ampliação das fontes, como fruto dessas ampliações, é possível um intercâmbio entre História e Literatura, visto que a mesma contribui como fonte histórica, a escrita literária é permeada de experiências sociais ficcionalizadas, as quais possuem formas de linguagens próprias para a produção, promovendo assim, o conceito de *literariedade* que permite a utilização de novos conceitos na escrita literária, a exemplo do conceito de *escrevivência* cunhado pela autora Conceição Evaristo.

Dessa forma, sou beneficiada com o debate historiográfico e linguístico. Recorro à obra romanesca *Becos da Memória*, a partir do conceito de *escrevivência*, mescla de experiência e vivência da autora Conceição Evaristo. A obra pode ser compreendida como sendo "ficções da memória". E enquanto memória, pois essa esquece, dando brechas a "invenção" a imaginação (EVARISTO, 2018, p.9). Sendo possível usar no corpo desse texto a narrativa do meu eu menina encontrando-se ou dialogando com o momento da escrita.

Como trabalho de conclusão de curso TCC, a presente produção tem como objetivo elaborar uma coletânea sobre as memórias de alguns moradores e moradoras de São João do

---

<sup>1</sup> Utilizarei ao longo do texto apenas o último nome, que é, Paraíso, pois é dessa maneira que costumamos nos referir ao distrito, sem a necessidade do nome completo.

Paraíso Mascote-Bahia a partir das fontes orais, tendo como fio condutor suas trajetórias antes e depois da chegada ao lugar, identificando as particularidades socioculturais do distrito.

A sugestão para produção, de um produto enquanto TCC se apresenta como convite, por minha orientadora, Maria Sandra da Gama, para realizar esse desafio, uma vez que teve contato com a reformulação do regimento de pesquisa, em que foi ampliado para múltiplas possibilidades para além do texto monográfico em si, bem como minhas inquietações e inseguranças de como iria produzir e analisar as entrevistas realizadas. Em primeiro momento a ideia veio com o nome de acervo, no entanto tenho costume de entender a partir do significado das palavras. Diante disso, tive a necessidade de buscar uma palavra/termo que eu conseguisse dialogar e argumentar de uma forma que fizesse sentido no meu intelecto, realizei pesquisas de alguns termos e do próprio acervo, arquivo, catálogo, coleção e coletânea, os quais encontrei na área da Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia.

No Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, acervo está definido como “conjunto de documentos armazenados e conservados em um arquivo, [...] para o atendimento das finalidades de uma biblioteca: informação, pesquisa, educação e recreação; fundo documentário, fundos de biblioteca desenvolvimento de coleções”. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p.24). É possível compreender que, o conceito de acervo está voltado para a premissa de conservação e para as demandas organizacionais de uma biblioteca, bem como disponibilização ao público, seja em formato impresso ou digital.

Para suceder a sistematização de um acervo é necessário o uso de outros itens, dentre estes o catálogo, a coleção ou coletânea, que são termos correlatos, que, no entanto, evidenciam a complexidade de um acervo, bem como os vários recursos que são necessários para a concretização do mesmo, pois parte da lógica do arquivo com um número excessivo de documentos, objetos, etc. Desse modo, faço uso de uma dessas modalidades de acervo, definindo o produto a ser produzido, como: coletânea. Os termos coleção e coletânea se convergem com significados similares entre si, bem como são polissêmicos, eis os conceitos na seguinte ordem, coleção sendo o primeiro e coletânea, o segundo.

Publicação, ou série de publicações distintas, ligadas entre si por um título comum, mas ou série de publicações distintas, ligadas entre si por um título comum, mas cada uma com autor e título que lhe são próprios. 2. Conjunto de documentos, que reúne itens de diversas proveniências [...] relativo ao acervo de uma biblioteca onde existem documentos favoráveis e contrários sobre os assuntos contemplados pela biblioteca. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p.91)

*Collection, composite work*. Trechos selecionados de um ou mais autores, de origens diversas, reunidos em um só volume. Difere da antologia porque esses trechos não apresentam, necessariamente, características comuns. Antologia, coleção (1). 2. Documento que reúne sob um título comum diferentes trabalhos escritos por um ou

por vários autores, sobre um ou vários assuntos. c. de legislação *legislation collection* publicação, geralmente uma obra de referência, que abrange leis, decretos, portarias e outros atos; o conteúdo pode ser de âmbito geral (toda a legislação) ou especializado (legislação específica). Obras de referência, c. musical, *musical compilation* conjunto de canções selecionadas de diferentes álbuns, que geralmente estão relacionadas por algum critério. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p.92-93)

No que tange ao termo catálogo se trata de uma “lista ordenada dos itens existentes numa coleção pública ou particular [...] Lista minuciosa dos itens que compõem um acervo ou uma coleção elaborada de acordo com normas apropriadas e ordenada de modo a facilitar a busca”. (CUNHA; CAVALCANTI, p.71-75). Não fazendo muito sentido na minha compreensão o uso de tal conceito para definir este produto.

Diante do exposto, esta produção dispõe-se juntar um volume de entrevistas produzindo fontes, que se constituíram um acervo, o qual estará estruturado no produto coletânea, em que “reúne sob um título comum diferentes trabalhos escritos por um ou por vários autores, sobre um ou vários assuntos”. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p.92).

Essas elucubrações conceituais sucederam após a seleção dos entrevistados, e realização das entrevistas, porém não modificaram as etapas que haviam sido produzidas, tratando-se apenas de uma argumentação para uma melhor compreensão acerca da escrita enquanto produção de uma coletânea e não um catálogo de entrevistas, não sendo uma alteração da estrutura em si, mas de detalhes conceituais, assim, já tinha em conta que seriam as pessoas do distrito de São João do Paraíso e a categoria profissional que se destacou para efetuar as entrevistas foram as ex-lavadeiras de ganho, das quais consegui a maioria das contribuições. Assim sendo, essa definição e convite para elaborar uma coletânea foi posterior aos primeiros passos realizados da pesquisa.

## **CONTATO COM A FONTE/ COLABORADORES/AS**

A presente pesquisa se fundamenta em relatos orais, quer seja na metodologia de investigação, quer seja até conseguir chegar nos colaboradores da pesquisa, que foram os antigos moradores, moradoras, e até mesmo pessoas que já não residem no distrito de São João do Paraíso, os depoimentos tiveram como fio condutor as memórias dos moradores mediante a questão dos trabalhos desenvolvidos na localidade, levando em consideração de onde essas pessoas que formam Paraíso são oriundas? Elas saem de seus lugares de origem por que? Chegando em Paraíso como elas sobrevivem ou passam a viver?

Diante disso, realizou-se mapeamento de alguns ofícios: como comércio informal, varejo, feirantes, donos (as) de vendas, aguadeiros, lavagem de roupas, trabalhadores (as)

rurais. A partir da experiência familiar vivenciada pelo ofício de lavagem de roupas realizado por minha avó, meu foco estava nas entrevistas com as lavadeiras de ganho, onde foi possível uma maior aproximação, pois algumas tinham conhecimento que minha avó desempenhou o mesmo ofício que elas.

Eis que me lancei na tarefa de realizar o convite a alguns moradores para participar da pesquisa, logrando êxito, iniciei as entrevistas, das quais parafraseio aqui trechos da sessão de entrevista realizada com a lavadeira de ganho Guiomar Lima, sobre sua chegada a Paraíso e seu ofício: **“devido à proximidade de onde morava para Paraíso, ouvia falar de um lugar que estava começando**, por causa das fazendas de cacau das redondezas, e também pela feira-livre que diziam encontrar de tudo, parecia uma oportunidade de batalhar por emprego”, assim a lavadeira Guiomar Lima e sua família foram morar em Paraíso onde trabalhou por 21 anos na lavagem de roupas, deixando o ofício quando se aposentou em 2004. (LIMA, Guiomar. Entrevista cedida a Luciara dos Anjos em 30 de maio de 2019; grifos meus).

Os critérios para as escolhas de alguns dos entrevistados se deram a partir da identificação da quantidade de tempo que residiam em Paraíso, tomando como base minha infância e vida adulta, em que as figuras desses sujeitos permaneciam no distrito, pelos trabalhos que desempenhavam, a relação com o processo de abastecimento hídrico, por possuir um pequeno comércio, e ainda pessoas que utilizavam o serviço público do chafariz, para abastecimento das suas casas. Dessa forma, a seleção dos entrevistados foi ocorrendo-a partir de nomes que as pessoas indicavam, assim como da disponibilidade e viabilidade de conversar/ entrevistar essas pessoas.

**“ACONTECEU E TEVE LUGAR”**: São João do Paraíso lugar de memória

“A memória dos lugares é assegurada por atos tão importantes como orientar-se, deslocar-se, e, acima de tudo habitar [...] não é por acaso que dizemos, sobre uma coisa que aconteceu, que ela teve lugar”. (RICOEUR, 2007, p.57). Assim, o lugar de memória está associado ao acontecimento em um determinado sítio, e para esse estudo, é o lugarejo em que morei uma longa parte da minha vida, o distrito de São João do Paraíso, localizado às margens da BR 101, na altura do KM 616, pertencente ao município de Mascote-BA que faz limite com os municípios de Camacan, Santa Luzia, Canavieiras, Itapebi e Potiraguá. Como é possível a/o leitor/a identificar no recorte no mapa da região sul do estado da Bahia, logo abaixo indicado por um quadrículo a cidade de Mascote, a qual está a 38 km de distância de Paraíso.



FIGURA 01: Recorte do mapa da região sul do estado da Bahia

Se faz necessário mencionar que Paraíso possui nascentes de água doce, sendo banhado pelos rios São João e Rio Pardo que, nas minhas elucubrações, concluí que o nome da cidade se deu em razão do rio. Como se pode observar no mapa abaixo das bacias hidrográficas do Rio Pardo. No entanto, segundo relatos de alguns entrevistados, o mais provável é que o nome atribuído ao lugar seja devido ao padroeiro do distrito São João Batista.

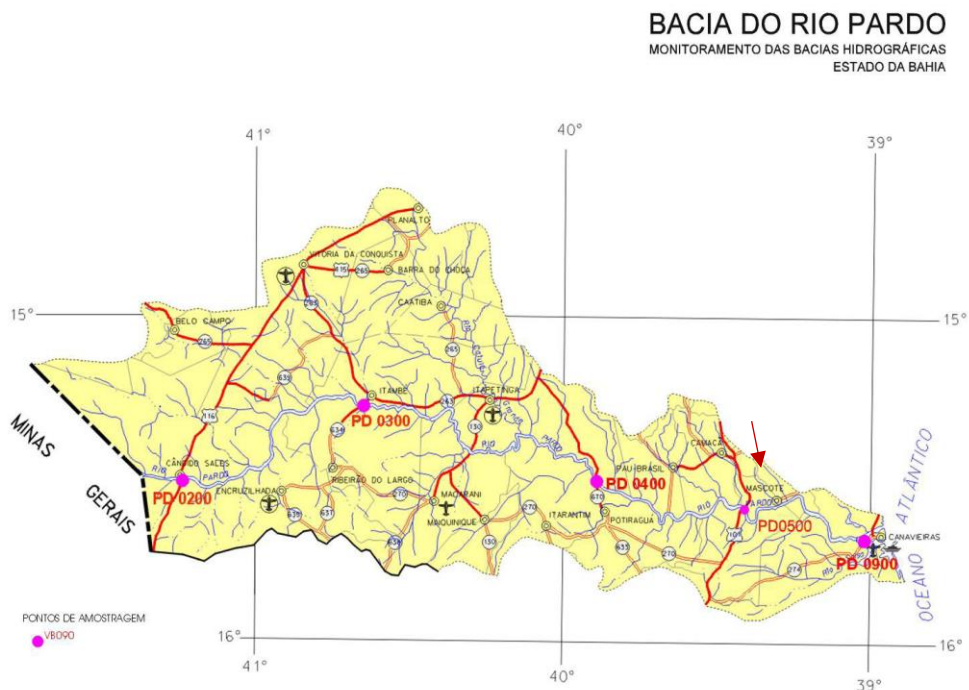


FIGURA 02: Mapa da Bacia do rio Pardo

Nos idos de 1975 a 1989 período relatado, em que alguns dos entrevistados chegaram ao ainda povoado, provavelmente foram se achegando a essa região motivados pela localização das fazendas de cacau. Parafraseando Cristiane Batista da Silva Santos (2008), o recorte não tem balizas fixas, sendo um “ir e vir”, onde existe comunicação entre passado e presente, à medida que as memórias dos entrevistados iam sendo ouvidas, alguns momentos precisei recuar entre 1969 e 1988, quando necessário era o presente que suscitava elementos para acessar o passado.

Com o passar dos anos, nota-se um tímido processo de urbanização do distrito, a passos vagarosos, então algumas melhorias foram sendo implantadas, dentre essas e de forma mais relevante, alguns moradores dessa localidade destacam “a água encanada” como de fundamental importância para suas vidas, pois além de maior praticidade para as atividades mais simples do dia a dia como tomar banho, dentre outras foram modificadas, aproximadamente por volta de 1988 ano em que houve a implantação da Empresa Baiana de Águas e Saneamento S.A (Embasa) responsável pelo tratamento e abastecimento de água potável em São João do Paraíso, essa tramitação se efetivou por intermédio de membros de grupo político local.

Essa pesquisa é relevante por trazer à tona a história do cotidiano de pessoas de um pequeno distrito, que não possui registro escrito acerca da sua organização, bem como da instalação do abastecimento hídrico no referido distrito, pois esse advento de tecnologia possibilitou modificações no cotidiano dos moradores, sendo uma narrativa que confere “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores”. (BENJAMIN,1994, p.198). Boa parte dos entrevistados destacam as dificuldades relacionadas à falta de um sistema de abastecimento hídrico, e as extenuantes rotinas para conseguir água. Destarte, o que se busca do povoado será possível mediante a memória do grupo de indivíduos que se dispuseram a colaborar para efetivação desta pesquisa.

## **DEFINIÇÃO DO TEMA DE PESQUISA**

O tema da pesquisa surge a partir da busca por fonte para pesquisa em que tivesse relação com minha vivência, sugerido pela professora Mariane Santos Nascimento no componente “Metodologia da pesquisa histórica”, pois o objeto de pesquisa que tinha interesse, digamos assim, não era tão interessante.

Eis que pesquiso o lugar onde morei e ofício realizado por minha avó, todavia não será a escrita da história de vida da minha avó, ex-lavadeira de ganho, natural de Potiraguá, que pela promessa da fartura da região cacauceira mudou-se com a família, sendo nove filhos, oito filhos(a) vivos (a), para São João do Paraíso, pois aos 71 anos de idade, no ano de 2011, como costume dizer, foi morar no céu ao lado de Deus, deixando filhos, netas (o), amigos, conhecidos com o coração cheio de saudade, pois embora sua vida de muito sofrimento, órfão de pai e mãe aos oito anos de idade, apesar de uma vida permeada de trabalhos, enfermidades, e dificuldades outras, as características que predominavam na minha avó eram amor e sabedoria.

Desse modo apenas com a ideia muito embrionária de pesquisar as lavadeiras de ganho e como surge o distrito de Paraíso, consciente que necessitaria de informações devido à necessidade de produzir o pré-projeto de pesquisa, recorri à Sueli Bianco Santos, ex moradora de Paraíso, que morou de 1974 até 2008, quando mudou para Eunápolis. A mesma informa que de 1970, poderia me indicar bastante coisas, pois a partir desse ano que foi morar em Paraíso. A partir desse contato, foi possível chegar em outras pessoas e possibilidades para o desenvolvimento da pesquisa.

Estava em Eunápolis durante toda a semana, e nem sempre se tem dinheiro para se deslocar até o lugar em que a pesquisa seria realizada, Eunápolis fica apenas a 105 km de São João do Paraíso, o que representa deslocamento em ônibus de aproximadamente duas horas de viagem, uma curta distância, mas necessitava cumprir os compromissos com os componentes curriculares e nesse meio tempo os estágios supervisionados já estavam acontecendo, outro fator complicador, que não me permitia ir em Paraíso com maior frequência. Desse modo, aguardava os recessos da universidade, para poder realizar a pesquisa.

Em 2018, saí em busca desses primeiros nomes, obtidos através das informações de Sueli Bianco, chegando às senhoras Marlene, Guiomar, esses momentos foram os contatos preliminares, no qual me apresentava, explicava o porquê da visita, e apresentava a possibilidade da pesquisa. Localizava as pessoas e marcava de retornar, nessa conversa informal, indagava se tinha conhecimento de outras pessoas, que soubesse da "formação de Paraíso", instalação da água encanada, e nomes de outras lavadeiras.

Em meio a essas conversas despreziosas acabava alcançando novas informações. Até mesmo via *Whatsapp* consegui indicações de possíveis entrevistados, papeando com conhecidos que residem em Paraíso, e que acompanham e torcem por meu sucesso, pessoal, acadêmico, e profissional, costumavam perguntar quando me formo, sempre respondia:

quando encerrar a pesquisa para o Tcc, alimentando a curiosidade, para que formulassem questionamentos a respeito.

Apresentava de forma breve o que pretendia pesquisar, e perguntava se poderia me ajudar com a pesquisa, me indicando pessoas, me apresentando a quem pudesse colaborar com meu trabalho. Em uma dessas conversas com Jamile Fonseca, uma ex-colega de trabalho, a mesma me indicou dois nomes, e os endereços, se dispondo até mesmo a me acompanhar nas casas de duas mulheres, lavadeiras de ganho, com uma das mulheres que me indicou, consegui realizar duas sessões de entrevistas. A outra senhora, acabei desistindo, pois percebi que necessitaria de muito mais tempo e paciência, duas coisas que não possuo, assim, das indicações de Jamile Fonseca, apenas uma pessoa conseguiu gravar entrevista.

A especificidade da História Oral permite a efetivação de “histórias dentro da história” sendo possível a compreensão de hábitos e contextos que, sem esse recurso, poderiam estar destinados a não se tornarem narrativas das vivências do cotidiano de determinados períodos.

## **LEMBRANÇAS DA NETA DE UMA LAVADEIRA**

Na tentativa de desopilar a mente de toda essa tensão assisti ao filme o *Contador de Histórias* (2009), recordo-me de uma cena e fala da personagem que dizia o seguinte; “A minha mãe era lavadeira, ela deixava as roupas tão brancas, que parecia que ela pendurava nuvens no varal, eu morava com ela e com os meus nove irmãos, eu era o menor de todos o caçula”, esse trecho da narrativa fílmica desperta lembranças da minha infância de quando minha avó lavava roupas de ganho.

Apesar de não ter nove irmãos, minha avó desenvolvia o ofício de lavadeira de ganho, assim recordo dos varais dentro de casa numa casinha estreita, no inverno a cena de várias roupas brancas estendidas na sala de casa. Era um trabalho árduo, mas era o que desenvolvia, pois, meu avô trabalhava na roça e nem sempre o pagamento era suficiente para as despesas essenciais, assim minha avó complementava com o dinheiro do seu trabalho, bem como para poder arcar com os medicamentos dos quais fazia uso.

Com fama de boa lavadeira trabalho não lhe faltava, de verão a inverno, minha avó estava esfregando a barriga na pia, assim sua pele da barriga de tanto ser molhada já estava muito sensível, então o meu tio esqueci o número agora dentre os oito filhos de minha avó, estava com uma condição um pouco melhor, pois trabalhando como taxista em uma cidade mais desenvolvida, certo dia em um telefonema perguntou quanto ela chegava a faturar por mês com seu serviço, ela fez o cálculo, pois tinha suas finanças bem organizadas, então meu

tio passou a enviar o dinheiro, não me recordo quanto era, mas minha avó fez esse percentual, a partir disso deixou de ser lavadeira de ganho.

Essas lembranças facilitaram e aproximaram o contato com as lavadeiras de ganho. Despertando confiança para existir a aproximação que se faz necessária para um bom diálogo e concretização da entrevista em História Oral.

## **METODOLIGIA EM HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA ENQUANTO FONTE COM O USO DA HISTÓRIA ORAL**

O método adotado, da História Oral, se adequa a essa investigação, pois serão utilizados os depoimentos dos antigos moradores, em um processo de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido, centrando-se na memória, sendo indissociáveis memória e História Oral.

Ciente que existam autores outros que produziram a despeito da História Oral, em diferentes tipologias como História da história oral, o estatuto da história oral, como fazer história oral, esta pesquisa utiliza como suporte teórico o *Manual de História Oral* de Verena Alberti (2004), pois está enquadrado no como fazer história oral, contém orientações e informações muito precisas e objetivas fornecendo instrumentos eficaz para o pesquisador desenvolver as etapas que envolvem o fazer da história oral. Bem como é uma referência muito utilizada em nosso *campus XVIII* indicada pela maioria das professoras que orientam sobre essa metodologia.

Estabelecemos contato preliminar com as (os) informantes em potencial, com a finalidade de nos aproximarmos e fazer o convite para que participassem desse projeto de trabalho de conclusão de curso, pois a recusa da participação dessas pessoas seria um entrave ao desenvolvimento da pesquisa, o que se investiga, não está acessível em livros, arquivos, bibliotecas, etc., mas sim, na memória dos habitantes de Paraíso.

Já que, a memória tem a capacidade de conservar e organizar determinadas informações de acordo com os interesses de cada indivíduo, como afirma Le Goff (1990, p.423) “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

Nesse sentido, a partir das funções psíquicas da memória, em que é possível ter acesso a informações de outrora, embora que de acordo a organização da mente de cada indivíduo,

será possível trazer à existência as hipóteses da presente pesquisa, que estão amparadas nas fontes orais e memória.

As postulações do autor Ricoeur (2007) estão voltadas para a ideia de que a memória é permeada de consciência, efetivação, estando sempre em ação, em muitos momentos sendo o único registro que pode ser acessado/ativado como referência de que algo aconteceu. Porém a ação/atividade que a memória realiza como indicam Bosi (1994) e Le Goff (1990), apenas é possível registrar fragmentos, e conservar certas informações, sendo essas, recordações vivas.

Sendo possível realizar investigação a partir da memória com os métodos adequados, a autora Ecléa Bosi (1994) nos questiona como identificar o que está de forma mais expressiva na memória de um sujeito, bem como explica que, para tal descoberta, é preciso se lançar na empreitada de ouvir os indivíduos, pois somente assim, através da narração, o “sujeito terá plena consciência de que está realizando uma tarefa” (p.39), ocorrerá a ativação da memória, pois, estará realizando a ação de lembrar, esse processo ocorreu mediante conversa e sistematização de perguntas, com base em roteiro de entrevista e algumas informações prévias para poder realizar uma investigação satisfatória.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

Realizou-se levantamento de bibliografias para consultar estudos sobre a temática das lavadeiras de ganho, trajetórias de vidas que trabalham utilizando a metodologia da História Oral, publicações tendo como instrumentos/produto catálogo, coletânea, memorial para corroborar/fundamentar as discussões e argumentações para a feitura da coletânea de entrevistas dos moradores e moradoras do distrito de Paraíso. Assim, estava atenta na busca por referências, assisti à apresentação de dois trabalhos de conclusão de curso no *Campus XVIII-Eunápolis*, em que as produções foram catálogo e memorial, esse último, teve como produto a elaboração de um *site* como ferramenta pedagógica, posterior à aprovação e entrega dos referidos TCC's ao colegiado, tive acesso aos trabalhos.

Dessa forma utilizo como referências as produções acadêmicas dos meus colegas de curso, pois foram os pioneiros a desenvolver esses instrumentos/produtos no *campus* que estudamos. Ao realizar a leitura do *Catálogo fotográfico: Registros históricos de Itabela-BA (1986-2007)* elaborado pela estudante Janieli Santiago de Souza (2020). A autora dialoga na perspectiva da fotografia enquanto fonte histórica, sinaliza como é possível o catálogo elaborado ser fonte, quer seja de pesquisa, quer seja para professores ou até mesmo estudantes das licenciaturas.

Além de apresentar os diferentes temas e contextos que podem ser trabalhados a partir da produção e a elaboração do catálogo que se dispõe a realizar, com originalidade demonstra como o recurso da fotografia é desenvolvido e percebido na cidade de Itabela, mediante entrevista realizada com o principal colaborador para efetivação do produto catálogo, o fotógrafo Cleri Souza Couto, que generosamente disponibilizou seu acervo fotográfico para ser digitalizado, que segundo Janiele Souza (2020, p.16) foi o “pioneiro em fotografias na cidade de Itabela-BA, tornou-se uma figura histórica e popular, que participou ativamente de diversos acontecimentos na cidade”, visto que o profissional desenvolveu seu ofício por 46 anos na cidade.

A autora destaca a importância histórica, social e econômica do Município de Itabela-BA, bem como identifica em seus levantamentos bibliográficos a quase que inexistente presença de produções científicas ou informações históricas sociais da cidade de Itabela, dessa forma objetivou elaborar um catálogo fotográfico de registro históricos, com os eventos cívicos, esportivos, e da Igreja Católica, no período de 1986 a 2007, produzindo fonte histórica sobre a referida cidade, bem como contribuindo para a ampliação de fontes para a pesquisa em História.

A análise realizada sobre a produção do catálogo foi, sobretudo, para compreender a originalidade da produção enquanto produto, levando em consideração que, também estou produzindo um produto/artefato, assim me pareceu significativa a leitura e compreensão sobre a relevância histórica da cidade de Itabela, por se um município localizado no extremo sul da Bahia, assim como o distrito de São João do Paraíso, para além de se tratar da produção de uma fonte enquanto possibilidade de produzir a História, em certa medida apesar de serem temas e fontes de pesquisas distintas, possuem pontos que se assemelham.

A produção do memorial referente ao site *Em Rodas de Vadios: A construção de site como forma de suporte pedagógico para o ensino da Capoeira nas aulas de história*, foi pautada na perspectiva da produção de um produto como suporte pedagógico, em que o autor se ampara nas “novas tecnologias e mediação pedagógica” para enfatizar a relevância do produto, *site*. Bem como mobilização das noções de história regional, ensino de história, e a utilização da capoeira por ser parte da Cultura afro-brasileira. Argumenta a importância do professor de história enquanto mediador de conhecimento para que o estudante possa ser um sujeito crítico.

O autor utiliza recurso fotográfico e vídeos para a construção e elaboração do produto *site* com a finalidade de unir várias possibilidades que já se encontram disponíveis em outros trabalhos acadêmicos e disponível na rede mundial de computadores à internet. Pois, o

trabalho de Reinan Costa destaca-se como pioneiro, por juntar as produções que já estão disponíveis relacionados à capoeira, ensino e novas tecnologias, ensino de história, inserindo em um só lugar, neste caso o *site*.

Pormenoriza os detalhes constantes no site, e como foi construído cada passo, o *site* é organizado com imagens, por abas/sessões de cada item disponível, foi necessário criar um e-mail para armazenar os arquivos e links de vídeos selecionados, com a indicação da quantidade do tempo, em uma plataforma gratuita visando o alcance aos que possuem acesso à internet, o site está muito bem elaborado, visando essa instrumentalização do professor de história e de Cultura afro-brasileira.

Na perspectiva de averiguar como estão sendo desenvolvidos os TCC enquanto produto e buscando inspirações para elaborar a coletânea de entrevistas dos moradores e moradoras é que me lanço na empreitada de realizar leituras de texto que sirvam como protótipos, que tenham alguma semelhança com a produção que almejo. O memorial do site, em certa medida é um acervo aberto e muito bem sistematizado a quem tiver interesse, por essa razão, identifico como contribuição social e acadêmica, bem como para meu TCC.

Ainda nessa lógica, realizei leitura de dois artigos, “História do movimento negro no Brasil: constituição de acervo de entrevistas de história oral (2004)” e “Transformação de entrevistas em livro: uma experiência de edição (2007)” ambos de autoria de Verena Alberti e Amilcar Araujo Pereira. E que, afortunadamente, tive o *insight* de pesquisar a versão final dessas amostras explanadas nos artigos, que foi a compilação do conjunto de entrevistas reunidas em um livro sendo fontes para a história no Movimento Negro, em uma espécie de “livro documentário” que teve como título *Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC (2007)*. Em linhas gerais, os autores apresentam os percursos do projeto até a realização das entrevistas, e o objetivo da pesquisa que “foi formar um banco de entrevistas sobre a história do movimento negro contemporâneo no Brasil, que passou a integrar o acervo do Programa de História Oral do CPDOC” Alberti; Cabral (2007). Passando a destrinchar o avançar das etapas para efetivação das entrevistas e a organização, que entenderam como um “livro “escrito” a partir de vozes gravadas, como se fosse um documentário em papel”. Alberti; Cabral (2007).

Na fase das entrevistas, efetuadas entre setembro de 2003 e abril de 2007, o pai de um dos entrevistadores Amilcar Araujo Pereira, participou como colaborador na pesquisa, com indicação de nomes e contatos de entrevistados em potencial, bem como também concedeu entrevista para a produção de fontes sobre lideranças do movimento negro no Brasil.

A ideia do projeto estava em realizar as entrevistas no CPDOC, porém as circunstâncias colaboraram para conseguir outros entrevistados relevantes, em outras cidades, pois em razão de alguns eventos ocorridos no período. Trabalhar com História Oral, tem que aproveitar as oportunidades que vão surgindo, mesmo tendo em conta que muitas vezes as circunstâncias da realização da entrevista influenciam nos resultados, dessa forma podendo ampliar a quantidade e a qualidade de conteúdo que os entrevistados tem a contribuir, como outras indicações, contatos, assim é um trabalho dessa natureza, sempre na escuta ativa para obter desfechos mais propícios.

Para preparar a compilação do livro, se fez necessário organizar e editar trechos das entrevistas, por temas definidos pelo conteúdo das entrevistas, nessas seleções alguns temas ficaram de fora, não por não serem significativos, mas pela necessidade de seleção, não podendo abarcar todos os assuntos das escutas, reconhecendo o valor de cada depoimento e a generosidade de cada participante da pesquisa sem os quais o livro não poderia ter sido produzido. Na edição optou-se por seguir as normas gramaticais retiradas de vícios de linguagem, o livro foi dividido em 10 capítulos, contendo apresentação geral dos entrevistados uma espécie de biografia e dados da entrevista como data, duração e local, e as entrevistas como textos por temas selecionados pela equipe, respeitando eticamente o conteúdo e o sentido do que os entrevistados se dispuseram a colaborar.

Direcionando as leituras para o tema das lavadeiras de ganho, apreendo tais mulheres como donas de casa que realizavam serviços fora dos seus lares, utilizo a autora Michele Perrot (1988), *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. O capítulo; “A dona de casa no espaço parisiense no século XIX” que discute sobre as funções prescritas para a dona de casa na Paris do século XIX, sendo “a primeira delas dar à luz e criar os filhos”, no entanto não se restringia a isso, mas investida em todo o “tipo de função” também na manutenção da família e execução dos “trabalhos domésticos” que incluíam a alimentação de todos, conservação da casa e da roupa, o transporte de água etc.

Cabe à mulher prezar pela unidade econômica da família, essencial para quem tem poucos recursos. Dessa forma a mulher possui habilidades para desempenhar múltiplas atividades, algumas com fins lucrativos, uma possibilidade é a lavagem de roupas. Associo o contexto da dona de casa analisada por Perrot do século XIX, com as vivências das mulheres do distrito de Paraíso do século XX, pois ainda se assemelham, embora sejam distantes no tempo e espaço, as práticas desenvolvidas no distrito por essas mulheres ainda permanecem.

Verificando a dissertação *A mulher negra na Bahia do século XIX* da autora Cecília Moraes Soares (1994), essa por seu turno elucida a presença de mulheres negras com pouca

instrução nas ruas da Salvador no século XIX, essas mulheres trabalhavam de forma autônoma nas mais diversas atividades, eram quituteiras, domésticas, lavadeiras, etc. Permitindo discutir as condições das lavadeiras na cidade de Salvador, no século XIX. Aquelas eram mulheres que trabalhavam para garantir a sua subsistência e a de seus filhos. Sendo este trabalho direcionado para as relações de trabalho desenvolvidas no período já comentado. Nesse sentido, essa produção corrobora para a realização de outras pesquisas sobre mulheres trabalhadoras autônomas na Bahia.

Adentrando o século XX, Bahia, a pesquisadora Regenilde Rodrigues Santa Barbara, (2007) *O caminho da autonomia na conquista da dignidade: sociabilidades e conflitos entre lavadeiras em Feira de Santana-Bahia (1929-1964)*, destaca as relações de conflitos no ambiente de trabalho das lavadeiras da região de Tanque da Nação, na cidade de Feira de Santana bem como as condições sociais desse grupo de mulheres que buscavam estabelecer alternativas que permitissem ir além da sobrevivência. O ofício de lavadeira realizado por essas mulheres contribuíra para autonomia na administração do seu tempo, pois poderiam lavar as roupas no seu tempo, e estar em casa à noite para cuidar dos filhos. Ainda analisa o processo de urbanização da cidade de Feira de Santana, dado que, em certa medida, constituiu-se de fundamental importância, visto que o *locus* desta pesquisa em andamento sairá da categoria de fazenda para a de distrito, também em um processo de urbanização, o que torna possível tecer um fio condutor das possibilidades de organização dessas cidades.

A pesquisadora Johanna Meyer, (2016) na dissertação *Lavadeiras vão à luta: organização e atuação da alar mes na Bahia (1983-2002)* no qual destaca a escrita da história com a participação das mulheres, sendo o “escutar das vozes femininas enquanto vozes históricas”. O escutar dessas vozes que a autora apresenta pode ser entendido como a concessão da legalização do ofício de lavadeiras de ganho enquanto categoria reconhecida pelo ministério do trabalho através da formação da ALARMES (Associação das Lavadeiras da Região Metropolitana de Salvador) como agente mobilizador da sua categoria. As formas de organização, as demandas, pautas e reivindicações das lavadeiras, sendo seu mote a História das mulheres.

Nesse sentido, os trabalhos analisados se constituirão como lastros para esta pesquisa, visto que contempla aspectos como urbanização, relações de trabalho, conciliação dos trabalhos domésticos com as demandas laborais, bem como identificar as semelhanças ou a completa diferença no labor das lavadeiras, em diferentes contextos espaciais e temporais, desde a Europa do século XIX ao Brasil, Bahia do século XX. O que não exclui a originalidade e viabilidade da presente pesquisa, pois a experiência dessa prática feminina de

lavagem de roupas de forma remunerada no distrito de São João do Paraíso será uma forma de investigar como essas mulheres encontraram alternativas frente às dificuldades de um lugar ainda sem rede de abastecimento hídrico, em que a água se constituía como seu principal instrumento de trabalho.

Diante dos elementos que estão sendo analisados nesta revisão de literatura, utilizo a dissertação *Narrativas de mulheres alunas da EJA sobre como percebem e lidam com a matemática (2013)* de autoria de Sueli Bianco Santos, especialmente o capítulo “Desenho da pesquisa” por apresentar elementos que corroboram com este produto coletânea dos moradores e moradoras de São João do Paraíso. Visto que a pesquisa está delimitada tendo como marco espacial o município de Mascote, mais especificamente o distrito de Paraíso, embora o tema de estudo da professora Sueli Bianco sejam mulheres e matemática, é possível apreender informações relevantes a despeito da contextualização do município de Mascote enquanto produção científica sobre a localidade.

Para além de ser uma produção que utiliza a entrevista em história oral, e por ser na área de Educação não existe referência à metodologia ou método da história oral, no entanto os teóricos Ludke e André (1986) e Bogdan e Biklen (1994) fundamentam a forma como a professora delinea as práticas desenvolvidas para proceder nas e como tratar as entrevistas, e assim é perceptível um trabalho com os critérios da utilização da história oral, embora por ser outro campo de conhecimento não utilize a mesma tipologia utilizada na área de História.

De acordo com Sueli Bianco (2013), os trabalhos realizados pelos moradores de Paraíso em meados de 1976-77 se constituem em “pião de fazenda, cuidador de animais, vendedor ambulante, lavadeira, doméstica, comerciário, carregadores de água (na cabeça, em jumentos ou em carrinhos de madeira) para vender na cidade, visto que na localidade não tinha água encanada”.

O relato não deixa de ser uma memória lembrança de uma moradora de Paraíso, no entanto em outro período e circunstâncias outras, todavia dialoga com as categorias de trabalho mencionados pela presente coletânea de entrevista dos moradores e moradoras de Paraíso. Reconhecendo a pertinência dessa dissertação não apenas como um referencial, mas também como inspiração para esta, que produz esse texto.

## **ESCREVIVÊNCIA E MEMÓRIA**

Em nosso cotidiano usamos vários significados da palavra memória, os aparelhos eletroeletrônicos possuem memória, até mesmo uma aeronave tem sua memória na caixa

preta, pois contém informações essenciais. Busco expressar com esse termo que se trata de um local/espço em que guarda/arquiva/armazena informações, a partir de nossa capacidade humana de retenção de conhecimentos, muito provavelmente permitindo a apropriação dessa lógica da memória para esses equipamentos. A memória como sendo lugar de conservação, reserva de nossa experiência adquirida, das ações e representações em que, “importa, porém, reter o seu princípio central da memória como *conservação do passado*; este sobrevive, quer chamado pelo presente sob as formas da lembrança, quer se si mesmo, em estado inconsciente” (ECLÉA BOSI, 2006, p.53).

Se é que por ventura o consciente possa confundir-se com o subconsciente dando brecha à imaginação em certa medida, pois não é possível de tudo lembrar-se. Nossa memória necessita de espaços em seu armazenamento podendo apagar/esquecer certas informações, sendo assim, considero que nessa produção houve espaço para esquecimento/invenção, pois a memória é construída através de complexos processos, que não são completamente conhecidos e aprendidos em um processo psicológico, para além do que o entrevistado pode de forma consciente esquecer e tentar preencher o esquecimento com invenção. De acordo com o raciocínio de Conceição Evaristo “e como a memória esquece, surge a necessidade da invenção”. (EVARISTO, 2018, p.9)

Aproprio-me do conceito de “*escrevivência*” como possibilidade teórico-metodológica, pois a esteira da presente redação se dá em um escrever e viver, por entender que é uma escrita a partir de uma experiência e “uma vivência, que foi minha e dos meus” Evaristo (2018, p.9), evidenciando memórias individuais com o olhar no coletivo. Facultando a junção história com a literatura visto que esta tem relação intrínseca com a memória, bem como possui seu estilo próprio de escrita literária.

A obra literária é uma produção fruto de seu tempo histórico, que tem relação umbilical com as memórias em plural, coletiva/individual/cultural/subterrâneas. Assim, o termo *escrevivência* cunhado por Conceição Evaristo é do fazer literário como uma forma de “perseguir uma escreviência” (EVARISTO, 2018, p.9).

A narrativa da obra *Becos da Memória* é sobre o cotidiano em uma favela nos anos de 1987/88 em Belo Horizonte, a personagem principal escutava histórias que lhe causaram inquietude, pois pensava que deveriam ser recontadas, mereciam que outras pessoas tomassem conhecimentos dessas narrativas e dessas personagens que estavam nos becos da favela onde morava, que posteriormente se constituíram em *Becos da Memória*. (EVARISTO, 2018).

A autora escreve a obra como “homenagem póstuma as pessoas que habitavam os becos da sua memória, às crianças, lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol”. (EVARISTO, 2018, p.13). Para que as histórias de vida dos que já morreram e dos, que vivos estão, mas que não se sabe até quando, possam ser registradas, como forma de salvaguardar a memória do lugar.

Dessa maneira faço alusão dos personagens da obra literária aos moradores de Paraíso, ainda que em espaços geográficos diferenciado do distrito, pois promoveram alternativas para sobreviver em meio às dificuldades tantas que enfrentaram ao longo de uma vida de muito trabalho, e da necessidade de prover o sustento no sonho de melhores condições de vida e moradia. A maioria das pessoas entrevistadas conseguiu e apresentou com orgulho a casa construída com fruto de seus esforços do trabalho.

As minhas inquietações, fruto da memória de um tempo que passou, em relação ao sistema de abastecimento hídrico e a suspensão do fornecimento de água os moradores nas disputas pela água no chafariz público, se misturam, que, já não consigo precisar o que vivenciei e o que ouvi contar. Como na ideia de Bosi (2006), esse enredo pode não ser uma recordação minha, mas de tanto ouvir acabei incorporando como vivenciada por mim, assim promovendo outras interrogações fruto do amadurecimento para elaborar o presente texto, o que possibilitou, constituir essa coletânea de entrevistas das memórias de alguns moradores/as, a qual almejo que outros/as pesquisadores/as se dediquem a realizar seus estudos a partir da fonte ora produzida, para que possa ser multiplicada em outros desfechos.

As postulações engendradas no livro *Memória e sociedade: Lembranças de velhos* (2006) pela autora Ecléa Bosi, me foram caras enquanto método e aporte teórico visto que se trata de “um estudo de memórias de velhos”, pois entrevistou pessoas maiores de setenta anos, no espaço social predominante dos entrevistados – a cidade de São Paulo.

O intento com as entrevistas se baseava em alcançar uma memória pessoal, mas também social, utilizando como método principal, estabelecer vínculo de amizade com os entrevistados, que foram 8 idosos com histórias de vidas e contextos sociais distintos tendo em comum suas vivências no espaço social da cidade de São Paulo. Assim sendo, me apropriei dessa busca por uma memória social/pessoal com os idosos que entrevistei ao longo da pesquisa.

A intenção da realização das entrevistas enquanto uma memória social também se configura em uma memória individual, visto que, por mais que exista um fato coletivo comum na investigação serão as impressões e percepções de cada sujeito sobre um mesmo

acontecimento, pois é o indivíduo em sua individualidade que recorda. No entanto, o entorno social pode e frequentemente interfere na memória. Como nas palavras de Bosi:

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma *história* dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato de entrada em nossas vidas. Elas foram formuladas por outrem, e, nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal. Na maioria dos casos creio que este não seja um processo consciente. (BOSI, 2006, p.407).

Somos apenas uma testemunha em um fato histórico, pois nossas memórias se entrelaçam com outras pessoas. O caráter corpóreo, artesanal e manual presente ao longo das narrativas dos velhos de Ecléa Bosi, (utiliza essa nomenclatura, para tipificar aos idosos normalmente aposentados acima de sessenta anos) se justifica, pois, das 8 pessoas entrevistadas 5 precisaram trabalhar ainda na infância resultando em grande parte, as lembranças dos velhos, de maneira mais predominante, a memória do trabalho, sendo este o fio condutor mais significativo que também levei em consideração no cotejar das entrevistas por mim realizadas.

Em cada entrevista, ainda que alguns temas não tenham sido tão aprofundados, é possível extrair relevantes formas de sobrevivências e experiências com trabalhos realizados de forma autônoma, bem como a resiliência e sabedoria das mulheres, não de forma romantizada, mas a partir do significado de luta por sobreviver com melhores condições ou de forma menos precária, para não faltar o essencial para si e seus filhos. São exemplos de habilidosas administradoras de seus haveres, três das quatro lavadeiras se orgulham de ter construído suas casas com o esforço de seus trabalhos de lavadeiras de ganho.

## **DOIS DEDOS DE PROSA DE COMO FAZER A HISTÓRIA ORAL**

Para conceber uma pesquisa em História Oral, após a soma das leituras realizadas aparenta como elementos óbvios os desdobramentos utilizados, mas no princípio desta pesquisa em que praticamente a convicção era bem Socrática “só sei que nada sei”, os primeiros contatos com as literaturas sobre essa abordagem historiográfica e metodológica se constituíram como instrumentos primeiros para a realização do método. No entanto, são imprescindíveis algumas definições como: seleção dos entrevistados, elaboração de roteiros que podem ser parciais, individuais e gerais, para iniciar a incumbência da entrevista.

Quanto aos cuidados para escolha do entrevistado uma vez que previamente este levantamento foi realizado, a escolha do entrevistado deve levar em consideração, quer seja a

relevância da pessoa para a conseguir dados singular para pesquisa, ou pode ainda começar pelo mais idoso, ou por quem tiver mais facilidade de agendar a entrevista. São vários os critérios a serem observados quando realiza pesquisa em história oral.

Diante das definições prévias para trabalhar com História Oral compreendo que não é somente realizar uma entrevista com critérios ou com total ausência deles, conforme Verena Alberti (2004), é necessário o processamento das entrevistas, que é quando a entrevista adquire a forma escrita. A essa etapa chamamos de transcrição, que envolve grande esforço e concentração, bem como a conferência de fidelidade e instrumentos de auxílio em consulta em sua versão final para publicação que são sumários, fichas técnicas e temas que convém levar em conta algumas regras de transcrição e apresentação das entrevistas de História Oral, podendo priorizar o texto na íntegra ou optar por uma melhor legibilidade do texto.

Dentre os procedimentos dessa metodologia o mais demandante é a transcrição pois “trata-se de um primeiro esforço de traduzir para a linguagem escrita aquilo que foi gravado” (ALBERTI, 2004, p.174). Esse ponto pode gerar algumas divergências de opiniões, pois depende de cada programa ou interesse do pesquisador as seleções e manutenções do que foi gravado na íntegra ou optar por correções na norma ortográfica, porém, cabe obviamente por questões éticas conservar o mais fiel o testemunho, “devemos ter a preocupação de respeitar o discurso tal qual se passou e não completar o pensamento ou expressão por nossa conta” (ALBERTI, 2004, p.202). A transcrição tem seus critérios para a apresentação na versão escrita, facultando a norma ortográfica ou manter o texto literalmente como se percebeu no momento da escuta, mas, sobretudo o que não se deve fazer são acréscimos, para dirimir dúvidas de passagens/trechos de uma entrevista existem várias opções, como retornar ao próprio entrevistado para pedir mais informações e explicações, pesquisas, as anotações do caderno de campo, e as notas explicativas que podem auxiliam a “traduzir para a forma escrita situações percebidas no momento da entrevista, ou durante a escuta” (ALBERTI, 2004, p.203).

A realização de uma boa transcrição dependerá de um ponto não menos importante e fundamental para as demais etapas, que é o local que a entrevista será realizada. O Lugar da entrevista e as condições, se tem familiar presente, se chega outras pessoas na casa ou no trabalho do entrevistado tem influência no resultado final da entrevista. Conforme sê-lhe no fragmento a seguir:

Não existe recomendação particular quanto ao lugar, mas este condiciona o depoimento colhido. É preciso ter consciência disso e levá-lo em conta na análise, nunca esquecendo a influência que pode exercer a presença do esposo ou da esposa e o ambiente, seja ele qual for. (TOURTIER-BONAZZI, 2006, p. 236).

Embora não exista obrigatoriedade do local da realização da entrevista, as condições de ausência de ruídos, falas simultâneas, interrupções favorecerão o trabalho da transcrição, facilitando assim as demais tarefas subsequentes.

A entrevista é o momento em que efetivamente se concretiza “o fazer a história oral” Alberti (2004, p.80). Ao realizar uma entrevista em história oral não apenas deve estar atenta as técnicas para o bom proceder da entrevista ou a qualidade do material que será colhido, mas deve estar concentrada ao seu interlocutor, pois é essa pessoa que deverá estar de forma muito cômoda e receptiva a ser indagada. Sobretudo é preciso respeitar o tempo e os limites.

O historiador ou historiadora como nas palavras de Danièle Voldmon, precisa tomar emprestado “as contribuições da sociologia, psicologia e psicanálise [...] saber que o não-dito, a hesitação, o silêncio, a repetição desnecessária, o lapso, a divagação e a associação são elementos integrantes e até estruturantes do discurso e relato” (DANIÈLE VOLDMON, 2006, p.38). Assim sendo, para além das normatizações o tratamento cordial, atencioso com o colaborador da pesquisa é de suma importância e, sobretudo respeitar as ações, reações e emoções quando se escuta os relatos.

Antes de ser realizada a primeira entrevista, é preciso fazer um contato informal com as pessoas que se pretende entrevistar, visando uma apresentação breve do projeto de pesquisa as razões da pesquisa da pesquisadora/pesquisador na intenção de estabelecer possibilidade de aceitação ao convite para ser um colaborar voluntário para a pesquisa. É preciso explicar e esclarecer a importância do entrevistado para a pesquisa em desenvolvimento.

Parafraseando Verena Alberti (2004), o contato inicial com o entrevistado pode ser realizado de diversas maneiras, por telefone, e-mail, etc. As informações trocadas na conversa preliminar devem ser anotadas, pois é a partir desses relatos que a entrevista com o recurso gravador será possível. E também a elaboração de um roteiro individual de entrevista. Nesse primeiro contato abrem-se diversas possibilidades, para além do que é relatado, cabe ao pesquisador perguntar se tem algum documento do período em que está pesquisando que seja de seus guardados particulares ou pessoais, como cartas, fotografias...

As cartas foram postas sobre a mesa, o colaborador conhece as razões e tem seu direito de aceitar ou recusar-se, o contato realizado por mais de uma vez à pessoa favorecerá gerar vínculo e assim, provavelmente, se a pessoa estava resistente a participar da pesquisa ela poderá acabar aceitando o convite, pois já terá empatia com o pesquisador. No entanto, nem sempre o pesquisador dispõe de tempo disponível para insistir com um possível informante,

mas dentro das circunstâncias possíveis é de muito valor esse acercar-se ao colaborador. Essa atenção, segundo Chantal de Tourtier-Bonazzi:

É indispensável criar uma relação de confiança entre informante e entrevistador. Disso depende o sucesso. [...] Essa relação de confiança exige do entrevistador uma grande disponibilidade e, portanto, parece indispensável ter um primeiro encontro com a testemunha, preparar o esquema da entrevista e voltar alguns dias depois para gravar. (TOURTIER-BONAZZI, 2006, p.234)

Posteriormente ao momento de conquista/cortejo do colaborador, dependendo da disponibilidade do colaborador é conveniente agendar de imediato um próximo encontro para realizar a gravação da entrevista, em um curto espaço de tempo entre um contato e outro, é o mais indicado, por terem conversado sobre o tema que está sendo pesquisado. Assim, o colaborador para efetivação da pesquisa, poderá refletir sobre os pontos comentados e já ir se preparando no sentido de ir recordando de forma relaxada acontecimentos e experiências que vivenciou, e com estímulos do pesquisador no momento da entrevista poderão ser pertinentes aos objetivos da pesquisa.

O pesquisador, após realizar o contato preliminar, deverá providenciar a elaboração do roteiro que de acordo com Verena Alberti existem três tipos como:

Há, portanto, três tipos de roteiros a serem elaborados em fases distintas de um trabalho com história oral: o roteiro geral, os roteiros individuais e os roteiros parciais. O primeiro deve ser elaborado após a etapa de pesquisa exaustiva sobre o tema, constituindo momento de sistematização do conhecimento adquirido e instrumento que garante a unidade de todas as entrevistas. Ao longo da pesquisa, ele poderá ser revisto e aprimorado. Os roteiros individuais são elaborados a partir de um cruzamento da biografia do entrevistado com o roteiro geral. Considerando-se as inter-relações entre o caso daquele sujeito e o tema geral da pesquisa (ALBERTI, 2004, p.98).

É recomendável que os roteiros das entrevistas sejam um guia para nortear as conversas, para auxiliar que o entrevistador esteja atento ao conteúdo a ser investigado. No entanto, o roteiro não é uma “camisa de forças”, é possível realizar alterações no roteiro, no momento mesmo da entrevista surgem novos questionamentos, uma entrevista em história oral é adequada que seja semi-dirigida, muito próxima a um diálogo informal sobre um tema que as duas partes estejam interessadas.

Porém, é de fundamental interesse que o entrevistador/pesquisador não abra mão da quantidade de perguntas, contudo, respeitando o entrevistado, se for algo que não incomode, é interessante que busque atingir as respostas a todas as perguntas que foram previamente planejadas, não sendo possível realizar todas em uma sessão orienta-se que deixe agendada outra sessão para desdobramentos outros.

Finalmente é chegado o grande momento de efetivamente fazer a história oral na realização da entrevista, pois as etapas subsequentes só são possíveis a partir da entrevista. O pesquisador estará de posse do roteiro e do gravador e o entrevistado deverá ser informado da utilização desses instrumentos, bem como da carta de cessão de direitos que conforme a relação de confiança que se estabeleça poderá de início abordar esse assunto ou no final da entrevista.

## **PERCURSO PARA COLETA E COMPILAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

A compilação das entrevistas não obedece a ordem em que sucederam entre 2018 a 2020, o primeiro ano, realizei os contatos preliminares já em mais da metade do segundo semestre. O recurso disponível para conseguir contato com os possíveis informantes se deu de forma bem direta, na base do ô de casa, chamando na porta da casa para uma primeira visita. Conversa sem utilização de gravador, esforçando-me ao máximo na tentativa de extrair informações para desenvolver o roteiro para o momento de gravar as entrevistas. As primeiras entrevistas ocorrerem nos primeiros meses de 2019.

Com um total de 16 entrevistados (as) tendo 18 sessões de entrevistas para a presente coletânea serão utilizadas 10 sessões realizadas com 8 pessoas, que serão elencadas em duas seções, agrupadas por moradores de modo geral, as ex-lavadeiras e uma lavadeira, pois ainda desenvolve o ofício para garantir seu sustento.

No que tange, as entrevistas em sua apresentação algumas das falas podem parecer conter erros ortográficos, porém quando se trabalha com a História Oral, é conveniente que, dentro do possível, se mantenha a forma que os entrevistados costumam expressar-se, conseqüentemente optando pela manutenção da forma de linguagem falada no cotidiano, e as especificidades da História Oral conforme excerto a seguir:

O documento de história oral guarda uma especificidade que o distingue de outras fontes, convém preservar as características da linguagem falada. Assim, os critérios de “elegância” de um texto escrito não são empregados no tratamento da entrevista: na linguagem falada permitem-se repetições de palavras, frases inconclusas, expressões informais etc, que, no texto escrito, são evitadas. (Alberti, 2004, p, 202)

Para desenvolver o roteiro parcial, muitos foram os colaboradores que não lembraria nominalmente todas as pessoas que se dispuseram a construir essa pesquisa. Porém, nem tudo são flores, e tão pouco nuvens por todo o caminho protegendo do sol, muitas foram as caminhadas, e deslocamentos para a casa dos futuros colaboradoras que chegando em suas

casas, compreendiam a pesquisa, mas que não estavam dispostos a colaborar no sentido de prestar a entrevista e conceder autorização com seus dados pessoais, mas acabavam conversando sem a utilização do gravador (nessa pesquisa foi utilizado um aplicativo no celular como gravador de áudio). Nessas conversas normalmente abordavam assuntos do interesse da pesquisa, estavam cientes que estava anotando e registrando mentalmente o teor da conversa. Os relatos poderiam ser usados, porém, menos gravadas e citados seus nomes. Asseguro que não utilizo as informações tal qual foram verbalizadas, tão pouco cito os nomes, mantendo assim como solicitaram total anonimato.

As recusas de não participar da pesquisa, não me esmoreceram, pois quase sempre não saía de mãos vazias, ainda que fosse indicação de uma outra pessoa que provavelmente poderiam colaborar conseguia.

Houveram algumas tentativas frustradas desde o contato inicial seja pela disponibilidade do colaborador em potencial, e algumas percepções que tive em relação a recusa sem ser revelada por algumas pessoas, alguns esquecimentos do combinado para comigo, isso aconteceu com duas pessoas, chegava na casa em dia e horário marcado e não encontrava. Assim embora estivesse de férias e dedicando tempo a pesquisa, acabava desistindo devido à dificuldade e a necessidade de insistência. Se não quer, não posso ser inconveniente insistindo, as pessoas são livres e não estavam obrigadas a participar gratuitamente e generosamente dessa pesquisa.

Cataloguei muitos outros moradores para convidar para esse trabalho, entretanto não foi possível realizar entrevista com muitas dessas pessoas em razão de fatores como disponibilidade, disposição, e até mesmo a morte, a maior parte dos entrevistados tem aproximadamente ou mais de 60 anos de idade, assim no decurso da pesquisa, tive notícia do falecimento de duas pessoas que estabeleci contato. Bem como limitações da própria pesquisadora para realizar todas essas etapas do fazer a história oral.

Nesse percurso em que a memória suscita lembranças mediante estímulos e com indagações, buscando informações para ter base na elaboração dos roteiros parciais, rememorei um trajeto realizado em tentativa de conseguir uma assinatura tempos atrás para minha professora do ensino fundamental Sueli Bianco Santos. Dessa maneira chegando na mercearia de seu Fernando, que foi o primeiro funcionário dos Correios em Paraíso, certamente poderia ter conhecimentos valiosíssimos. Por estar em seu local de trabalho os clientes iam chegando, percebi que seria complicado consegui manter um diálogo sem interrupções de terceiros, mas o senhor com muita boa vontade a medida que atendia seus

clientes ia conversando fornecendo esclarecimentos. A partir desta conversa informal suscitaram elementos para preparar os roteiros, e partindo também de muitas inquietações coletadas.

Cabe ressaltar que recorri à Câmara de vereadores da Prefeitura Municipal de Mascote em busca de documentos oficiais, não obstante, o que constam nos documentos da Prefeitura de Mascote, que é a cidade sede do distrito de São João do Paraíso, são informes a respeito da cidade e não dos distritos referente ao objetivo da pesquisa. Apesar de que não fosse em tentativa de comprovar ou confrontar a veracidade dos dados coletados com os moradores e moradoras, mas para ter outro tipo de fonte. Coadunando com a ideia da autora Elcea Bosi, não pretendemos aqui comprovar “a veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está *no que foi lembrado*, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida” Bosi (2006, p.37). Importando-nos com as lembranças e narrativas dos entrevistados.

## **CIRCUNSTÂNCIAS DE ALGUMAS ENTREVISTAS**

O contato preliminar com colaborador Formigão (Jailson Gonçalves) ocorreu de forma imprevista, o convite para o colaborador foi realizado na rua, pois foi onde o encontrei, recordo que estávamos na praça principal, que é, a Presidente Médici em Paraíso e Formigão (Jailson Gonçalves) estava passando, de repente um *insight* foi como se tivesse passado um filme bem rápido em minha tela mental, de que, da vida inteira tinha a presença de Jailson como sendo o escrivão da única delegacia de polícia do distrito. No momento pareceu pertinente fazer o convite porquê foi um momento em que se deu a oportunidade, quando estava na pesquisa de campo não deixava passar uma oportunidade sequer.

Assim sendo, ali mesmo onde nos encontramos expliquei sobre a pesquisa que estava desenvolvendo, e que seria interessante sua participação, se possível fosse. Marquei para fazer a entrevista não muito distante do dia que realizei o primeiro contato, não recordo com exatidão o intervalo de dias, lembro que não posterguei, pois ao longo das etapas desta pesquisa me empenhei para seguir as orientações contidas no *Manual de História Oral*, desse modo estava ciente que não seria adequado postergar um longo prazo. Ademais estava em período de férias em Paraíso, justamente com a intenção de conseguir contato com os moradores e moradoras para realizar as entrevistas em História Oral.

Em dia e hora marcados me dirigir à delegacia de Paraíso para gravar a entrevista com Jailson, uma vez que já havia realizado contato informal, novamente expliquei as razões e a importância desse trabalho e começamos a entrevista. As circunstâncias em que uma entrevista é realizada influencia muito no conteúdo, e também para realizar a transcrição, embora estivéssemos numa delegacia de um local pequeno. No entanto, havia um outro funcionário no local, e estava com o rádio ligado, então isso foi um fator complicador porque, os ruídos me deixam atordoada, concentração e nervosa, frutos da misofonia, já o entrevistado parecia estar confortável em sua mesa de trabalho, sentados frente à frente comecei a realizar as perguntas.

Em razão de ser uma pessoa conhecida, que, porém, não aconteceu empatia a entrevista aconteceu de uma forma um tanto truncada por ser a primeira vez que conversamos por maior tempo, procedi com os protocolos para “o fazer da história oral”. Também não tinha muito traquejo ainda, mas estava perseverante, e tratando de liquidar todas as perguntas do roteiro, porém estava se aproximando ao meio-dia no momento que percebi, tentei acelerar as perguntas e também percebi o entrevistado interessado em que chegasse ao final da entrevista então assim a medida do possível priorizei as perguntas do roteiro. Concluir agradecendo o seu tempo e à sua disposição.

Neste mesmo dia expliquei sobre a carta de cessão após a entrevista, perguntando ao entrevistado se poderia assinar naquele momento, ou se desejaria que retornasse quando tivesse transformado o áudio em texto, para que pudesse fazer a leitura e assinar, não houve resistência, então nesse mesmo dia a carta de cessão foi assinada.

Após ter realizado essa entrevista, retornando a casa de meu avô, lancei mão do caderno de campo para registrar algumas impressões, para (Verena Albert, 2004) é fazendo entrevistas que se aprende, assim empecei as anotações para aprimorar a realização das próximas entrevistas, desse modo deveria recordar de quando tivesse dúvidas em relação ao que foi dito esperar o entrevistado completar sua linha de raciocínio, e fazendo anotações curtas para evitar esquecimentos referente as dúvidas que foram surgindo, bem como aprender a lidar com o silêncio entre uma fala e outra porque em uma conversa ocorre de fato o silêncio para poder organizar os pensamentos e assim sendo fui me familiarizando e adequando nas demais entrevistas.

Posteriormente à transcrição desta entrevista identifique a necessidade de aprofundar alguns temas que foram surgindo a partir das suas respostas, no entanto não foi possível retornar ao entrevistado. Diante disso, deixo indicação que essa entrevista de acordo aos

interesses do pesquisador tem várias possibilidades e lacunas a serem exploradas conforme a intenção de quem assim desejar utilizar.

Escutei da professora em uma das aulas do componente curricular Pesquisa Histórica o Projeto de Pesquisa, que teria que gastar muita chinela, e assim sucedeu, foi uma chinela lerda, andei nos mais diferentes horários de sol mais intenção de pleno verão de janeiro e fevereiro, assim, tive por companhia o trecho da música de Gilberto Gil (1982) “andar com fé eu vou que a fé não costumar faia”, para aliviar as caminhadas em direção a casa dos colaboradores.

Os horários das entrevistas na sua grande maioria foram definidos por quem seria incomodado, em razões de seus compromissos pessoais. Assim, a alternativa que era me adequar a disponibilidade dos colaboradores em potencial, ou escolher meu conforto e não realizar a entrevista.

No começo das entrevistas costumava me apresentar, explicava de forma resumida e de maneira mais informal sobre a pesquisa, bem como a necessidade de realizar a entrevista, passados esses primeiros momentos, solicitava à entrevistada que falasse um pouco sobre si, uma espécie de apresentação em linhas gerais. Dessa forma, ficava atenta às informações, pois as mesmas poderiam servir para desdobramentos outros. Começo sugerindo alguns assuntos para que se sentisse mais à vontade em falar sobre sua vida.

Quando a entrevistada se percebeu conversando com uma pessoa disposta a ouvir, identifiquei o momento oportuno de adentrar ao roteiro semiestruturado previamente elaborado, assim pergunto: Quais as razões que lhe trouxeram/direcionaram a São João do Paraíso? E porque a escolha dessa localidade? Após escutar atentamente sua explanação, agradei a gentileza de me receber, solicitei indicações de outras pessoas que pudesse colaborar com a pesquisa.

Como tenho memória afetiva com alimentos, recordo que passado algum tempo depois de haver transcrito a entrevista, levei a carta de cessão para ser assinar, cheguei no momento que Regina preparava cuscuz de puba com coco, pediu que eu aguardasse, não apenas para poder me atender mas para que pudesse desfrutar do café da tarde com ela. Dessa casa sair não apenas com os resultados almejados no tocante a pesquisa, mas com algumas receitas anotadas e a lembrança de uma tarde bem alimentada e agradável.

Através da recomendação da minha ex-colega de trabalho, procuro Zinha (Elza Miranda Santos), não conhecia essa senhora que é lavadeira de roupas, para chegar em sua casa primeiro bati palmas chamando “oh de casa”, em outra residência de uma mulher que também atende pelo apelido de Zinha, meio desconfiada (pois achei estranho trabalhar como

lavadeira de ganho) pois essa sim, tinha um certo conhecimento não muito. As duas senhoras moram a poucos metros de distância no bairro que os paraisenses costumam chamar de “do outro lado da pista”. Chamei na casa da Zinha que não lavava roupas de ganho, mas me informou, comentando que era frequente as pessoas chegarem primeiro a sua casa procurando a lavadeira, agradei e caminhei para a casa da Zinha que realmente estava procurando.

Chegando no portão da casa percebi que estava tudo muito silencioso, chamei, chamei, porém não saiu ninguém. Retornei no outro dia, a senhora estava sentada na calçada tomando vento e conversando com uma vizinha. Apresentei-me, e para minha surpresa, ela sim, sabia quem eu era, onde trabalhei, que tenho uma irmã, inclusive quem era meu avô.

Fui convidada a entrar, mas preferi explicar a razão da minha visita na calçada mesmo. Zinha foi muito amável e receptiva, mas ficou sem saber se teria o que me falar, esclareci que seria uma conversa e que faria umas perguntas, mas que não se preocupasse que seriam a respeito do seu cotidiano e trajetória em Paraíso. Desse modo, defini o melhor dia e horário para que eu pudesse retornar, que foi cerca de uns 3 dias depois. Finalmente no dia 15.02.2019 realizei a primeira sessão de entrevista, e somente em 08.10.2019 a segunda sessão.

A maneira que encontrei para, de certa forma, romper a formalidade com Zinha e demais entrevistadas foi pedir para falar um pouco de si, a partir de algumas sugestões que fiz, para depois adentrar às perguntas elaboradas no roteiro para não assustar de cara, para de fato conduzir a conversa de forma fluída e agradável.

Mesmo me esforçando para ser uma conversa sem a pressão de estar com o celular gravando, foi necessária uma explicação sobre o procedimento de gravação e anotações que realizava, pois, Zinha fazia pausas na fala para esperar que eu terminasse de escrever o que ela estava a dizer, visto que a prática de estar com caneta e caderno diante de uma pessoa em uma conversa no cotidiano da entrevistada não acontecia. Assim, expliquei que realizava pausas para fazer ligeiras anotações, de uma frase ou outra, pois depois iria escutar a gravação e ficaria mais fácil para eu trabalhar com a entrevista, mas que estava prestando atenção ao que ela estava dizendo, que não precisava interromper sua fala, pois eu trataria de dar conta do recado. Por se tratar de pessoas idosas e algumas não tiveram a oportunidade de estudar, adotei como prática nas demais entrevistas, realizar essa informação referente às anotações, antes de começar a gravar a entrevista.

Apesar dos relatos de uma vida de muita dificuldade, os quais eu não estava preparada para escutar, não aprofundi alguns temas que foram surgindo com as respostas da

entrevistada que, muito gentil, tratou para que eu abreviasse a entrevista, uma vez que necessitava atender a sua mãe que já tem em idade muito avançada e é enferma.

Quando fui à sua casa para agendar a segunda sessão de entrevistas, meses depois, ela me recebeu, mas estava às voltas com sua mãe em razão de colher amostras para fazer exames, materiais que necessitava. Passados alguns dias, retornei, desta vez ela estava com visitas em casa, mas prontamente me convidou para entrar em uma parte mais interna da casa para que pudéssemos ficar mais distantes e tranquilas, longe dos demais para realizar a entrevista. Foi uma conversa mais breve, visto que havia transcrito a entrevista, assim necessitava apenas de algumas informações complementares, bem como solicitar autorização gravada para utilizar as duas sessões de entrevistas, pois não sabe assinar.

Muitas foram as vezes que houve um hiato entre agendar uma visita e conseguir realizar a entrevista, embora estivesse com dia e horário marcados. Algumas vezes estava finalizando etapas do seu serviço de lavar roupas, pois mesmo passados tantos anos, e muitas modificações em Paraíso na contemporaneidade e com o uso dos eletrodomésticos (tanquinho e máquina de lavar), se mantém realizando seu ofício, e não faltam clientes, devido a seu cuidado com as roupas, tem orgulho do trabalho que faz, pois diz que é o que sabe fazer. Assim, por vezes fomos impedidas de cumprir com nosso combinado, seja por chegar um cliente, ou até mesmo por perceber que Zinha precisava conversar um pouco, invertendo os papéis, começava a perguntar sobre minha vida, assim fomos estabelecendo afinidades, sempre que me despedia, o convite para retornar para um café era feito.

O contato com a senhora Maria da Glória Sacerdote Tiago (D. Maria Sacerdote ou Maria de Pedro), foi uma sugestão de uma das entrevistadas D. Guiomar acredito que foram contemporâneas na lavagem de roupas, as duas moram na mesma rua, uma no começo e a outra mais para o final. Fiquei surpresa com essa sugestão, já que já fui vizinha de D. Maria Sacerdote, mas não tinha ideia de que havia sido lavadeira de ganho, provavelmente no período em que morei ao lado de sua casa, já não era mais lavadeira, ou talvez não tivesse conhecimento do trabalho que realizava ou havia realizado em sua vida.

Como na maior parte das circunstâncias de contato com um informante em potencial, embora não tivesse muita lembrança da pessoa, as pessoas sabiam e se lembravam de mim, desse modo no primeiro contato com D. Maria (Maria da Glória Sacerdote Tiago) não foi diferente, perguntou por minha mãe e por meus irmãos.

Quando fiz o primeiro contato não definimos dia e horário para realizar a entrevista, em vista disso, tão logo concluí a entrevista com Jorge Rodrigues (Jorge Bigode Grosso), resolvi passar na casa de D. Maria porque estava bem próximo. Porém, já estava em avançado

horário do período da manhã, praticamente na hora de preparar o almoço, nós não tivemos como conversar por mais tempo. No entanto, saí de sua casa deixando agendado voltar no período da tarde.

Retornando para realizar a entrevista D. Maria me convidou para ir até a sua cozinha, onde tem uma mesa grande, nos sentamos frente a frente. Na casa estavam seu companheiro e o cunhado. Comecei a entrevista, a conversa foi se estendendo e, em algum momento, seu companheiro faz um comentário.

Inesperadamente iniciou uma copiosa chuva, agradecemos pela chuva, porém começou a fazer um barulho muito forte no telhado de Eternit. Depois da entrevista D. Maria me acompanharia à casa de Elza que também foi lavadeira de ganho, em razão da chuva não foi possível, por outras questões, acabou que não cheguei a realizar contato preliminar com a Elza. Devido ao barulho forte da chuva no telhado de Eternit fui surpreendida com uma pergunta, “você toma um cafezinho”?

E assim a entrevista chegou ao final, como em uma pausa ou término de uma conversa despreziosa. Me preparava para finalizar agradecendo, mas D. Maria fez com que não houvesse essa formalidade/ ou gentileza de minha parte, o que é perfeitamente compreensível, afinal ela estava recebendo uma visita em sua casa, assim sendo, ela mesma decide o que e quando irá oferecer um café.

Aprendi muito com o corpo docente desse *campus* XVIII, não somente sobre ser docente e cada aspecto desse vasto universo que é a História, mas, como ser humano, “à medida que aprendemos a ser humano, cada um de nós se organiza, se descobre, se realiza para ser humano [...]” Ana Claudia Q Arantes (p.119, 2019), dentre esses aprendizados e descobrimentos, guardei muitos ensinamentos, mas em relação à pesquisa utilizei sem limites, o falar do objetivo pesquisado para quem quisesse ouvir, assim, principalmente quando estava em Paraíso fazia questão de comunicar sobre o estudo que estava realizando, bem provável que até “as pedras ouviram”. Dessa maneira, cheguei à casa de Maria Lenilza Sacerdote, (Bezuita) por intermédio de uma irmã da igreja (Idaiane), devido minha prática de comentar sobre meu TCC, pois ambas são vizinhas, ela recordou que tinha conhecimento que a vizinha já lavou roupa de ganho, quando Paraíso não tinha água encanada, diante dessa informação, pedi que me fizesse a gentileza de conversar com a senhora, abrindo o caminho em tentativa de facilitar o acesso a Bezuita.

A Idaiane ficou a cargo de providenciar o dia para poder realizar o contato preliminar, chegando à casa de Bezuita, a senhora estava um tanto hesitante em conversar comigo, em virtude de não me conhecer. Expliquei minhas razões e, ancorada ao nome de Idaiane, insisti,

seguramente sua vizinha não faria nada que fosse para prejudicar a senhora, desde quando são vizinhas, a senhora não me conhece, mas Idaiane me conhece e certamente não iria colocá-la em risco. Ela estava com muito medo e também insegura de não saber responder o que eu fosse perguntar, esclareci de forma bem simples qual era o meu interesse.

Expus algumas das perguntas para deixá-la informada, se assim fosse sua vontade poderia pensar, se consentia meu retorno em outro momento. Acredito que o susto por uma desconhecida querer entrevistá-la, tenha sido superado, à medida que fomos conversando, percebi que conhecia um de seus filhos, então, a partir de um elemento familiar à senhora, consegui estabelecer uma conversa menos tensa no desenrolar dos assuntos por conhecer o filho e sua nora. Dessa forma, decidi por conceder a entrevista naquele momento mesmo, não sei se porque se convenceu de que não seria algo tão difícil, ou porque não fosse arriscado ou apenas não desejaria que retornasse à sua casa, bom, fato é que consegui realizar a entrevista.

Costumava, nas andanças pelas ruas de Paraíso, estar preparada para imprevistos relacionados aos sujeitos a serem entrevistados, tais como: a pessoa não estar em casa, não poder me receber ou não querer conversar, ou ainda, para ser agraciada com sugestão de outras pessoas que pudessem colaborar com a pesquisa, levava comigo o celular, que foi o aparelho que usei para realizar todas as gravações, o caderno e várias canetas, pois podia ser que alguma delas não servisse, justo quando precisasse utilizar, e o roteiro semiestruturado. Por estar munida de todas essas ferramentas é que foi possível, sem ter agendado, a entrevista com Bezuita ser realizada no mesmo dia em que ocorreu a primeira visita.

Apesar de tanto a minha família materna quanto a paterna serem conhecidas de dona Guiomar desde os tempos que viveram em fazendas próximas, antes de fixarem residência em Paraíso, não pensei de imediato em seu nome como uma informante em potencial, depois de muito refletir sobre o ainda projeto de pesquisa, acabei chegando à sua casa, que foi de extrema importância para adquirir informações, até mesmo para trazer a existência o projeto de pesquisa, bem como colaborou para a elaboração do roteiro parcial.

Como tinha fácil acesso a D. Guiomar, não precisava de muito protocolo, era uma visita de gente conhecida. Tão somente chegava em Paraíso, poderia ir à sua casa para saber se tinha tempo livre para me ajudar com meu trabalho. Estive em sua casa muitas vezes, não apenas para adquirir informações, mas para fazer uma visita social mesmo.

Era sempre muito prazeroso estar na companhia de dona Guiomar, não porque é uma conhecida de longas datas, mas porque é muito engraçada. Os/as leitores/as irão se dar conta

disso ao ler as experiências vivenciadas no ofício de lavadeira informadas nas duas sessões de entrevistas realizadas com ela.

Quando cheguei para realizar a segunda entrevista, desde a porta de entrada da casa, sinto um cheiro de uma coisa sendo aquecida, como se fosse uma panela esquecida na boca do fogão ligado. Já entrei perguntando o que estava queimando, por termos laços de amizade com a senhora de 80 anos, mesma idade que teria minha avó se estivesse viva, coincidentemente as duas nasceram no mesmo ano, não sei se esse dado tão simples me fez ainda mais enxergar D. Guiomar com olhos de muita ternura.

Sentei e esperei D. Guiomar aparecer, lá vinha saindo da cozinha com a mão branca, suja de farinha de puba, pois estava preparando uma massa para preparar beiju na palha de bananeira. Me convidou para irmos para cozinha, se sentou ao meu lado, começando a dizer que “o trabalho que também fazia era esse; fazer beiju, tirar goma, fazer puba, trabalhei em farinheiras. É só isso que sei fazer, não sei falar mais coisas não”. No sentido de dizer, “já falei dos trabalhos que realizei em minha vida, não sei se ainda tenho algo a responder dessas suas perguntas”

Uma vez que havia entrado em assunto, expliquei que se tratava apenas de retornar alguns pontos, a partir do que já havia dito. Em seguida avisei que iria fazer o procedimento inicial para realizar a gravação, avancei para as perguntas, dessa vez o roteiro estava elaborado especificamente para o ofício de lavadeiras de ganho, buscando aprofundar assuntos que foram surgindo quando da primeira sessão de entrevista, identificados depois da transcrição.

Encerrei a entrevista e, sem perder tempo, me convidei para comer o beiju que estava a ser preparado. Na primeira tentativa não estava dando certo, deixando-a injuriada. Experimentei do beiju que estava para ser finalizado, o que não deu muito certo, proseamos um pouco mais, me despedi avisando que precisaria retornar mais uma vez para que pudesse assinar a carta de cessão de direitos.

## **COMPILAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

A primeira sessão das entrevistas separo como moradores de modo geral, o escrivão da delegacia, a ex-encarregada do único guichê de vendas de passagens, esta última estabelece moradia em Paraíso em razão de sua mãe resolver viver nessa localidade, a mãe, além de feirante tinha uma pequena pensão.

O ex-aguadeiro Jorge, que também desenvolveu outros trabalhos em Paraíso para poder sobreviver. Muitas foram as razões que conduziram essas pessoas a fixar moradia nesse povoado em seu início.

A senhora Eunice, comerciante, chegou em razão de um casamento é do norte da Bahia, aborda sua percepção de começo/formação de Paraíso, bem como a narrativa referente ao processo para instalação do abastecimento hídrico, ou como os moradores do lugar dizem “a chegada da água encanada”.

A segunda seção de entrevistas dedico às ex-lavadeiras de ganho e a uma lavadeira, porque elas estão envolvidas diretamente, no seu ofício, com a falta do abastecimento hídrico canalizado nas suas casas, apesar disso realizavam seu trabalho nos Rio Pardo e São João com água em abundância e, assim, conseguiram também sobreviver nesta localidade.

## **MORADORES E MORADORAS<sup>2</sup> DE PARAÍSO**

**Regina Célia Silva de Carvalho**, chegou em Paraíso por volta de 1977 com 19 anos de idade, natural de Itabuna, sua mãe decide fixar domicílio em Paraíso, por haver encontrado um lugar que viu possibilidade de lucros com o comércio que já desenvolvia em Itabuna. Por ser um povoado que ainda estava se desenvolvendo pareceu ser uma boa oportunidade. Aos 61 anos aposentada, tendo como ocupação o serviço do lar e as atividades religiosas. Concedeu a entrevista residindo no mesmo endereço desde que se mudou para Paraíso.

Data: 24/01/2019.

Duração: 51:34 min

Local: Residência da entrevistada.

Páginas: 8

**Eunice Dantas**, chegou em Paraíso no dia 28 de julho de 1978, com aproximadamente 18 anos de idade, natural de Crisópolis região norte da Bahia, trabalhou como comerciante por 40 anos. Mãe de duas filhas, esteve envolvida nas atividades

---

<sup>2</sup> Todas as entrevistas com exceção a da senhora Eunice Dantas foram por mim realizadas em Paraíso, no contexto da pesquisa “Lembrar-se é ter uma lembrança ou ir em busca de uma lembrança”: Coletânea de entrevistas de alguns moradores e moradoras de São João do Paraíso- Mascote Bahia, para o Trabalho de Conclusão de Curso TCC da estudante Luciara Santos dos Anjos e posteriormente transcritas, conferidas e revisadas.

administrativas da Igreja Católica. Acompanhou de perto o pouco desenvolvimento que ocorreu no distrito, “e Paraíso, o que cresceu; crescemos junto”. E decidiu mudar-se para outro estado aos 58 anos de idade, assegurando que teve “Uma vida normal como qualquer outra pessoa vivia, não tenho mais o que esclarecer”.

Data: 16/06/2019.

Duração: 13:33 min

Local: Via mensageiro de celular *WhatsApp*

Páginas: 5

**Jailson Gonçalves (Formigão)**, chegou em Paraíso por volta de 1974, natural de Eunápolis. Começou a trabalhar na prefeitura em 1980, até o dia da entrevista permanecia como funcionário da prefeitura.

Data: 15/02/2019

Local: Delegacia de Polícia de Paraíso

Duração: 33:30 min

Páginas: 7

**Jorge Rodrigues**, chegou em Paraíso em 1967, natural da Coréia (Itaimbé), um conhecido o trouxe para trabalhar na produção de telhas, depois buscou outros foras para garantir seu sustento, em fazendas, e pegando água em lombo de animal. Na data da entrevista estava com 59 anos de idade, com uma vida de muito trabalho aprendeu a assinar o nome com a companheira com a qual teve 8 filhos.

Data: 24/02/2020

Local: São João do Paraíso- Mascote- Bahia

Duração: 40:30 min

Páginas: 13

**Elza Miranda Santos (Zinha)**, natural de São João do Panelinha, cidade vizinha ao distrito de Paraíso, porém, vivia em uma fazenda na Coréia (Itaimbé) pertencente ao município de Potiraguá, saindo dessa localidade por volta do ano de 1995, juntamente com seu companheiro para fixar residência em Paraíso devido à proximidade de onde moravam, estavam sem emprego desse modo resolveram tentar a vida em outro lugar. Quando realizei a entrevista estava com 62 anos de idade, exercendo sua profissão de lavadeira. Não teve acesso à educação formal por estar buscando sobreviver como podia.

Data: 15.02.2019 a 08.10.2019

Local: Residência da entrevistada.

Duração: 41:21 min

Páginas: 14

**Guiomar de Oliveira Lima**, natural de Almadina quando criança foi alfabetizada pelo pai, na idade adulta estudou à noite “trabalhava o dia e de noite estudava. Lavava roupa de ganho, aí de noite eu estudava, passava roupa na carreira para ir puder ir para o colégio”. Chegou em Paraíso no dia 20 de dezembro de 1983, com o marido e filhos, em razão do marido ter sido demitido do emprego em uma fazenda na redondeza. Onde Paraíso trabalhou por 21 anos na lavagem de roupas, deixando o ofício quando se aposentou em 2004. Na data da entrevista, aos 80 anos de idade, aposentada, ocupava-se em auxiliar uma filha que estava doente, as atividades do lar e os compromissos da Legião de Maria na Igreja Católica.

Data: 30.05 e 03. 10 2019

Local: Residência da entrevistada.

Duração: 1h 14min

Páginas: 20

**Maria Lenilza Sacerdote Tiago (Bezuita)**, natural da fazenda córrego da Sapucaia, chegou em Paraíso provavelmente na idade adulta no período em que Paraíso não possuía água encanada. Mãe de quatro filhos todos. Na data da entrevista estava com 70 anos de idade, aposentada, se ocupando das atividades do lar.

Data: 05 de outubro de 2019

Duração: 31:29 min

Local: Residência da entrevistada.

Páginas: 10

**Maria da Glória Sacerdote Tiago (D. Maria)**, natural da fazenda córrego da Sapucaia, chegou em Paraíso, como mencionou a entrevistada, “mulher véa”. Lavou roupas de ganho por mais de 30 anos. Na data da entrevista tinha 73 anos de idade, aposentada, se ocupava das atividades do lar, compartilhando a casa com o companheiro da vida toda, com quem teve 12 filhos. Desenvolve um serviço como sacoleira vendendo roupas de cama e banho, para complementar a renda. Não teve acesso à educação formal. Só pensa se mudar de Paraíso para a derradeira morada, o cemitério.

Data: 24 de fevereiro de 2020

Duração 39:28

Local: Residência da entrevistada.

Páginas: 11

## ENTREVISTAS

---

### **REGINA CÉLIA SILVA DE CARVALHO** (24.01.2019)

A escolha da entrevistada Regina Célia Silva de Carvalho se justificou em razão de ser uma figura conhecida pela maioria da população pelo trabalho que desenvolvia na única agência de viagem existente no distrito, assim passou a maior parte da sua vida residindo em Paraíso, bem como pela proximidade e acesso à mesma, pois fui sua funcionária na agência por um longo período.

**Temas:** São João do Paraíso; Feira livre; Fontes de rendas do município; Recursos hídricos.

### *Sumário*

Apresentação da entrevistada; motivação de sua mãe para mudar para Paraíso; considerações sobre a feira livre; trabalhos realizados por sua mãe Zelita de feirante: vendia xícaras e pratos colorex; dona de dormitório; formação escolar; ligeiras considerações sobre fontes de rendas do município: através das serrarias, fazendas de cacau; feira livre; breve menção de alguns nomes de fazendeiros locais: vendagem das terras para as pessoas que chegavam em Paraíso; Relatos sobre as fontes de água para as atividades diárias para cada uso destinado: para beber pegava nas bicas, também no chafariz da prefeitura, a lavagem das roupas era feita nos rios Pardo e São João, acesso aos rios era mediante caronas; necessidade de ter reservatório de água nas casas; breve referência ao processo de canalização da água através da pessoa de Raimundo Dantas e seu grupo político.

*Entrevista: 24.01.2019*

**Luciara:** Agora eu quero ouvir um pouco quem é Regina? Por gentileza. Você pode começar de onde você é, quando nasceu, natural de onde, quais as razões que lhe trouxeram até aqui em São João do Paraíso?

**Luciara:** Bom, eu já sei quem é Regina Célia Silva de Carvalho...

**Regina:** Sou de 19 de julho de 1958, a chegada aqui em Paraíso foi por volta de 1977, nós morávamos em Itabuna, nasci em Camacã-Bahia e seguimos para Itabuna, onde vivemos praticamente dos meus...Mainha foi pra lá nova, vou botar uma base, dos meus dois até... maior parte da minha vida morei em Itabuna. Estudei lá em Itabuna em vários colégios. Minha mãe tinha vontade de morar em Teixeira de Freitas, onde achou uma amiga que mandou ela ir lá olhar. Só que nesse trajeto Itabuna x Teixeira de Freitas, ela parou aqui em São João do Paraíso e foi almoçar, e nisso gostou do lugar, que nem chegou mais a ir em Teixeira de Freitas. Aí já voltou de volta para Itabuna, com isso na cabeça, com a intenção de vir morar em Paraíso, foi onde nós vínhamos em São João do Paraíso que era povoado, e ficamos aqui nesse povoado era uma BR 101 ainda, tinha coisas que estavam construindo ainda. E aqui nessa frente da BR<sup>3</sup>, ela viu uma feira que ficava de uma rua a outra. Começava aqui na BR 101 e ia até a praça Presidente Médici, descia aqui novamente, então era na Antônio Carlos Magalhães<sup>4</sup> ia na Guarani voltava de encontro novamente. Aí ela achou que era de bom fazer um comércio aqui, aí o que ela fazia, chegou aqui ela comprou uma casinha ela era de tábuas, aí o que fazia para angariar dinheiro, ela trazia aqueles pratos colorex e as xícaras e espalhava aqui na porta mesmo, era a feira enorme, não dava para o que trazia as caixas que ela trazia não dava para o gasto, botava novamente, comprava mais e vinha pra feira novamente, e foi ficando aqui até nós vínhamos de vez. Quando mudamos vínhamos já pra aqui para essa casinha onde ela comprou, esse dinheiro ela investia na casa, e aí ficamos aqui. Chegando aqui me matriculei no colégio em Camacã, porque quando cheguei já cheguei na 8ª série, aí fomos pra Camacã, aí estudei em Camacã, me matriculei no magistério, mas meu sonho não era esse eu era loca pra fazer administração, auxiliar em administração, aí eu estudei em Camacã os três anos aí quando foi no último ano que era o ano da minha formatura

---

<sup>3</sup> Quando A entrevistada se refere, nessa frente está se referindo à frente da sua casa, pois a BR fica a poucos metros de distância da sua residência, abrindo a porta a vista que Regina tem é a BR.

<sup>4</sup> Nome das ruas, Antônio Carlos Magalhães, Guarani onde a feira era situada.

em julho foi que eu tive a surpresa, ganhei nenê<sup>5</sup>, aí minha mamãezinha disse; quem pariu Matheus que balance, e aí eu parei de estudar e fui criar minha filha até 11 anos. Quando ela completou os 11 anos, eu retornei aos estudos lá em Camacã, foi quando eu comecei também a trabalhar na agência, o dono era Iraci Dultra, e ele me deu o emprego, eu fui criando minha filha, com um ano em cima do cofre da empresa, botava a banheirinha em cima e trabalhava e ganhava meu dinheirinho, e a tarde, quando ela completou 11 anos eu retornei a meus estudos. Aí foi quando abriu auxiliar em administração de empresas em Camacã, eu abandonei os seis meses de magistério que era o que ficava pra mim me formar e fui só pagar matéria para fazer auxiliar em administração até concluir, aí foi onde eu concluí o segundo grau e ali fiquei neste segundo grau. Nós tivemos também um dormitório, minha mãe quando veio de Itabuna, ela tinha um dormitório lá, e chegando aqui, que era pra ter ido para Teixeira de Freitas, mas ficamos aqui, aí tinha esse dormitório. O lugar era muito bom, São João do Paraíso era um distrito muito rico, o pobre aqui ele vivia, ... a alimentação era pitú<sup>6</sup>, era a comida do humilde aqui e tinha várias serrarias, a madeira daqui era o jacarandá, era madeira privilegiada daqui. E foi um povoado que foi desenvolvendo através das serrarias, muitos capixabas, era um lugar muito bom, era um lugar onde curria dinheiro, dava pra se manter.

**Luciara:** Então as fontes de renda você já citou algumas, através da extração madeira e tinha algum outro tipo de fonte de renda para a população fora as serrarias?

**Regina:** Que eu me lembro só serrarias mesmo.

**Luciara:** Não tem lembrança de uma coisa que era muito forte aqui na região? Que até hoje as pessoas valorizam que no tempo que tinha isso era melhor.

**Regina:** Era só serraria mesmo, tinha a de seu Antônio mais Mattedi que eles eram sócios.

---

<sup>5</sup> No caso Regina descobriu que estava grávida, não havia parido ainda. Mas ela meio que vai atropelando suas lembranças, começa formulando uma ideia, surge outra e engata a narrativa.

<sup>6</sup> Muda as palavras já proferidas de pobre para humilde, pois se lembra que está sendo gravada, e faz essa correção, compreendo que possivelmente ela se refira à população pobre que vivia à beira do rio Pardo, que se alimentava com o pitú um camarão maior devido o acesso mais fácil.

**Luciara:** E Paraíso era assim como você disse um povoado que ele tem várias formas de sobreviver, o comércio grande com a feira, e o comércio local sem a presença da feira, essa feira acontecia era mensalmente... semanalmente?

**Regina:** Todos os domingos. Aí sim você falou de fontes de renda aqui do município, também, viviam das várias fazendas de cacau, né, porque tinha Cavalino, os Mouras, é né, fonte de renda! Verdade fonte de renda.

**Luciara:** Então a gente tem aí de movimento da economia, a feira que era bem grande.

**Regina:** Servia assim, a esse povo da região toda, ô você ver que esse povo de Panelinha fazia feira aqui, o povo de Itapebi fazia aqui, o povo da Coréia fazia aqui. Era uma senhora feira por isso. Fora os caminhoneiros, né?

**Luciara:** A gente tem nesse período que você chegou aqui, e começa a trabalhar na agência de vendas de passagens. Temos a fonte de renda através das fazendas de cacau, do gado e das serrarias. Quais as profissões realizadas pelas mulheres nessa localidade?

**Regina:** Não tinha não, só dona de casa mesmo.

**Luciara:** Profissão exercida por mulheres só dona de casa? Não precisa ser assim uma profissão que tivesse formação para exercer, porque eu já percebi aqui, D. Zelita<sup>7</sup> ela tinha uma profissão, ela era feirante, dona de dormitório, ela era comerciante. Você de certa forma também era comerciante.

**Regina:** É o que você falou, aí já tinha a feira, aí tinha D. Maria de Chico que a farinha era com ela, é como você disse a feira foi uma grande fonte de renda para Paraíso mesmo. Nosso município uma grande fonte de renda foi essa, as serrarias as fazendas e essa feira. [silêncio] Aqui tinha os donos das terras, que eram as fazendas, é Gerson Garcez, menina tinha outro dono de terra grande aqui, seu Detão, conhecido como Detinho, era um dos grandes donos de terras daqui também, só tinha terra de Gerson Garcez e ele, aí depois eu vim saber de Maria do buraco.

---

<sup>7</sup> Mãe da entrevistada que é citada em alguns momentos, pois quando Regina chegou em Paraíso ainda era menor de idade.

**Luciara:** Seu Epifânio tinha terra ou só era prefeito aqui?

**Regina:** Seu Epifânio, era fazendeiro, tinha terra aqui.

**Luciara:** Sabe dizer se esses donos de terras, tomaram incentiva para juntar essa gente no povoado, porque de certa forma eles acabaram doando o uso da terra ou vendia, como era?

**Regina:** Quase todo mundo comprava na mão deles, que era esse seu Detinho também. Os de destaques tinha seu Epifânio, tinha aqueles que já morrem que foi morador daqui né, tinha Zé de Tó, eu não sei o nome dele, foi um dos fundadores, foi um homem que teve muitas roças, muitos pedaços de terras também. Aí vem menina, Otoniel Rodrigues, esse lado de lá todinho era dele. Sim, mulher tem também Zé Lins<sup>8</sup>, que foi dono praticamente de Paraíso, várias casas de comércio, um dos comércios maiores aqui era o dele né? Teve Zeca da construtora que foi, tinha comércio, acho que foi um dos primeiros, casa de material de construção, foi Zeca.

**Luciara:** Zé Lins, é daqui do município, ou chegou através do desenvolvimento que foi tendo no distrito?

**Regina:** Zé Lins acho que foi por isso. Um dos fundadores daqui também foi Dilson Vieira. [silêncio] A se eu pudesse ir lá em Sassá mais você eu ia, Sassá<sup>9</sup> vai ter muita informação viu, muita, muita...

**Luciara:** Sabemos que Paraíso teve seus holofotes e umas luzes ofuscadas que mesmo com esse comércio todo girando, movimentando aqui, tinha digamos um pequeno agravante aqui, uma lentidão nesse processo.

**Regina:** Pra desenvolver, porque só ficava de um prefeito pro outro.

---

<sup>8</sup> José Arnaldo de Lins proprietário de várias casas comerciais inclusive de um armazém de compra de cacau.

<sup>9</sup> Sassá é Sacerdote Tiago um morador antigo que tem um mercadinho ainda hoje nos moldes que se assemelha a uma bodega. O mesmo será citado em outros momentos, ora como Sacerdote, ora como Sassá.

**Luciara:** Uma dessas coisas que hoje podemos ver com olhos mais apurados, mas que talvez para o período não fosse tão estanho assim, que é a questão da falta de água canalizada. Como que era esse período, de como você disse o desenvolvimento, sem a água canalizada para as casas comerciais e residenciais? Como eram as atividades diárias?

**Regina:** Sobreviviam de cisternas, quase todo mundo aqui, toda casa tinha uma cisterna, e as que não tinha os moradores, como é que fala, assim, os que tinha servia a comunidade, houve muito carro pipa<sup>10</sup> também entregando água. Várias bicas também, tinha bica de Dina, Florêncio, seu Epifânio, né, Maria do buraco, tinha a de Dina Garcez, as mais famosas era a Dina e a de Antônio Lourenço, e roupas levava pro rio, que era o rio Pardo.

**Luciara:** Quem era Antônio Lourenço?

**Regina:** Era um dos donos de terra daqui.

**Luciara:** Ah, então era livre podia buscar água... Era franqueado à população utilizar dessas águas?

**Regina:** A população utilizava dessa água, ia buscar água de beber lá. As bicas eram mais voltadas para água de beber. A gente pegava mais pra beber.

**Luciara:** E as outras atividades comuns do nosso dia, porque hoje podemos ir lá abrir a torneira, lavar o rosto escovar os dentes...

**Regina:** Aí sim, da prefeitura tinha o chafariz, né? Era o chafariz, e quem tomava conta tomava conta da energia também, é quem desligava o motor da energia de tal hora a tal hora. Esse povo que conviveu aqui, são poucos agora, João bunda, Sacerdote.

**Luciara:** Já chegou a pegar água nesses chafarizes?

---

<sup>10</sup> Esse elemento carro pipa para abastecimento de água, ao longo das oitavas das entrevistas foi citado apenas por duas das pessoas entrevistadas. Isso me inquietou, embora saiba que cada pessoa faz a seleção do que quer dizer. Realmente terá sido seleção ou esquecimentos dos demais entrevistados? Ou não teve contato com esse acontecimento?

**Regina:** Peguei, pegava sempre no chafariz, porque tinha os horários que abria e aí a gente ia com as latas, cada qual ia com suas latas e pegava a água, que esse aparelho lá era da prefeitura do público, e nas bicas peguei mais praticamente na bica de Dina Garcez que era um ladeirão minha fia, lembro que eu cair rolando com essa lata d'água na cabeça e Zelita quase morre com a filha dela pegando água, aiai...

**Luciara:** E como era que a comunidade reagia a esses horários de funcionamento do chafariz era tranquilo, ou tinha confusão...?

**Regina:** Amiga eu lembro que tinha muita porrada, muita confusão mesmo, tinha muita briga mesmo, não era tranquilo não, roupas para se lavar era praticamente lá em Antônio Lourenço ou no São João, já desci no São João também, ou rio Pardo mesmo. Fazia estrada para ir para o Rio Pardo debaixo desse sol quente mesmo gente.

**Luciara:** E como era o acesso para chegar nesses rios?

**Regina:** Carona, praticamente não tínhamos transporte, era os carros pequeno daqui mesmo que era da comunidade, dava carona outros levavam mesmo pra lavar roupa, juntava aquela equipe. Quem vai lhe contar essa história do rio mais direitinho é Helena, Maria Helena.

**Regina:** Pegava um balde de água lá em D. Dina pra chegar aqui e tomar banho, ô Jesus é triste viu... e para quem tinha uma pensãozinha, já pensou, tinha que ter um reservatório de água, os tuneis que ia dá banho a esses hóspedes. Foi aqui em Paraíso que eu vim saber o que era tunel porque precisava guardar água.

**Luciara:** Deixa ver se entendi, então reservava água porque a água de beber era nas bicas, ou no chafariz e para lavar roupas era no rio. Como comentei antes, eu quero chegar nas lavadeiras, ou ex-lavadeiras, então você disse que já se deslocou algumas vezes para lavar roupas nesses rios.

**Regina:** A maioria das pessoas daqui a maioria.

**Luciara:** E nesse período da sua vivência aqui em Paraíso, já chegou a utilizar o serviço das lavadeiras de ganho? Se já precisou, se conhece alguém que costumava usar esse serviço, ou se conhece alguém que fez esse serviço, pode me indicar?

**Regina:** Eu tô tentando lembrar, eu não conheço uma lavadeira, mas eu sei que D. Sila tinha... Agora assim, é, porque na minha época as filhas, e as famílias geralmente tinha famílias grandes e todos os filhos trabalhavam, eram envolvidos com trabalho de mesmo de dentro de casa, no trabalho doméstico nas suas casas, então por isso que eu não lembro de alguém que tinha empregada, não lembro assim, a nossa população toda envolvida com o trabalho, todo mundo fazia seu afazeres e ia. Porque era tanto, que o rio era um divertimento pra gente, ia lavar prato, roupa, tomava banho, pescava, é isso. Cansamos de sair daqui 04:00 horas da tarde com hóspede que tinha carro pra lavar a gente no rio pra lavar roupa, pra comprar camarão, pitú, tomar banho é praticamente um divertimento também, nera. Era um meio de divertimento também de lazer. Houve tempos... que quando eu cheguei mesmo não tinha a água ainda, a água era dificuldade mesmo, era quem tinha carro ia buscar, e muita gente ia buscar lá no rio mesmo, outros, é como eu falei a maioria das casas aqui, principalmente essa frente era fácil de dá água nas cisternas, compensava também , água limpa, essa água daqui de casa ela deu com 21 metros, foi feio pra cavar, mas deu aquela água tão limpa que o povo bebia, nós não bebíamos por causa do esgotos, mas a gente comprava água que vinha da bica de Dina ou de seu Laurindo mas a água daqui mesmo deu limpinha... Aí quem tinha mais um poder aquisitivo, igual eu falei ali de D. Rosa, aqui em casa tinha motor aí já puxava, nós começamos com um rolimaozinho, com a corda e ia mais chegou um tempo que nós tínhamos motor, quando a luz veio mesmo puxávamos de motor.

**Luciara:** Então percebo que a população não ficava só esperando por parte das autoridades, cada pessoa, dependendo das suas posses financeiras, providenciava um meio de suprir essa carência que seria falta d'água. E a população foi se adaptando à realidade do local, para ter sua água para fazer as atividades básicas do dia a dia, hoje temos essa facilidade de ter água encanada, grosso modo essa facilidade de abrir a torneira e ter água em casa.

**Regina:** Que foi através de Raimundo Dantas como candidato a prefeito do Geddel Vieira Lima<sup>11</sup>, ele deu uma força enorme pra trazer água aqui para São João do Paraíso, eu lembro que foi no tempo, era eu, Cosme, Raimunda, Maria Helena, nós éramos candidatos e ele eu

---

<sup>11</sup> Novamente Regina faz uma mistura temporal, pois como estou pesquisando sobre o distrito, Raimundo Dantas era filiado ao partido PMDB, mas apenas se lançou na candidatura após ter conseguido a implantação da Embasa em São João do Paraíso, Raimundo Dantas de maneira informal me relatou este acontecido. Desse modo não compreendo bem a entrevistada mencionar Geddel Vieira como personagem do enredo da canalização da água, seguramente se trata das peças que a memória nos prega, confundindo assim determinados tempos.

acredito que já era deputado, Geddel Vieira Lima, e aí através dele foi que deu essa força pra trazer essa água para São João do Paraíso, foi um dos... Eu não lembro se antes alguém lutou por ela...mas que ela veio, veio mesmo foi através disso, foi a partir disso, mas quem vai te dizer isso concreto é Helena, porque ela já era mais engajada com Raimundo mais chegada a ele. Deve ter havido muitas outras tentativas, mesmo através de seu Epifânio, mesmo através de um..., eu sei bem que quem inaugurou mesmo já foi Geddel Vieira, Raimundo Dantas, Helena, Regina, Raimunda. Eu tinha uma foto a gente num caminhão inaugurando, nessa rua ali. Raimunda era candidata a vereadora, era os candidatos, eu, ela, Cosme, Helena era os candidatos era nós. Foi muita luta, tempo para essa água vim mesmo. A gente tivemos desenvolvimento com doutor Evaldo Maia, que deu uma força tremenda também para esse município.

**Luciara:** Você percebeu mudança com a chegada da água encanada nas casas, mudanças tanto pessoal de hábitos diários, e também no comércio?

**Regina:** Houve, houve, mudança mesmo, que você ver que os hotéis as pensões já viviam mais tranquila, já deu para o povo viver mais tranquilo. É nessa parte aí que acho que você vai encontrar algumas lavadeiras.

[FIM DO DEPOIMENTO]

**JORGE RODRIGUES DE CARVALHO (Jorge Bigode Grosso)**

(24.02.2020)

A escolha do entrevistado se deu ao acaso pois não havia sido cogitado no começo da pesquisa, no entanto em cada visita realizando contato preliminar, ou realização das entrevistas acabavam surgindo indicações de possíveis colaboradores assim surge o nome de Jorge Bigode Grosso (Jorge Rodrigues de Carvalho), pois vendia água quando não havia o sistema de abastecimento hídrico (Embasa), o que pareceu muito interessante a possibilidade de agregar a esse acervo de entrevista a atividade de aguadeiro como categoria de trabalho.

*Temas:* Ofícios que desempenhou; Atividades cotidianas da localidade.

***Sumário***

Detalhes sobre sua chegada a Paraíso para trabalhar transportando telhas; breve relato do tempo que morou na olaria; menção da chegada dos funcionários de uma empresa para construção da BR101 KM 624; explicações sobre os nomes Tripa Seca e Larga Marido atribuídos a Paraíso e a Teixeira do Progresso; construção rudimentar de algumas casas com casa de palha, barro; informações sobre os trabalhos que realizou na oleira, como aguadeiro pegando água; ligeiras considerações sobre Raimundo Dantas e a instalação da Embasa; breve menção dos tumultos das mulheres pegando água no chafariz; comentários a respeito da vida difícil com poucas opções de alimento e vestimentas; menção de ter aprendido assinar o nome com a esposa; motivos pelos quais as pessoas foram atraídas a Paraíso: o comércio da feira livre, fazendas de cacau e de gado; a feira que já teve em quatro lugares diferentes.

*Entrevista:* 24.02.2020

**Luciara:** Agora irei proceder com a entrevista como senhor Jorge, onde ele vai nos falar um pouco quem ele é, de forma curta falar sobre a vida dele, como chegou aqui em Paraíso, veio de onde?

**Jorge:** Quando eu cheguei de Coréia pra aqui quem me trouxe foi Agapito, pra poder eu carregar; tijolo, telha, e levar pra Ponte do Nanci, que aqui não existia rodagem, não existia nada que era em 67. Aí, o que a gente fazia aqui, pegava aqui botava os caixotes em 11 jegue e começava a carregar tijolo e telha lá pra ponte do Nanci, aí a gente entregava a seu Rudival,

que é filho do velho Lula, aí a gente entregava lá, tinha vez que a gente dava duas viagem por dia, quando dava três viagem por dia a gente tinha que dormir lá, porque a gente não podia vim porque era tudo mata, não tinha negócio de cacau, não tinha manga, não tinha nada. Quando a gente chegou aqui pra Paraíso nois morava dentro de uma olaria, o quarto da gente era dentro do forno, de assar os tijolos que meu pai e minha mãe dormia na da olaria que em cima era um andaime que eles fizeram aí eles dormiam em cima e a gente dormia dentro dos fornos, e meu pai chegava a porta dos fornos com tábuas, por causa dos bichos não prejudicar a gente, e botava os cachorros pra ficar ali. Era como nós chegamos aqui em Paraíso. E nós começamos a trabalhar aqui dentro de Paraíso, e começamos a trabalhar, trabalhar, levando esse negócio de telha essas coisas. Aí existiu os caras abrir a firma pra poder fazer a rodagem. Aí começaram a abrir a rodagem de lá pra cá, aí os caras vieram fazer acampamento aqui. Fez o acampamento; mais nós já morava aqui, onde hoje em dia se dá o nome de cai n'água, que era ali que era a olaria, ali era uma lagoa grande no fundo da casa de Desenhado<sup>12</sup>. Aquilo tudo ali era uma lagoa.

**Luciara:** Ah, então próximo ao que é hoje a beira da pista.

**Jorge:** Aí foi o seguinte, nós começamos a trabalhar e começou a desenvolver. A firma veio pra aqui, o pessoal começou a trazer trem pra vender aqui. Nós começamos a trabalhar e acabamos com a olaria. Já começou a fazer a rodagem e começou a apresentar trabalho para meu pai. Mas era um lugar que era muito seco, não tinha negócio de água, essas coisas, a gente começamos a panhar água no jegue pra vender. Aí, que era que a gente fazia, pai foi embora daqui pra o lado de Camacã, e eu fiquei morando aqui dentro. Comecei a trabalhar com D.Dina, comecei panhando água essas coisas, até quando minha irmã veio pra qui, que era Bela. Quando ela veio pra aqui, aí eu movimetei, já sai da casa da véa Dina e vim pra casa da minha irmã. Que meu cunhado que começou, que a primeira padaria que existiu dentro de Paraíso, que se dava o nome Tripa Seca<sup>13</sup>.

**Luciara:** Tripa Seca?

---

<sup>12</sup> Apelido do proprietário de uma oficina mecânica que, está localizado onde o entrevistado menciona que existiu uma lagoa, que fica situada às margens da pista BR 101 KM 624. O entrevistado usa a palavra como olaria, mas a palavra se trata de olaria.

<sup>13</sup> Segundo o entrevistado antes de Paraíso ter esse nome era conhecido como Tripa Seca

**Jorge:** Tripa Seca, era o nome daqui, aí.... Meu cunhado armou a padaria hoje em dia onde é a delegacia daqui... Eles tinham uma padaria aí eu comecei a morar com eles. Mas Paraíso começou a desenvolver, mais foi de 70<sup>14</sup> pra cá, onde é essa emergência que Paraíso começou a desenvolver. Teixeira do Progresso se dava o nome de Larga Marido, que a firma, quando a firma começou a passar por dentro de Teixeira, as mulheres largavam seus maridos, aí desgraçava no mundo mais os caras, mas os carreteiros da firma. Aí botaram o nome de Larga Marido. Foi quando o prefeito começou a trabalhar aqui dentro de Paraíso, tirou o nome de Tripa Seca, aí botou o nome de São João do Paraíso.

**Luciara:** E por que, que era Tripa Seca aqui?

**Jorge:** Porque era um lugar seco, muito que era de fome. Não tinha movimento de trabalho, não tinha nada, o negócio aqui era esse.

**Luciara:** E o senhor me falou que a partir da BR começou a desenvolver, e o pessoal trazer coisa pra vender. Em que sentido era esse trazer coisa pra vender, era como?

**Jorge:** Mercadoria, essas coisas de comida, e começou ali naquela praça, aquela praça ali onde é, começou tudo por ali pela aquela praça. E eu era muito pequeno nessa emergência num tinha...

**Luciara:** E como era o movimento dessa feira?

**Jorge:** O movimento que o pessoal vinha de Coréia, Camacã, vinha de Nanci, vinha de todos os cantos aqui pra dentro. Fazer a feira, porque nesse tempo quando a firma começou a trabalhar, entrou o movimento de dinheiro. O pessoal caiu aqui pra dentro pra poder vender as coisas, trazia da Coréia pra vender. Foi quando meu pai entrou no ramo de matar porco, aí também, pra poder vender.

**Luciara:** Então pelo que eu percebo Paraíso no caso ficou um ponto de encontro, que as pessoas vinham, vendiam...

---

<sup>14</sup> No ano de 1970 do século XX

**Jorge:** E iam embora. Então um lugar de passagem também. Quando começou a desenvolver que a firma botou acampamento, nego começou a fazer as casinhas deles, pra poder ganhar o dinheiro, fazia casa de palha, outros fazia cada de barro, nesse tempo não existia negócio de bloco, esses negócio as casas de primeiro era assim.

**Luciara:** Volta só um pouco, volta, o senhor disse que não existia casa de bloco. Mas na olaria, não fazia blocos?

**Jorge:** Não, nós não fazia bloco, só fazia telha, e manilha, nós não trabalhava com bloco nessa emergência. Nós nem sabia, quando nois vinemos aprender a fazer bloco foi lá já perto de Camacã em outra olaria.

**Luciara:** Entendi. É pra região de lá<sup>15</sup> tinha muito essas olarias de bloco.

**Jorge:** É, nós começamos bem no trevo de Santa Luzia, fazia bloco ali, chamava seu Antonio, antigamente se dava o nome de Toin oleiro, mas o nome dele é Toin da farinha, ele que fazia esse negócio lá de bloco em Santa Luzia, eu trabalhei com ele também. Agora o movimento dele era mais lá, porque a olaria dele era lá no trevo de Santa Luzia. Foi quando eu conheci ele, D. Eugenia que é ali a mãe dos filhos dele. Eu morei dentro de casa com eles também. Eu carregava muito barro, era um jovem, mas era um jovem trabalhador, né? Interesseiro pra ganhar meu dinheiro. Eu não tinha negócio de animal, carregava barro nas costas, pra ir ajudar ele, pra fazer tijolo e bloco também. Já sabia fazer manilha, bloco, telha, tudo ele fazia. Era o movimento daqui de São João do Paraíso. E com D. Dina, trabalhei uns 4 anos e tanto, rastando negócio de água, panhava água do São João, quando não era no São João pegava na fonte dela lá embaixo<sup>16</sup>, que era a água doce para o pessoal beber.

**Luciara:** E como realizava esse trabalho?

**Jorge:** A gente tinha 11 jegues, e cada jegue a gente botava 4 corote, os corote tudo de madeira. A gente já enchia os corote e pendurando nos ganchos que a gente num tinha... Não botava nos caixotes, já botava nos ganchos, que os corotes já vinha com a alça.

---

<sup>15</sup> Me refiro as cidades vizinhas Camacã, São João do Panelinha.

<sup>16</sup> Na fazenda que tem a famosa bica de D. Dina, lá embaixo, pois precisava descer uma ladeira para chegar na bica.

**Luciara:** Nos ganchos da...? Cangalha?

**Jorge:** Ganchos da cangalha, as cangalhas já tinham os ganchos de pendurar era dois carotes de um lado e dois do outro. Cada jegue trazia essa faixa disso, trazia uma lata de cada carote era uma lata d'água já tinha a base de trazer. Aí foi quando inventaram trazer aqui para dentro Raimundo Dantas, pra poder fazer esse negócio da Embasa, que foi o primeiro que chegou aqui dentro de Paraíso com essa ideia, e deu certo, que nego fez chafariz, fazia isso, mais o certo foi quando ele começou a trabalhar na rua cavando as ruas pra poder encanar a água pra botar em cada um nas suas casas, mas Paraíso já estava bem movimentado já tinha colégio, já tinha muitas coisas.

**Luciara:** Ele chegou mesmo a cavar a terra? Achei que ele só tinha movimentado com os deputados que apoiava, mas não ele foi botar a mão na massa.

**Jorge:** É foi botar a mão na massa, é pra isso ele foi boa pessoa, todo mundo fala aqui dentro de Paraíso que a foi seu fulano que fez, mas quem fez o benefício aqui de dentro se dá o nome de Raimundo Dantas. Essa cruz eu carrego pro resto da vida, que aqui era sofredoras as mulheres brigavam na boca do chafariz, por causa de uma lata d'água. E era um pau pra acabar, porquê tinha mulher que largava seus filhos dentro de casa sozinho e vinha buscar uma água, aí chegava lá encontrava 20/ 30 mulheres com a lata de água debaixo das torneira, e começava o tumulto pra poder pegar aquela água pra olhar o filho dela, e as outras não queria deixar. Quem me trouxe pra qui primeiro se dá o nome de Agapito, ele morava em Teixeira do Progresso, ele tinha uma fazenda ali. Também não é mais vivo esse pessoal tudo já se acabou ele a mulher, só tem Sitelha que ainda é viva, mas Sitelha acho que tá pra Porto Seguro, que ela é filha do Teixeira do Progresso.

**Luciara:** E o senhor teria alguma foto aí desse período de 1970, 1967...?

**Jorge:** Eu tenho muito foto antigo, mas tá tudo aí jogado aí pra dentro, tem um bucado de foto aí, mas esse negócio de foto já tirei no poder dessa mulher, que nós já tem 40 e poucos anos de junto, nem casado não é que eu carreguei ela novinha. Porque quando eu cheguei pra qui aqui era dominado por Canavieiras, aqui não era comandando por Mascote, Mascote só tinha o nome, mas quem mandava era Canavieiras e a cidade daqui da gente era uma cidadezinha

pra baixo de Canavieiras pra baixo de Mascote me esqueci o nome, que ela se acabou e passou pra Mascote. Mas eu sei o nome da cidadezinha, ali pra baixo de Mascote.

**Luciara:** Una? Não, né?

**Jorge:** Não, né Una, não. Eu vou ver se eu alembro, depois eu alembro, você coloca o nome da cidade, que foi a primeira cidade que foi dominado por Canavieiras e aqui, que era tanto que se morresse uma pessoa aqui, os policiais vinham muntado de Canavieiras pra qui pelo Estica<sup>17</sup> pra vim pra qui, pra poder fazer o levantamento pra poder ir embora, que não existia nada de carro. Aqui era um sufoco, hoje em dia todo mundo nasceu em berço de ouro. Se eu contar minha vida toda pra vocês, você fica até pensando que até que é uma história, é uma história que eu digo pra você, que minha coberta e meu colchão era um saco de linhagem eu pegava entrava dentro, pra pegar pela boca, que era pra poder... Que nesse tempo minha mãe, fazia as roupas da gente de calção de açúcar. Não tinha aqueles sacos de açúcar? Ela cortava aqueles sacos tudinho e fazia calção pra gente, nós nunca tivemos o poder de ter uma sandália, meu pai cortava as tarraranga e fazia tamanco e botava grampo a gente saia igual animal ferrado crote, crote...

**Luciara:** Tarraranga, no caso era uma madeira?

**Jorge:** É uma madeira, que só fazia tamanco com uma madeira mais leve, aí se dá o nome tarraranga. Eu chegava pra poder trabalhar, tinha aqueles negócio, assava uma tripa de vaca no borraí, jogava num embornalzinho com farinha, jogava lá dentro e fundava na lapa do mundo, ia comendo aquela tripa e aquela farinha, pra poder não morrer de fome. As coisas aqui era tudo difícil.

**Luciara:** Jorge você trabalhou bastante, você chegou a estudar?

**Jorge:** Quem disse? Nesse tempo aqui não existia escola, não existia nada. A gente trabalhemos assim movimentando... movimentando desse jeito, aí foi lá vai... crescendo, crescendo. Endoidei logo pra casar, arrumar uma companheira, arrumei a companheira e fui viver minha vida trabalhar pra poder sustentar a casa. Essa vida, desde que... Nunca que meus

---

<sup>17</sup> Nome popular do distrito Era Nova pertencente ao município de Canavieiras.

filhos, foi na casa de um vizinho, falar assim fulano, eu vim aqui buscar uma xícara de açúcar, não eu que tinha que trabalhar e trazer as coisas pra dentro de casa.

**Luciara:** Você com sua companheira teve quantos filhos?

**Jorge:** Foram 7 homens e uma mulher, aí morreu 3 homens, ficou 4 e uma mulher. Meu primeiro patrão aqui dentro de Paraíso foi o pai de Carlos Alberto, José Macedo de Carvalho, foi o primeiro homem que assinou na minha carteira. É tanto que quando eu comecei a trabalhar com ele foi em 75<sup>18</sup>, e ele me enrolou até 80<sup>19</sup>, no tempo ele assinou a carteira e me botou pra fora. Aí eu vim aqui pra Paraíso de novo e fomos começar outra vida trabalhar, comecei a trabalhar nessa pista limpando beira de pista, tudo isso eu já fiz. Trabalhava ali em Dona Téa, nas roças era assim meu movimento aqui, trabalhava em Mascote em roça também pra trazer o sustento pra meus filhos era isso eu fazia.

**Luciara:** Trabalhou bastante, disse que aqui não tinha escola antes, e depois que teve os filhos já estavam criados, não teve oportunidade de estudar?

**Jorge:** Quem me ensinou mais, hoje em dia eu agradeço a Deus, o que eu tenho uma leiturazinha sei assinar meu nome, agradeço a mulher que começou a me castigar, era minha professora, e nós brigava que ela queria que eu estudasse, e eu não queria. Estudei um pouco no Manuel Andrade, no tempo do TOPA, depois esse ano que os pessoais vieram aqui para me chamar pra estudar de novo.

**Luciara:** O senhor já aposentou?

**Jorge:** Ainda não. Estou esperando, porque auxílio de doença e tenho 40 anos de contribuição, e aí não posso trabalhar, porque tudo que eu vou fazer de movimento a barriga doe, tirei um tumor do intestino, fui operado duas vezes 2018 e 2019.

**Luciara:** O senhor me disse que trabalhou na firma, quando saiu do trabalho do pai de Carlos Alberto.

---

<sup>18</sup> Se refere ao ano de 1975 do século XX

<sup>19</sup> Se refere ao ano de 1980 do século XX

**Jorge:** Trabalhei duas vezes na empresa da pista.

**Luciara:** Não consegui entender o nome da firma.

**Jorge:** RODOCAPE era a firma de limpeza da beira da estrada, e depois eu trabalhei na CEPEL 10 anos, recapeando pista, foi 10 anos. E nas outras fazendas eu tenho um bucado de ano, e na prefeitura vou fazer 21 anos que trabalho na prefeitura, foi tanto que quando eu fui fazer o concurso a minha história, eles pediram, como era o movimento da cidade daqui do comércio, como era Mascote, Paraíso, os primeiros nascentes que corriam dentro de Paraíso, tudo saiu na minha história foi isso. Eu respondia mais rápido, um analfabeto respondia mais rápido do que os outros. E a mulher, irmã de Coreia falava assim, seu Jorge não vai falar nada, mas fui o primeiro que tirou na história. [risos]

**Luciara:** Então Jorge, como você já me falou da feira, quais eram as fontes de renda, que movimentava a economia a partir de quando você chegou aqui de 1970...

**Jorge:** Aqui depois de 70 pra cá, nossa economia era mais o gado, e o cacau, aí começava a trazer a carne, aqui os trabalhadores trabalhava nas roças de cacau, aqui nesse tempo tinha muito cacau, era uma renda boa, todo mundo de fora vim parar aqui e trabalhar nas fazendas vizinhas aqui como eu já trabalhei, João Nascimento, D. Téa, José Macedo de Carvalho, que é o pai de Carlos Alberto, era essas pessoas que a gente trabalhava, aqui por perto, pra trazer o movimento aqui pra dentro, que a feira daqui era o movimento era grande, era a melhor feira que tinha aqui em nosso setor aqui, depois que a vassoura de bruxa acabou o cacau, que a feira aqui caiu, caiu por causa disso.

**Luciara:** E essa feira acontecia qual dia da semana, ou era todos os dias?

**Jorge:** Era só domingo a feira daqui, só dia de domingo. Terminava todo mundo fechava e caia fora, uns ia pra suas casas...Botava as barracas, as barracas de madeira, cada um tinha sua cobertura, o comércio da feira de antigamente daqui era assim de toda vida, agora que eles estão querendo fazer um barracão pra colocar a feira debaixo.

**Luciara:** No caso as barraquinhas já ficavam prontas ou as pessoas tinham que trazer?

**Jorge:** As barracas já ficavam no lugar, não saía do lugar não, cada qual tinha sua barraca em um lugar, que foi a primeira feira daqui, hoje em dia onde é a praça<sup>20</sup>, depois tiraram dali e depois tiraram pra cá, pra li onde é a embasa, e depois tiraram lá para o outro lado lá embaixo.

**Luciara:** Hoje está em frente ao Apetitoso<sup>21</sup>.

**Jorge:** Aqui a feira já teve em 4 lugares, era tanto que a feira era mais movimentada na beira da pista, porque todo mundo que passava viajando encostava pra comprar alguma coisinha. E aqui pro lado do hospital o pessoal não vai sair de lá da pista pra vim aqui.

**Luciara:** Que é mais recuado.

**Jorge:** Aí tiraram ali pra aquele lugar ali que joga bola... como é? Aquela lugar que joga bola...Ginásio! Dali que tiraram botaram lá de junto de Desenhado.

**Luciara:** Ah, também antes de começar a gravar me falou, que não tinha água era seco de tudo, seco de água e de coisas pra comprar para se alimentar, o senhor me falou que tinha os chafariz, mais esses chafariz, foram feitos a partir da prefeitura da população?

**Jorge:** Não, a partir da prefeitura, botava uma água ali, puxava na bomba lá no rio São João e trazia direto pro chafariz, até no puder de assentarem a Embasa, quando assentou a Embasa foi quando Raimundo Dantas entrou e começou a encanar a água, que cada quem tinha que ter água nas suas casas, para não ter aquele tumulto na boca do chafariz. Aí Deus abençoou que Raimundo fez essa ideia e deu certo.

**Luciara:** E o senhor lembra em que ano, ou em qual prefeito foi que começou a colocar esses chafarizes?

---

<sup>20</sup> A praça Presidente Médici, a principal do distrito que fica a poucos metros da BR 101, pois Paraíso é localizado as margens da BR 101. Quando se refere a praça para os moradores já entende que se trata da praça principal, pois só existem três praças no distrito e quando se referem as outras fazem a identificação para fazer a distinção, como a praça do cigano, a praça de fazer ginástica/ da beira da pista.

<sup>21</sup> Restaurante que fica do lado da pista como costumamos nos referir devido a divisão pela BR do distrito, esse restaurante é o ponto de parada dos ônibus das empresas que circulam na região.

**Jorge:** Foi no tempo, quer ver... O chafariz foi no tempo entre menino que... Entre Fernando Nunes e Carlos Alberto, menino aquele, que morreu, teve uma partezinha nele, mas foi muito pouca, aquele que tem uma roça na beira do rio Pardo.

**Luciara:** Ah, o pai de Cida Andrade, né? hum... Manoel Santos Andrade<sup>22</sup>.

**Jorge:** Manuel Andrade também teve uma partezinha nele, todos esses aqui, a avó de Geraldinho também, que já era envolvido em negócio de política. Mas o prefeito honesto que morou aqui dentro 4 anos e tomou conta daqui que falou que ia morrer e não queria saber meia, só foi esse Manoel Andrade, que o pessoal só queria comer, não queria que trabalhasse. Chamasse o pessoal daqui que era igual porco<sup>23</sup>.

**Luciara:** Manuel Andrade?

**Jorge:** Foi, Manuel Andrade ele só tomou conta daqui 4 anos, e saiu fora, diz ele que ia morrer e não ia sair candidato nem pra vereador. E foi verdade.

**Luciara:** Nossa não quis mais assumir outro cargo.

**Jorge:** Agora entre Fernando Nunes e Carlos Alberto foi 20 e tantos anos.

**Luciara:** O senhor começou a dizer antes da gravação, de que as mulheres e sua companheira falou, que iam lavar roupa e que tinha alguém que dava carona pra essas pessoas.

**Jorge:** As pessoas davam carona, e Edson Lima<sup>24</sup> cansava de encher o carro dele aqui e levar lá pro Rio Pardo, pra puder lavar roupa e foi os primeiros homens que trabalhou com o pessoal aqui de dentro, se dá o nome Edson Lima, e trouxe até o motor de energia, e botou eu pra trabalhar com o motor de energia ali, pra ter energia, porque era todo mundo no fifó, ai

---

<sup>22</sup> Foi um fazendeiro da região e prefeito eleito em 1977-1982. As referências realizadas pelo entrevistado para que eu conseguisse identificar de quem estava falando, por eu ser de outra geração o primeiro nome que me veio à mente foi a pessoa que estava acostumada com o nome Cida Andrade, a filha do ex-prefeito, que se manteve engajada na política de Paraíso.

<sup>23</sup> Essa narrativa a população de modo geral por parte dos moradores é atribuída ao ex-prefeito Fernando Nunes, a nota explicativa não é em tentativa de descreditar o entrevistado, mas alertar aos futuros pesquisadores que poderá se encontrar com esse mesmo relato mencionando outro ex-prefeito, bem como dizer que quando se trata de memória existe esquecimentos.

botou um motorzão ali. Ai botava aquele cipó de Edson Lima pro pessoal requebrar, quando dava 22:00 eu ia e desligava o motor.

**Luciara:** Cipó? O que era esse cipó?

**Jorge:** Era um lugarzinho de dançar, na praça, ali onde é a praça<sup>25</sup>. O primeiro que fez a história aqui dentro foi ele, fez cinema, botou aqui, foi ele que fez a história aqui dentro de Paraíso, Edson Lima<sup>26</sup>.

**Luciara:** Então ele que começou a trazer os movimentos pra cá.

**Jorge:** Que aqui ele morava na ponte do Rio Pardo, e a roça dele era ali na cabeceira da ponte do lado de cá. Aí quando começou a abrir aqui, foram os primeiros fazendeiros que começou a beneficiar aqui dentro foi ele.... Edson Lima!

**Luciara:** Quando você chegou aqui foi morar nessa olaria, e como era...?

**Jorge:** Tudo mata. Dava o nome aqui Mata Escura. Aqui tudo era mata, mata mesmo. Essa mata aí ia pra Potiraguá. Isso aqui tudo era mata, ninguém via manga não.

**Luciara:** E como começou essa destruição da mata?

**Jorge:** Isso aqui, começou a destruir quando eles botaram a serraria aqui dentro, os primeiros lutador de serraria aqui dentro foi que acabou com tudo, destruiu tudo.

**Jorge:** Quando eu cheguei pra cá em 1967 isso tudo era mata.

---

<sup>25</sup> Por se tratar de um lugar pequeno quando se refere a praça será a Presidente Médici, pois é a praça central e a primeira que o distrito teve.

<sup>26</sup> As pesquisas paralelas realizadas para melhor apresentação das informações das entrevistas quando alguns elementos ficam meio que em suspenso, não foi encontrado nenhum dado referente ao senhor Edson Lima ter sido prefeito de Paraíso, mas um bem-feitor do local que morava.

**Luciara:** E no caso era mata, as pessoas vão chegando... E entrando para seu cadinho de terra? E como foi isso?

**Jorge:** Aí começaram abrir, invadir as terras. Ali cada um plantava e fazia uma manga pra criar seu animal, cercava seu trecho, outro vinha e fazia a mesma coisa. Aí começou a desmatar. E cada um começou a fazer uma roça.

**Luciara:** O senhor disse que Paraíso já estava bem desenvolvido, mais ainda continuava vendendo água pra D. Dina?

**Jorge:** Não. Assim que eles botaram água no chafariz, ninguém queria mais comprar água. Nego já panhava sua lata e pegava no chafariz.

**Luciara:** Mesmo com toda disputa?

**Jorge:** É, já tinha água ali dentro, porque quando ligava o chafariz, enchia o chafariz tudo. Ninguém ia comprar água, as vezes você ia pegar uma água doce, um negócio, o pessoal ficava botando dificuldade pra poder pagar, que era \$ 0,20 cruzeiro uma lata de água. Era uma moedinha mesmo, esses dias eu tava com uma na bolsa ai guardada, e sumiu. Era uma moedinha, mas era dinheiro, acabou depois que entrou o real.

**Luciara:** Só mais uma coisa, o senhor trabalhou 4 anos com d. Dina vendendo água pra.

**Jorge:** Trabalhei 4 anos mais ela pegando água na bica e no São João, eles eram um pessoal muito fraco sabe seu Gerson, aí começou nesse movimento, quando Paraíso começou a desenvolver, foi quando minha irmã veio pra qui. Já tava começando ter o movimento da água do chafariz.

**Luciara:** O senhor pagava pela água pra vender, ou tinha uma porcentagem?

**Jorge:** É ela me dava, tinha hora que dividia meta, tinha ora que passava a perna, mas também era mesmo que uma mãe, não deixava com fome, nem dormir a tôa. Mas era um movimento que não podia dizer, vou fazer e vou querer o dinheiro. Que hoje em dia os filhos não trabalham pra ajudar nem a mãe nem ninguém. Mas antigamente não, trabalhava o que

pegava entregava aos criador o dinheiro, não deixava a gente a tÔa. ...Quase todos os moradores mais velho daqui era da Coréia.

**Luciara:** E no caso por que era muito próximo ou porquê...?

**Jorge:** Porque foi o lugar que mais desenvolveu, o pessoal tava tudo doido pra ganhar o dinheiro, rapidinho desenvolveu isso aqui. E ficava mais próximo ao cacau para o pessoal trabalhar também. E ficar na beira da rodagem, que tinha o movimento de carro.

**Luciara:** Ah, entendi Jorge, muito obrigada, saber um pouco da sua história, e de Paraíso que meu trabalho é voltado para memória e história.

[FIM DO DEPOIMENTO]

**EUNICE DANTAS**  
(16.06.2019)

Essa entrevista aconteceu de uma forma diferente, entrei em contato com a senhora Eunice Dantas, explicando o motivo do meu contato e o assunto que desejava conversar, prontamente, me enviou um resumo geral do que foi lembrando por áudios via *WhatsApp* até que eu enviasse o questionário, pois somente dessa maneira conseguiria viabilizar a entrevista, dado que estávamos muito distante geograficamente Eunice atualmente mora em Fortaleza. A escolha da entrevistada se deu em razão da mesma ter sido companheira de Raimundo Dantas, nome citado majoritariamente pelos entrevistados, como sendo o responsável pelo sistema de abastecimento hídrico, pois cheguei a realizar contato com o senhor Raimundo Dantas, no entanto não foi possível realizar a entrevista, assim recorri a quem pudesse colaborar com a pesquisa.

**Temas:** Falta de água; Promessa eleitoral; Canalização da água; Carros pipa.

*Sumário*

Breve histórico das relações políticas a despeito da canalização da água: Raimundo Dantas e seu grupo foram os responsáveis por conseguir a “água encanada”; considerações gerais sobre as razões de ter ido morar em Paraíso e origem; menção de utilizar o serviço de lavadeira de ganho; instalação do sistema de abastecimento hídrico como promessa eleitoral; breve comentário sobre dificuldades em carregar água na cabeça para as rotinas

cotidiana; ligeiras referências das fontes de rendas a partir da lavoura e colheita de cacau e serrarias; sucinta informação sobre o comércio local.

*Entrevista:* 16.06.2019

**Eunice:** Bom dia, você ficou de mandar, mas eu vou te adiantar.

A água<sup>27</sup> teve início em 1987 através do deputado Evaldo Maia, governador Valdir Pires, o responsável pelo desenvolvimento foi a pessoa de Raimundo Dantas, que foi a pessoa que sempre corremos atrás dessa água, ele apoiou o Evaldo Maia como deputado em 1986 para que no sonho, que era o sonho de todo mundo, a água de São João do Paraíso, que foram vários anos de sofrimento, e Raimundo apoiou, nós apoiamos o grupo de Raimundo, apoiou para que fosse colocada essa água em São João do Paraíso, ela foi inaugurada em 1989, pelo governador Nilo Coelho, porque teve início com Valdir Pires, mas foi inaugurada com Nilo Coelho, porque Valdir Pires saiu para ser vice presidente do que morreu, é, me esqueci agora o nome. Aí foi um trabalho muito árduo dois anos de trabalho para essa água, o pessoal toda a comunidade empenhada, teve o empenho total da comunidade, quer dizer, menos as pessoas que eram contra, porque as pessoas que eram do grupo de Carlos Alberto Lima de Carvalho<sup>28</sup> eram totalmente contra que essa água viesse para Paraíso, por quê era contra Evaldo Maia, não queria que o grupo político oposito colocasse água no Paraíso, para não dá nome a eles. *Esse é só o resumo!*

Quando foi candidato a presidente da república, Valdir Pires que era então governador da Bahia, ele foi o vice de Ulisses Guimarães, Nilo Coelho assumiu o governo, foi ele que inaugurou. Nilo Coelho era vice de Valdir Pires, Nilo assumiu então foi ele que inaugurou a água em São João do Paraíso. E foi assim, foi uma luta árdua, foram dois anos que se correu atrás, lutou muito com a contribuição da comunidade. A igreja Católica teve sempre empenhada em ajudar, por quê por Raimundo ser uma pessoa muito católica, na época estava na frente da Igreja, era ele que tomava conta da Igreja e aí, assumiu esse papel da política, que foi o grande sonho da comunidade a água, quando a água chegou, *você não tem ideia da alegria do povo*<sup>29</sup>, que tinha sede, que lutava, por que até essa época se pegava

---

<sup>27</sup> A entrevistada se refere ao início da água no sentido da tramitação/ luta para conseguir a instalação do sistema de abastecimento hídrico para distribuição a todas as casas.

<sup>28</sup> Prefeito de 1989-1992 e 1997-2000 pelo partido PSDB.

<sup>29</sup> Ao longo do texto as palavras grifadas em itálico foram pronunciadas com ênfase, seguindo as normas do *Manual de História Oral*. Verena Alberti, (2004).

água na bica de D. Dina<sup>30</sup> na cabeça, no boqueirão de Epifânio, lavava roupa no São João, e aconteceu várias coisas, do sofrimento do povo, as mulheres que lavavam roupas no São João, você não tem ideia.

**Luciara:** Fale um pouco sobre você?

**Eunice:** Meu nome você conhece, que é Eunice Dantas, eu vim morar em São João do Paraíso, porque me casei com um morador de São João do Paraíso em 1978, me casei fui morar em São João do Paraíso. Quer dizer fui morar no dia 28 de julho de 1978. Então peguei Paraíso ainda uma criança, e Paraíso, o que cresceu; crescemos junto eu e ele, né? Fui uma pessoa envolvida na comunidade na Igreja Católica. Tudo que tinha na igreja era administrado por mim e meu ex-marido que era Raimundo Dantas. Tenho duas filhas. Não tenho muito o que explicar, sou natural de Crisópolis-Bahia, no norte da Bahia morei em Paraíso 40 anos. Fui para Paraíso com 18 anos, e sai de lá com quase 60, na verdade com 58 anos sair de Paraíso onde vivi por 40 anos, fui comerciante nesses anos que morei em Paraíso, uma vida normal como qualquer outra pessoa vivia, não tenho mais o que esclarecer. Eu não tenho nenhum parente em Paraíso, quer dizer hoje eu tenho, tenho minha irmã que mora em São do Paraíso, mas a minha família mora toda em Crisópolis-Bahia

**Luciara:** Qual a fonte de renda que movimentava a economia local?

**Eunice:** A renda de Paraíso era cacau, e as madeireiras, as serrarias, era onde empregava a maior parte de pessoas.

**Luciara:** No início de Paraíso, nesse tempo que não tinha água encanada em que as mulheres e os homens trabalhavam?

**Eunice:** As mulheres e homens trabalhavam muito na lavoura do cacau naquele tempo, o cacau era forte, era muito a colheita, você não tem noção saía 5, 6 caminhões de mulheres e

---

<sup>30</sup> Essa senhora possuía uma fazenda de terreno muito enladeirado situada ao que os moradores denominam do outro lado da pista, que é a parte do distrito que teve seu desenvolvimento posterior ao lado que está localizado o comércio em geral de Paraíso. Nessa fazenda ainda que a bica fosse de difícil acesso, era uma das fontes de água mais procurada pelos moradores, desse modo popularmente se diz a bica de D.Dina, pois está em sua propriedade.

crianças pras fazendas pra quebrar cacau, todos os dias de manhã saía esses caminhões para as fazendas de Cavalinho, de Luciano para as fazendas daqueles fazendeiros tudo ali perto. Quem mais carregava gente pras fazendas era Cavalinho e Luciano Santana, que eram as fazendas maiores que tinha, então eles carregavam muita gente pra quebra de cacau. Então as crianças, criança naquele tempo trabalhava, né? Criança hoje não trabalha, mas naquele tempo as crianças trabalhavam iam pra roça junto com as mães pra quebrar cacau. Era a renda da cidade, naquele tempo corria muito dinheiro em SJ Paraíso, apesar de não ter água, por ser uma cidade que sempre foi abandonada pelo poder público, mas o dinheiro corria no comércio. A feira de Paraíso era uma feira enorme, metia inveja a qualquer um, hoje, não tem mais....

**Luciara:** Já precisou dos serviços de lavadeiras de roupas?

**Eunice:** Já precisei muito de lavadeira, porque eu lavava minha roupa, mas sempre tinha algum tempo que dependia de lavadeira sim, por eu não me adaptar a região que eu sou do norte da Bahia, não me adaptava muito as lavadeiras, tinha tempo que eu não aguentava subir ladeira por eu morar antes em uma terra plana, então necessitava de lavadeira, porque as ladeiras são demais como você conhece.

**Luciara:** Por parte do poder público (prefeitura, prefeito e vereadores...) era realizado alguma medida para resolver ou amenizar a situação da falta d'água?

**Eunice:** Os políticos nunca fizeram muito, nunca interessaram por quê era um meio deles, adquirir votos nas próximas eleições, era dizer que ia botar água em São João do Paraíso, então quando chegava próximo das eleições eles faziam promessas, que ia botar água em Paraíso, aí nunca chegava essa água, terminava a eleição na próxima era a mesma promessa. Então por isso quando foi botar a água em Paraíso, Raimundo Dantas enfrentou uma barreira muito grande, porque não era mesmo o plano deles, colocar a água em Paraíso, né? Porque perdeu um cabo eleitoral, porque a água era cabo eleitoral deles.<sup>31</sup>

**Luciara:** Com a chegada da água nas torneiras percebeu alguma mudança, seja nas atividades do dia a dia das pessoas ou no comércio?

---

<sup>31</sup> Se refere ao prefeito Carlos Alberto Lima de Carvalho e os apoiadores do partido PSDB no período relatado.

**Eunice:** A mudança com a chegada da água, com certeza foi enorme para sua geração que não alcançou isso, aí não tem nem noção da mudança como foi o sofrimento das mulheres que acabou das pessoas, não tem muito desenvolvimento na cidade como você conhece, mas foi assim dentro da cidade ... tirou... o pessoal, coitado. Você ter a noção, não dá nem para se explicar, você tem noção do que é você morar em uma cidade que não tem água. Que você depende da sua higiene, e até da própria higiene da sua casa, depende de água. Sabe o que é carregar água na cabeça? Para higiene de uma casa, carregar água na cabeça, para banheiro, pra limpeza, pra tudo. Então completamente mudou completamente as rotinas das famílias, quando a água chegou nas torneiras em Paraíso.

**Luciara:** Como a população reagia a falta de água?

**Eunice:** Era desesperador porque, no inverno tinha água que caia da chuva todo mundo fazia um tanque no fundo do quintal, né? Pra aparar a água que caia do telhado. Mas quando chegava no verão essa água acabava, aí era o desespero carregar água na cabeça nos baldes, carregava água em jegues, burros com baldes carregava água. Tinha algumas pessoas que tinha cisternas nos fundos das casas, mas não gostava de dá água porque também se fosse dá água a todo mundo secava a cisterna, era pouca as cisternas que existia, tinha gente que caia na bobeira de dá, quando dava 10h00 a cisterna estava seca, então era desesperador para todo mundo.

**Luciara:** Na sua opinião, existia alguma fonte de renda/ trabalho para motivar a vinda das pessoas para Paraíso?

**Eunice:** A motivação da época eram as fazendas mesmo, todo mundo vivia de trabalhar na roça, a cidade era pequena, tinha apenas duas escolas que era o Gerson Garcez e o Rômulo Galvão, poucos professores, como até hoje o município depende da prefeitura. Mas naquele tempo era menor ainda, era só essas duas escolas que tinha, imagina que eram poucos funcionários. E no mais alguns tinha um comércio pequeno, o comércio maior na época era o de Sacerdote, depois veio o de Rossi, e a renda mais vinha mesmo do cacau, até que a vassoura de bruxa veio e acabou com o cacau. As madeiras começaram esse desmatamento enorme, aí o IBAMA fechou as madeiras graças a Deus, né? Porque se não estava pior o nosso meio ambiente. E era assim a renda do nosso distrito. E quanto ele

se tornou distrito, eu não sei, sei quando teve a emancipação. Uma coisa que eu esqueci de te falar na época, quando tinha eleições, o que acontecia? Os candidatos a prefeito vereador, botava carro pipa na cidade, né? Passar uma vez por semana o carro pipa assim um mês dois quando terminava as eleições o carro pipa sumia, era uma das vantagens que eles oferecem pros eleitores.

[FIM DO DEPOIMENTO]

### **JAILSON GONÇALVES (Formigão)**

(15.02.2019)

Entrevista realizada à Guarani na delegacia pública de Paraíso, local de trabalho do entrevistado Jailson Gonçalves. A escolha do entrevistado se justificou em razão do seu ofício de escrivão da única delegacia de polícia do distrito e sua disposição em participar da pesquisa.

**Temas:** Origem de Paraíso, Rio Pardo/Recursos hídricos, Água encanada.

#### *Sumário*

Ligeiras considerações sobre escolha do nome do distrito; doações de lotes de terras; breve referência a abertura da BR 101; feira livre: comércio varejista; cultura do cacau; armazenamento de água potável; doações de minadouros de água; chafarizes públicos; canalização da água empresa embasa: Raimundo Dantas idealizador da instalação da água; mulheres mães de famílias rio e roupas.

*Entrevista:* 15.02.2019

**Luciara:** Agora o senhor Jailson vai conversar um pouco das suas memórias, estarei mais ouvindo e à medida que a conversa for avançando, eu irei apresentar alguns pontos os quais são meus objetivos de pesquisa. Fique à vontade, pode falar quem é o senhor, é natural de onde, como chegou em Paraíso?

**Jailson:** Meu nome é Jailson Gonçalves, vim para Paraíso em 1974, vim de Eunápolis aí entrei na prefeitura em 1980. Em 1985 fui convidado para fazer parte de uma comissão que ia

dá o nome da mudança de Paraíso, de povoado de São João do Paraíso, para distrito né? Naquela época o Paraíso era um a população de 8.885 habitantes, a área de Paraíso ia ficar, e Mascote, o município ia ficar 22 mil habitantes no município todo, só que com o recadastramento e a criação do Baianão, e muitos eleitores transferiram lá para Potiraguá aí caiu muito, muito mesmo. Hoje deve tá com 12 à 16 mil habitantes o município de Mascote. A área de Paraíso vai dali<sup>32</sup> do Rio Pardo até próximo ao município de Itapebi, faz divisa com Itapebi.

**Luciara:** Então o senhor participou ativamente dessa comissão, e quais foram as outras pessoas que estavam nessa comissão?

**Jailson:** Estava um ex-prefeito que estava liderando, era Epifânio Luís Marques, ele que liderou isso aí, tinha um vereador também, Jorge Ferreira Brito ex-vereador.

**Luciara:** Lembra em média quanto tempo durou para transcorrer essa alteração de povoado para distrito.

**Jailson:** Esse movimento durou uns 30 dias, foram vários nomes dados para escolher São João do Paraíso, veio Paraíso do Rio Pardo, Planalto do Paraíso, aí chegou; São João do Paraíso, apesar de que lá nas Minas Gerais tem um São João do Paraíso, né, que é cidade.

**Luciara:** Tem ideia do por que foi definido esse nome São João do Paraíso?

**Jailson:** Veja bem, foi criado naquela movimentação da criação da BR 101, em 1971, né? Então veio duas empresas de construção da estrada, uma ficou em Paraíso e a outra ficou em Teixeira do Progresso, aí Paraíso aqui, era apelidado de Tripa Seca, mas o povão não aceitou de jeito nenhum esse apelido, Teixeira do Progresso era Larga Marido então esse nome foi dado de Paraíso, porque era um planalto, bonito né, a desenvoltura e por isso que foi dado Paraíso.

---

<sup>32</sup> O entrevistado tem cacoete de dizer dali, ali como se estivesse mostrando algo, no entanto, é força de expressão muito comum na linguagem utilizada no cotidiano.

**Luciara:** A gente está falando dessa questão do surgimento, nesse primeiro momento conversamos como foi escolhido por essa comissão o nome do povoado até então, estamos falando aqui para escolha do nome para o povoado ou escolha do nome para o distrito?

**Jailson:** Distrito! Eu vi até uma reportagem de um deputado que ele disse; eu não me lembro a data, disse; a partir de hoje, “Paraíso passa a condição de distrito”, só tinha um distrito era Novo Horizonte, onde tudo nessa época era feito lá, eu não conheci o distrito era Novo Horizonte, naquela época, mas tudo era feito ali, tinha cartório tinha tudo lá. Aí Paraíso passou a condição de distrito, me parece que em 1986 ou 1987 por aí.

**Luciara:** No distrito, como o senhor já pontuou, havia um elevado número de habitantes, sabe me dizer alguma das razões que motivaram a vinda das pessoas para essa localidade, inclusive o senhor?

**Jailson:** Veja bem, olha, Paraíso é, eu tive conhecimento, foi o seguinte, um fazendeiro chamado Gerson Custódio Garcez, que é o dono atual ainda dessa terra aqui, juntamente com outro Álvaro Moreira. Eles doaram naquela época lotes de terras pra quem quisesse construir e fazer sua moradia em Paraíso. O povão veio pra aqui, como estava nascendo a rodovia BR 101, e ficou mais fácil em razão do maquinário da rodovia que tava construindo a BR, terraplanar aqui, e aí foi doados terras pra muita gente e aí nasceu São João do Paraíso, que era o acampamento da empresa que tava construindo a BR 101. Esse acampamento funcionava sabe aonde? Ali no hotel Oriente, era um barracão retado ali em cima, e ali tinha um acampamento se não me engano da Odebrech, não tenho certeza, aí quando a empresa saiu deixou tudo terra planado, aí o povão...

**Luciara:** Então deixa ver se eu entendi, esse ajuntamento de pessoas foi facilitado, por essa empresa de terraplanagem<sup>33</sup>?

**Jailson:** E pelos fazendeiros Gerson Custódio Garcez e Álvaro Moreira.

**Luciara:** Estabelece-se o comércio, as concessões de terras, e o que era presente aqui, mais forte na região na economia?

---

<sup>33</sup> A terraplanagem, como o próprio nome indica, é a colocação ou a retirada de terra para deixar um terreno plano, resolvendo diversos tipos de problemas que podem dificultar a construção.

**Jailson:** A cultura do cacau, madeiras, a indústria de madeiras, madeireiras, criatório de gado também.

**Luciara:** O senhor destaca mais algum outro movimento a questão do comércio em si, já começava a se estabelecer?

**Jailson:** Já tinha uma feira também, que se vendia de tudo nessa feira e comércio varejista sempre foi muito forte, né. Muitas mercearias, muitos mercadinhos.

**Luciara:** Então começamos aí, ver se formar digamos que uma cidade, aspás nessa cidade, então era necessário que tivesse a realização de algumas funções, alguns trabalhos, e o que que era facilmente encontrado aqui como profissão? Quais eram os ofícios que as pessoas realizavam?

**Jailson:** Naquela época a indústria de madeira era o número um, né, e depois vinha o trabalhador rural, né, da cultura do cacau tinha vários comerciantes fortes aqui em Paraíso, e que eles também empregavam, né?

**Luciara:** O povoado ele vai passar a ser distrito, e como era que funcionava essas questões práticas, digamos para uma mercearia funcionar ela precisa de elementos básicos, que é a construção, as prateleiras e as mercadorias, mas não só isso, o que mais que precisa? Precisa de água, energia elétrica, que é o que temos hoje. E como era isso aqui, nesse período?

**Jailson:** Antigamente não tinha energia Coelba, né, tinha um motor que era da prefeitura, e esse motor era alimentado pelo óleo diesel doado pela prefeitura. E a água, tinha aqui uns poços, que se chama cisternas e os donos de poços doava essa água aí pra quem quisesse pegar e tudo que tinha era isso aí mesmo. As roupas eram lavadas lá no rio Pardo, as mães de famílias desciam, ó<sup>34</sup> com as bacias na cabeça, desciam Br 101 a baixo aí e ia lavar roupa lá no rio Pardo.

---

<sup>34</sup> O entrevistado com uma das mãos balança para baixo insistindo no movimento, indicando que as mulheres desciam caminhando pelas ruas até o rio Pardo pista a fora.

**Luciara:** E as atividades do dia a dia em casa como eram feitas, porque as roupas eram lavadas no rio, tanto Rio Pardo como São João, e as questões de ordem mais práticas, digamos eu vou acordar e lavar o rosto, essa água era de onde? Não tava na torneira como a gente tem hoje?

**Jailson:** Era potes, latas, a maioria das casas nem filtro num tinha, era tudo pote, armazenado em latas mesmo.

**Luciara:** O senhor me disse que não tinha energia elétrica da Coelba como tem hoje<sup>35</sup> e a água era através desses poços artesianos, como se diz hoje ou cisternas. E existia alguma outra fonte, outra possibilidade para além das citadas de água aqui por parte da prefeitura ou particular?

**Jailson:** Ali tinha um minadouro do outro lado<sup>36</sup> minadouro da fazenda de D. Dina, aí ela doava também a água lá.

**Luciara:** A maioria seria doação, ou as pessoas costumavam a vender essa água pra quem não tinha?

**Jailson:** A própria D. Dina vendia em lombos de animais, não tinha só ela não, tinha várias pessoas que vendiam água.

**Luciara:** Hum... então a gente tem aí um outro tipo de comércio, a venda de água em lombo de animal. E existia por parte da prefeitura alguma fonte pra abastecer a cidade?

**Jailson:** Tinha os chafarizes, né? Tinha um na praça Presidente Médici, outro na rua Guarani e só. Esses chafarizes eram administrados pela prefeitura, construídos e administrado pela prefeitura, tinha funcionários pra tomar conta, né? Já peguei água muitas vezes nesse chafariz, faziam filas lá as latas, alí ó<sup>37</sup> uma atrás da outra. Cada uma aguardando sua vez, e a água caía

---

<sup>35</sup> A pesquisadora tem a intenção de localizar hoje como século XXI e dia em que a entrevista estava sendo realizada.

<sup>36</sup> O entrevistado expressa ali, mas não aponta em uma direção, está se referindo ao outro lado da pista, pois estávamos bem próximo a BR 101, KM 634 São João do Paraíso se separa pela BR, sendo comum dizer do outro lado da pista. Quando se refere ao outro lado, faz menção ao outro lado da pista, pois Paraíso é dividido pela pista, assim existe o lado de lá e o lado de cá.

<sup>37</sup> Se trata de um cacoete, como se estivesse mostrando algo, mas é apenas na fala.

da torneira aí, aquela aguinha tinha que esperar aquela lata encher e sai e o próximo vinha, e assim sucessivamente.

**Luciara:** A organização dessa fila era de forma tranquila ou existia algum tumulto?

**Jailson:** Não deixava de não ter de vez enquanto. Principalmente quando os bêbados chegavam com a lata na mão e queria invadir tudo.

**Luciara:** A gente tem a situação de que a prefeitura e a população se organiza para sanar essas limitações de falta de água e a falta de energia elétrica, fornecendo o motor e as opções já citadas. Pode se observar que já começa a se desenvolver de fato, costume dizer que esse é um processo de urbanização, embora não seja uma *megacidade*, houve urbanização aqui e o avanço ele vai chegando aos poucos e uma coisa que eu sempre ficava boba quando criança era como que essa água chega direto aqui na torneira. E o senhor me diz que aqui tem minadouros, várias fontes de água, e como foi esse processo pra água, uma inquietação minha de quando criança. Como foi o processo da água, da Embasa chegar aqui em Paraíso, e pra ter essa água canalizada para chegar nas torneiras?

**Jailson:** É isso aí foi em 1985, o governador Nilo Coelho instalou a água aí, fez a captação dali do córrego São João e aí já veio a Embasa propriamente dita, né? Mas, antes era como eu estou te falando, era nos chafarizes e as cisternas e era encanada da cisterna pro chafariz, muitas vezes via... Como é que se chama? Não era motorizada não isso aí... Então era isso, era da cisterna e era passado para os chafarizes e do chafariz que era feita a distribuição para população.

**Luciara:** E como que foi a Embasa ter vindo pra cá [São João do Paraíso] como foi esse processo, a população ou o prefeito solicitaram? Existia uma comissão para isso, assim como da escolha do nome?

**Jailson:** No caso aí, havia os chefes políticos, presidentes de partidos, né, e naquela época o presidente do PMDB, quem mandava no Brasil era o PMDB, então o presidente do PMDB era Edson Lima e Raimundo Dantas. Aí eles conseguiram junto ao deputado deles, que é o Evaldo Maia, o Evaldo Maia conseguiu junto ao governador que é Nilo Coelho essa água para o Paraíso.

**Luciara:** A participação de Raimundo Dantas e do senhor Edson Lima com esses deputados, com esses políticos foi mediante a participação deles no PMDB?

**Jailson:** Sim, o PMBD na construção da água pra Paraíso, da instalação, né?

**Luciara:** No caso seria instalação da empresa?

**Jailson:** Sim, da instalação da água mesmo, Raimundo Dantas chegou mesmo a cavar e botar os canos no meio da rua, e ajudar a cavar, entendeu?

**Luciara:** Nesse processo de canalização dessa água, a gente vai ter depois a água nas torneias. O senhor percebeu alguma mudança após essa água em casa nas atividades em casa do dia a dia, ou também na relação do comércio, como foi percebida essa modificação?

**Jailson:** Mudou sabe por quê? Porque todas as casas tiveram o acesso, né? Já não precisava as mães de famílias se deslocarem pra os rios com a lata d'água na cabeça pra buscar água. E aí houve desenvolvimento realmente, e a participação do povo em geral.

**Luciara:** Após a canalização da água as mulheres não precisavam mais se deslocar até os rios, só que antes havia esse deslocamento constante, porque todas as atividades.... Porque se vou daqui pra lá preciso de uma peça de roupa limpa, essa ida ao rio era diária. O senhor se recorda de alguma dessas mulheres que lavavam roupas, não apenas para suas famílias, mas para receber por esse serviço?

**Jailson:** Sim, existia muitas dentre elas dona Eliza, ela faleceu tem uns 60 dias, ela trabalhava pra muitas casas.

**Luciara:** Já contratou o serviço de uma lavadeira?

**Jailson:** Sim, essa Eliza mesmo, já trabalhou muito tempo lavando a roupa de lá de casa. Por incrível que pareça ela lavava, da minha casa, da casa de Rossi Góis Rodrigues que era o dono do supermercado... A era dos supermercados foi ele quem deu abertura, porque antes era mercearias, Rossi Góis Rodrigues, foi quem deu abertura a criação dos supermercados.

**Luciara:** Se recorda de alguma outra lavadeira de ganho que esteja viva e que ainda more aqui em Paraíso?

**Jailson:** Tinha dona Elza Gomes, tá em São Paulo hoje por incrível que pareça ainda tem senhoras que lavava naquela época e lava ainda hoje, por exemplo Cátia Cilene é funcionária da prefeitura, mas ela continua lavando roupas de ganho.

**Luciara:** Meu muito obrigada, vou encerrar a gravação.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

**ELZA MIRANDA SANTOS (Zinha)**

(15.02.2019 a 08.10.2019)

A escolha da entrevistada se justificou em razão do ofício que realiza, que é lavar roupas de ganho, bem como sua generosidade em abrir as portas da sua casa e dedicar um pouco do seu tempo para contribuir com esse importante trabalho de registo das memórias de alguns dos moradores/as de Paraíso.

**Temas:** São João do Paraíso; Ofício de lavadeira de ganho.

### *Sumário*

*1ª Entrevista:* 21.02.2019

Breve relato da sua chegada em Paraíso; a maioria dos seus trabalhos foram realizados em casa de famílias ou na sua própria casa: plantava hortas, pagamentos dos serviços prestados com alimentos; menção dos trabalhos que seu marido realizou; comentário da primeira cliente fixa de lavagem de roupas; curta referência de como conseguiu instalar a energia elétrica e canalizar água em sua casa; descrição das atividades do seu ofício de lavadeira de ganho; menção ocasional da necessidade de lavar roupas no rio; relação de troca de serviço por alimentos com os ciganos que viviam nas proximidades; comentário sobre indicação de clientes do hotel vizinho a sua casa para lavagens de roupas.

*2ª Entrevista* 08.10.2019

Ligeiras considerações sobre trabalhar em casa; depois da primeira cliente não parou mais de trabalhar nesse ofício; clientes fixas mensais; carinho no trato das roupas dos clientes; forma que combina o preço por seu serviço; comentário superficial que ouve músicas para distrair realizando.

*1ª Entrevista 21. 02.2019*

**Luciara:** Agora vamos começar a nossa conversa, vou pedir para que D. Elza fale um pouco sobre ela, quem é, de onde é natural, para que a gente possa começar não de forma direta, vamos nos conhecendo um pouco, e à medida que for conversando irei avançando com as perguntas.

**Elza<sup>38</sup>:** Eu morava numa fazenda, na Coréia, aí depois... Muito tempo, uns 12 anos a gente veio embora pra o Paraíso. Quando nós chegou aqui, passemos momentos difícil. Nós foi parar em uma casa, não tinha água, nem energia. Aí eu lavava roupa pros outros. Limpava casa, não tinha dinheiro, o povo me dava comida. Aí nós foi naquela luta. Depois eu fui fazer horta pra vender, saí pra vender nos lugar. Vendia coco, tudo pra gente sobreviver. Aí num sei, muito tempo... A gente foi melhorando. Foi trabalhando, melhorando, hoje nós tem nossa casa. Com muito trabalho mais Deus abriu as portas pra nós.

**Luciara:** Hoje a senhora trabalha menos que antes?

**Elza:** Mais trabalho ainda, mais menos que antes. Trabalho mais em casa mesmo, não tem mais aquele sofrimento, tenho minha casa, tenho minha família, que é importante a família, abaixo de Deus. Eu estou feliz por isso. Agradeço todo dia a Deus.

**Luciara:** A senhora veio aqui para Paraíso quando tinha 12 anos?

**Elza:** Não a gente morou numa roça assim, uns 12 anos, aí nós veio pra aqui.

**Luciara:** A senhora tem mais ou menos uma ideia de quando veio morar aqui em São João do Paraíso?

**Elza:** Eu posso perguntar a ele?

**Luciara:** Pode sim!

---

<sup>38</sup> A entrevistada é conhecida como Zinha, como forma de sair da formalidade, deixando a conversa mais descontraída em alguns momentos me refiro a entrevistada com o apelido de Zinha.

**Elza:** Ô Zé<sup>39</sup> tem quantos anos que nós mora aqui?

**Zé:** Faz uns 23 mais ou menos uns 23 pra 24<sup>40</sup> anos.

**Luciara:** Quando a senhora chegou aqui pra Paraíso, disse que não tinha nem água nem energia, era isso?

**Elza:** Na minha casa que não tinha, mas nas outras já tinha.

**Luciara:** Mas nas outras casas já tinha a água da Embasa ou era água de poço?

**Elza:** Sim já era da Embasa.

**Luciara:** A senhora fala da questão do trabalho de que foi muito difícil, a senhora tem assim, recordação de quais eram as fontes de renda? Os outros trabalhos que os homens e mulheres realizam por aqui? Por exemplo, o companheiro da senhora trabalhava em que?

**Elza:** Quando chegou aqui, ele trabalhava fazendo caixote de verdura, caixote de embalar mamão, frutas, né? Ele trabalhava pra firma. Eles pagavam 0,5 centavos para a gente fazer um caixote, isso eu me lembro! Aí a gente ia trabalhar, ia bater caixote de umas 04:00 da manhã até 07:00 da noite nós batia caixote eu e ele!

**Luciara:** Muito tempo!

**Elza:** A vida foi difícil.

**Luciara:** A senhora ajudava o companheiro da senhora fazendo esses caixotes e ao mesmo tempo, tinha seu trabalho, que era com a plantação e lavando roupas. Como que foi para conseguir esses clientes para lavar as roupas?

---

<sup>39</sup> Companheiro da senhora Zinha, que estava em um dos cômodos da casa.

<sup>40</sup> Com base na estimativa de anos que moram em Paraíso provavelmente chegaram à São João do Paraíso no ano de 1995.

**Elza:** Eu comecei primeiro com Aline de Toin [Antonio] Nery, eu comecei a lavar primeiro pra ela, ela me pagava R\$ 15,00 por mês, quando comecei a lavar pra ela.

**Luciara:** E como era definido esse preço? Era pela peça, pelo tamanho da trouxa, era pela quantidade, como que era?

**Elza:** Por mês.

**Luciara:** Mais como que acertava esse valor é R\$ 15,00?

**Elza:** Eu tinha que lavar 30 dias, toda semana, tinha que lavar toda semana.

**Luciara:** *Nossa*, mais era um preço bem baixo, para o trabalho que é levar roupa.

**Elza:** Aí por data, né? Se fosse todo dia 25, todo dia 25 fazia mês, você tá entendendo, por a data, né? Fazia esse trabalho, eu não tinha um tanquinho, não tinha nada! Hoje graças a Deus eu tenho um tanquinho, tenho uma máquina! Naquele tempo não tinha não, lavava tudo na mão! Aí, como nossa casa não tinha energia, primeiro mês eu me lembro, eu comprei as coisas pra botar energia na casa, R\$ 15,00, com os R\$ 15,00 eu comprei as coisas. Aí fui trabalhar de novo e colocou a água. Hoje eu tenho vários fregueses!

**Luciara:** A senhora lava roupa há bastante tempo? Desde que chegou aqui em Paraíso não parou de fazer esse serviço?

**Elza:** Não!

**Luciara:** Normalmente as roupas que vão para casa de Aline, a senhora lava e passa?

**Elza:** As roupas são todas passadas, pego a galinhota aqui e vou buscar.

**Luciara:** A senhora que vai buscar? E porque eles não mandam trazer?

**Elza:** Eles toda vida teve carro, mas nunca trouxe, foi vereador muitos tempos. Tem dois rapazes que trabalha no comércio deles, mas não vem não.

**Luciara:** Como que é combinado o prazo, com quantos dias a roupa fica pronta?

**Elza:** A roupa de Iracema do restaurante peguei hoje, hoje mesmo já lavei. Em Iracema eu vou pegar a roupa. Amanhã de manhã eu passo aí vou entregar!

**Luciara:** Ah, é pouco tempo.

**Luciara:** A senhora me disse que pega as roupas hoje na galinhota, mas já levou ou foi buscar com a trouxa na cabeça?

**Elza:** *Não, não.* Sempre eu comprei a galinhota pra pegar.

**Luciara:** Ainda hoje a senhora trabalha nesse mesmo ofício, e qual a mudança que teve quando lavava roupa na mão e hoje que já lava com o tanquinho?

**Elza:** É um descanso muito.

**Luciara:** Já chegou a lavar roupa no rio?

**Elza:** Já! No Rio Pardo quando faltava água.

**Luciara:** E costumava faltar água com frequência?

**Elza:** Às vezes faltava, porque não tinha caixa d'água, aí faltava água ia lavar no rio. Mais não ia sozinha não, ia mais as minhas amigas, elas tinham carro me levava elas iam lavar roupa também, lavava coberta, nesse tempo era os ciganos, as ciganas que morava aí, ajudava elas lavar as cobertas, aí pegava carona mais elas.

**Luciara:** A senhora me disse que com Aline tinha o preço estabelecido por mês, e com os outros clientes tinha preço fixo? Não os atuais mais os de antigamente?

**Elza:** Só Aline que era por mês!

**Luciara:** Quando a senhora foi adquirindo mais clientes para a lavagem de roupas como era combinado esse preço?

**Elza:** Iracema mesmo né, me dá um monte de roupa, e me dá R\$ 20,00 eu lavo uma trouxa de roupa pra ela. Eu lavo e passo. Aí tem um outro rapaz aqui que me dá R\$ 30,00, lavo e passo. É pela quantidade da trouxa! É uma sacola, vem numa sacola.

**Luciara:** Pode falar um pouco das lembranças desse período sem as minhas interferências, o que a senhora for lembrando, contar um caso do dia que foi lavar roupa no rio, ou de um caso que estava lavando as roupas.... Estou todos ouvidos.

**Elza:** Quando era muita roupa, e não tinha água, as vezes não caía água. Porque minha casa não tinha água, né? E Aline eu lavava na casa dela, que num tinha água. Que eu pegava água na casa da vizinha, eu pegava a água e ajudava ela pegar, era muita roupa e ficava chato eu lavar, eu lavava na casa de Aline. Aqui tinha muito cigano, aí dos ciganos eu ia lavar na bica, na bica de Dina. Aí eu ia lavar lá na bica passava o dia todinho lavando roupa. Aí quando era de tarde, quando era 12:00 elas levavam comida pra mim. Aí quando terminava de lavar, eu chegava em casa elas me dava assim; compra! Me dava comida! Elas não me davam dinheiro, elas me davam as coisas. Aí no outro dia outro dizia lava pra mim pegava a trouxa de roupa e descia pra bica. Ah, areia essa bacia de prato, eu te dou as coisas. Aí me dava aí eu ia passando a vida. Elas gostavam de mandar eu passar roupa nas barracas delas. Elas me davam as coisas. Aí hoje eu sou conhecida aqui, que até os povos que chega no hotel, pergunta onde tem uma lavadeira aqui? Aí os povo do hotel fala assim: aqui tem uma mulher que lava! Pensar que não aparece um na porta, “onde mora D. Zinha aqui?” Digo assim: Tá falando com ela. “Ah, senhora lava uma roupa pra mim”, digo lavo.

**Luciara:** Ah, sim, normalmente quando a senhora recebe a roupa, recebe com o sabão ou é com o sabão da senhora?

**Elza:** Aí eu exijo! Elas têm que me dá o sabão, elas têm que me dá o sabão, o amaciante, a Qboa. E eu sou falada aqui pra lavar roupa.

**Luciara:** E ainda hoje a senhora costuma coloca roupa pra quarar ou não precisa mais?

**Elza:** A roupa, assim, não é todas que eu boto no tanquinho não. Que tem as roupas nova, num coloco no tanquinho, eu lavo na mão, coloco na sombra pra não queimar, tá entendendo? É assim, eu não coloco, eu tenho todo carinho, o trabalho que eu faço com carinho. É por isso que o povo gosta que eu lavo roupa, lavo pra Marlene aí dos Coroas. Lavo pra muita gente. O povo vive me procurado, eu mesmo faço meu comercial que eu lavo roupa bem. A roupa da senhora é cheirosa, dona Zinha, pois é quando precisar só me procurar. O povo vem procurar!

**Luciara:** Hoje não precisa mais colocar pra quarar, mas ainda tem esse cuidado com a roupa, mas e quando a senhora lavava na bica, ou no rio Pardo, fazia esse processo de colocar a roupa pra quarar?

**Elza:** Quarava, botava pra quarar!

**Luciara:** E como é esse quarar? Porque tem gente que não sabe.

**Elza:** Estende no sol e vai jogando água, não deixa a roupa queimar, aí vai jogando água pra não pegar o sabão, pra não queimar a roupa vai molhando. Aí se dá o nome de quarar roupa, no quarador. A gente esfrega na mão e coloca no sol pra quarar, aí vai jogando água. Na rua que a gente não faz isso, mais no rio fazia. E hoje a gente bota uma roupa de molho, faz uma água de Qboa, com sabão e coloca dentro do balde, ou dentro de uma bacia pra quarar né. Bota no sabão. Mas no rio não, a gente estende! Meu trabalho é só esse, só lavar roupa! Num falta, hoje mesmo já lavei de uma, já lavei de outra, segunda-feira já pego de outra, é assim! Sempre eu trabalho de só lavar roupa num achei outro trabalho pra fazer, aí a gente tem que num parar tem que lutar. Todas as minhas coisas que eu tenho eu compro com meu dinheiro. Vou juntando compro a prestação, vou pagando.

**Luciara:** E quando o filho/a da senhora era pequeno, eles ajudavam, a filha da senhora ajudava nesse trabalho ou sempre fazia o trabalho sozinha?

**Elza:** Não, os meus filhos foram do primeiro casamento, eu não trabalhava, eu morava em Canavieiras, no primeiro casamento. Meus filhos não foram criados comigo não, foi criado

com o pai. Com meu segundo marido, os meus filhos já não moravam comigo. Esse eu conheci ele na Coréia. Eu morava em Panelinha<sup>41</sup>.

**Luciara:** A senhora se recorda porque veio morar em Paraíso, teve alguma coisa que motivou a vir pra cá?

**Elza:** Teve! Porque nós morava na Coréia, na fazenda de Deval Cardoso, aí a gente morou lá não deu certo mais, aí nós saiu e veio aqui pra rua, pra São João do Paraíso, foi isso que aconteceu.

**Luciara:** E por que a escolha de Paraíso, tinha algum parente aqui, algum conhecido, ou alguém deu uma dica vai pra lá que lá é fácil pra conseguir emprego?

**Elza:** Não, nós já tinha parente aqui. Ele tinha uma irmã e um irmão aqui. Mas não foram eles que ativou pra gente vir pra aqui não. A gente mesmo que quis vim morar aqui. Quando eu vim pra aqui a feira era na praça. Depois foi pra feira velha. Eu trabalhei na feira velha. Depois fui trabalhar pra uma mulher ela só me dava a comida, que num me pagava, só me dava a comida só. Eu almoçava lá e jantava lá na casa dela, que eu não tinha comida em casa. Aí eu almoçava e jantava na casa dela. E hoje eu tenho, gente chega na minha casa eu tenho comida pra dá! Aí depois meu marido foi trabalhar na serraria de Mattedi, trabalhou muitos anos. Foi o tempo que fechou a serraria, aí ele voltou e foi trabalhar no posto com o mesmo dono. Depois saiu do posto e veio trabalhar com Dr. Ana aí no Liac<sup>42</sup>. Ai agora com 60 anos encerrou. Agora tem o descanso dele.

**Luciara:** E a senhora pretende parar de trabalhar quando? Para ter o descanso da senhora também?

**Elza:** Só quando aposentar.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>41</sup> São João do Panelinha distrito da cidade de Camacã que fica cerca de 32 km de São João do Paraíso.

<sup>42</sup> Laboratório de análises clínicas em S J Paraiso - Mascote – BA.

*2ª Entrevista: 08.10.2019*

**Luciara:** Então hoje eu retorno aqui na casa de Elza, pra gente voltar do ponto que a gente parou da outra vez, eu tenho falado Elza, ou Zinha, como a senhora prefere ser chamada? Elza ou Zinha.

**Zinha:** Pode ser Zinha.

**Luciara:** Pode ser Zinha? Melhor né? Menos formal.

**Zinha:** Eu sou mais conhecida por Zinha.

**Luciara:** Eu sei que a senhora, trabalhou e trabalha ainda, nesse serviço de lavar roupa de ganho. A minha avó lavou também muitos anos, a minha avó deixou de trabalhar, porque ela acabava lavando muito e ela acabava ferindo a barriga no tanque... aí meu tio começou a mandar o dinheiro que ela fazia lavando roupa. Aí foi por isso que eu comecei a pesquisar sobre as lavadeiras, por conta de minha avó.

**Luciara:** Aí eu tenho uma pergunta assim, que a senhora quando chegou pra aqui disse que trabalhou em várias coisas, em casa de família, vendendo coco, e assim eu fiquei me perguntando por que a senhora escolheu esse serviço pra ser a profissão da senhora de lavar roupas, e não outra coisa como a senhora já tinha feito antes. O que senhora pensou assim, vai ser melhor?

**Zinha:** Porque eu lavando roupa, eu cuido da roupa e de minha casa.

**Luciara:** Com quem que a senhora aprendeu esse saber de lavar roupas?

**Zinha:** Ah, eu não sei, eu só fiz, lavar pra uma pessoa, aí depois dessa pessoa não parou, só chega gente me contratando para lavar roupa, aí eu continuo lavar roupa.

**Luciara:** E a senhora acha que é porque que as pessoas vão informando, que a senhora sabe lavar roupa bem, ó procura Zinha.

**Zinha:** Eu acho que sou boa lavadeira.

**Luciara:** O que a senhora costuma usar pra deixar essa roupa bem alvinha e cheirosa?

**Zinha:** Amaciante.

**Luciara:** E logo no comecinho lá pra 1990 e alguma coisa a senhora costumava usar aquelas folhas que espuma pra alvejar as roupas?

**Zinha:** Não!

**Luciara:** E quando a senhora faz o trabalho, estou aqui esfregando uma roupinha, costuma cantar alguma cantiga, quais músicas costuma cantar?

**Zinha:** Amado Batista. Aí sempre alegre lavando, vou cantando, sempre alegre.

**Luciara:** E assim como foi, que acertou esse valor com ela, de chegar e dizer assim, não é R\$ 15,00 que vale por mês.

**Zinha:** Não, não foi eu que falei, foi ela que me pagou os R\$ 15,00, quando eu lavei, quando inteiro um mês ela me pagou os R\$ 15,00, não foi eu que falei não. Ela que colocou o preço.

**Luciara:** E atualmente por quanto que a senhora lava para ela? Ainda continua sendo por mês?

**Zinha:** Por mês, hoje, deve ter uns 23 anos ou mais, me paga R\$ 100,00 por mês.

**Luciara:** Meu Deus é um trabalho grande, né? Porque eles são muitas etapas. Que na verdade ele começa quando a senhora vai buscar a roupa. E quando chega aqui como é que faz? Depois que traz a roupa, como faz pra começar?

**Zinha:** Aí eu vou lavar, lavo, passo, dobro, boto na caixa, boto na galinhota e vou levar de novo.

**Luciara:** E a senhora costuma separar assim, por cores...?

**Zinha:** As brancas são separadas, as de cor é separada, se não ela reclama.

**Luciara:** E a senhora só tem Aline de cliente de mês?

**Zinha:** Não tem mais. Tem o rapaz da pousada.

**Luciara:** A senhora lava a roupa da pousada?

**Zinha:** Não só a do rapaz.

**Luciara:** Ah,... de que pousada?

**Zinha:** Aí do negão aí. O povo chama ele assim, mas eu não gosto de apelide não.

**Luciara:** É Marques, Raimundo Marques.

**Zinha:** Lavo a roupa do irmão dele.

**Luciara:** É por mês também?

**Zinha:** Não é por trouxa.

**Luciara:** E como a senhora faz esse preço para lavar por trouxa?

**Zinha:** Eles fazem assim, né? Eles traz a roupa. “Porquanto a senhora lava? ” Eu lavo por R\$ 25,00 reais.

**Luciara:** Essa é a trouxa, média, a maior ou menor?

**Zinha:** A base de umas 30 peças. Eu lavo também pra João do bar me paga a R\$ 30,00.

**Luciara:** Normalmente quando a senhora avalia, é quando vai buscar, ou quando eles trazem aqui?

**Zinha:** Aí todos é eu que vou buscar, todos eu vou buscar nas casas. Eu dou dois sabão, assim a roupa nova eu não boto na máquina, no tanquinho, lavo na mão.

**Luciara:** A senhora lava na máquina e no tanquinho?

**Zinha:** É eu tenho a máquina e o tanquinho, a roupa nova eu lavo na mão, não coloco no sol, enxugo na sombra na área, né?

**Luciara:** Tem todo um cuidado.

**Zinha:** Eu tenho todo carinho, é por isso, que o povo me procura. Eu tenho todo carinho.

**Luciara:** Ah, então está explicada a fama. [riso]

**Zinha:** Num é isso? É por isso que o povo me procura. Aí eu gosto de minha profissão.

**Luciara:** Ah, entendi, então a senhora poderia trabalhar nas casas, mas a senhora tinha a casa da senhora pra cuidar, e esse trabalho a senhora pode fazer aqui, né?

**Zinha:** É, em casa.

**Luciara:** E também pode cuidar da mãe da senhora.

**Zinha:** Cuido de minha mãe, e também não posso sair, tenho que ficar sempre dentro de casa.

**Luciara:** Entendi. Zinha, agora eu falei Zinha, mas eu vou falar o nome da senhora, que eu vou pedir autorização da senhora, para eu poder usar essa gravação e aquela outra para meu trabalho, que eu já expliquei como é. Então nesse momento eu peço a senhora Elza Miranda Santos, que ela possa me autorizar a usar as entrevistas que ela me concedeu gratuitamente no dia 21 de fevereiro de 2019, e no dia 08 de outubro de 2019. A senhora permite que eu use essas entrevistas para meu trabalho sobre as lavadeiras, a senhora permite?

**Zinha:** Pode. Permito!

**Luciara:** Meu muito obrigada.

**Zinha:** Nada.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

**MARIA LENILZA SACERDOTE (Bezuita)**

(05.10.2019)

A escolha da entrevistada surgiu mediante indicação de seu nome por haver trabalhado com lavagem de roupas, dessa forma as perguntas foram direcionadas ao seu ofício, buscando identificar as alternativas encontradas para sobrelevar a falta de um sistema de abastecimento hídrico. A condução dessa entrevista foi um pouco truncada, me custou o traquejo para dar seguimento e aprofundar alguns temas, percebendo dissonância em suas falas em relação aos outros assuntos enunciados, como sobre a canalização da água nas casas, bem como sua imprecisão ou até mesmo fuga do que foi perguntado, compreendendo como estratégia quando não tinha conhecimento do tema ou ainda hesitação.

### *Sumário*

Apresenta em poucas palavras mudança da roça onde morava para Paraíso; breve referência ao início lavagem de roupa; ligeiras considerações sobre as fontes de água que a população utilizava; Informações sobre a prática de lavar roupas: trabalhou nos dois rios Pardo e São João, considerações sobre o baixo custo pelo serviço que realizava; menção de como os/as clientes tinha conhecimento que trabalhava como lavadeira de ganho.

**Temas:** São João do Paraíso; Ofício de lavadeira de ganho.

*Entrevista 05.10.2019*

**Luciara:** Aí a gente vai conversando que a senhora estava falando<sup>43</sup> que chegou aqui desde o começo, não foi isso?

**Bezuita:** Cheguei desde o começo de Paraíso, aqui era feto naquele tempo.

**Luciara:** E a senhora lembra, porque veio morar aqui em Paraíso, venho sozinha, ou com a família?

---

<sup>43</sup> A entrevista começou após uma breve conversa com o gravador desligado por isso dá-se a impressão de haver existido informações preliminares.

**Bezuita:** Não, eu tava com a família o pai dos meus filhos.

**Luciara:** E porque resolveram morar em São João do Paraíso? A senhora lembra?

**Bezuita:** É porque eu morava na Ilha Alegre.

**Luciara:** E onde fica essa Ilha Alegre?

**Bezuita:** Fica aí pra dentro de uma roça. Aí depois meu esposo, comprou uma casinha aqui, aí nois foi morar, com tava com 12 anos de nois junto e se larguemo, aí quando eu fui espiando a lavação de roupa. Fui pra casa de meu irmão, aí nois lavava muito.

**Luciara:** Com quem que a senhora aprendeu a lavar roupa?

**Bezuita:** Com minha mãe. [riso]

**Luciara:** E como a mãe da senhora ensinou a lavar?

**Bezuita:** Ué, ela não lavava de ganho, mas lavava pra ela, e a gente que gosta de tralhar né, eu sei que eu criei três famílias, quase três família. Lavando roupa e sozinha, meu irmão que ajudava e minha irmã. Que me dava o ajuda. É essa que você tá falando Maria.

**Luciara:** Quando a senhora fazia esse trabalho de lavar roupas, normalmente fazia no rio ou era em casa?

**Bezuita:** Nois fazia no rio, rio Pardo, São João. Nessas grotas aí de Gelso<sup>44</sup>

**Luciara:** No caso essas grotas de seu Gerson, seriam o que?

**Bezuita:** Era bica.

---

<sup>44</sup> A entrevistada se refere a Gerson Custódio Garcez um dos proprietários das primeiras fazendas de Paraíso e de boa parte dos terrenos existentes.

**Luciara:** Então aqui não tinha água canalizada, da Embasa, mas tinha vários lugares que tinha água?

**Bezuíta:** Era, nois bebia água de cisterna, lá da bica de Gelso, água lá do buqueirão do seu Epifânio.

**Luciara:** Até hoje as pessoas costumam beber dessa água?

**Bezuíta:** É porque tem gente que não bebe dessa água do São João, agora eu bebo.

**Luciara:** Mas a senhora lembra, quantos anos foi que lavou roupas de ganho aqui em Paraíso?

**Bezuíta:** Não, só lavava pra mim mesmo, só lavava pra mim e meus filhos. Eu comecei a ficar lavando roupa quando fiquei sozinha, eu fiquei na casa de meu irmão fui criar esses filhos tudo. Aí já de ser uma família só já era mais de uma. Depois que eu vim dá pra lavar roupa, e Maria lavava mais que eu você ir lá vai aparecer tanta roupa que Maria já lavou, ai ai.

**Luciara:** Como era que fazia esse trabalho de lavar roupas lá no rio?

**Bezuíta:** Nois trazia na cabeça do rio Pardo, levava e trazia do São João também.

**Luciara:** Quando lavava roupas lá no rio tinha outras mulheres ou só era a senhora?

**Bezuíta:** Tinha muita, um muintão de mulher lavadeira, naquele tempo lavava, era.

**Luciara:** Quando vocês estavam realizando o trabalho, costumavam cantar, prozar como era?

**Bezuíta:** Cantava, rezava... [riso]

**Luciara:** A senhora lembra de alguma cantiga?

**Bezuíta:** Eu não, lembro não. [riso]

**Luciara:** E a senhora lembra assim, qual o valor que era cobrado nesse período pela lavagem de roupas?

**Bezuita:** Era mixaria, tinha vez que era 10,00, outra hora 20,00, era mixariazinha, que eles pagava a gente.

**Luciara:** E a senhora lembra, como era combinado o preço? Se era pela trouxa, pela quantidade?

**Bezuita:** Era pela trouxa, lavei pra seu Pedro pra Vera. Lavei um bucado de tempo pra eles lavei pra Beto, Beto de Nice.

**Luciara:** Lembra de outras famílias que já lavou roupas?

**Bezuita:** Pra João de Deus, Branco... tem mais gente aí que eu lavava seu Antônio do táxi.

**Luciara:** E como que a senhora fazia para colocar o preço, como dizia assim essa trouxa vai valer tanto, como que era? Como fazia esse cálculo para dá o preço?

**Bezuita:** É a gente dava assim, as vezes pagava R\$ 10,00... 7,00... 8,00, naquele tempo era um dinheirão.

**Luciara:** Mas era a senhora que dizia quanto valia, ou era o cliente que dizia, digamos vou pagar R\$ 5,00.

**Bezuita:** Tinha vez que eles falava só vou dá tanto, a gente que tava precisada, né...

**Luciara:** É, mais é uma coisa interessante, e errada não é mesmo? Por que como é que a senhora que está fazendo o serviço e quem vai pagar que coloca o preço?

**Bezuita:** É mais a gente também falava, né, mais tem hora que a gente esquece, né? Já trabalhei em João de Deus muitas horas dele dava 6,00 contos outra hora dava 5,00 contos, e era para trabalhar não era pra dizer pra ficar quietinha não, lá em João de Deus mesmo a gente limpava tudo, deixava tudo vasculhado.

**Luciara:** A senhora disse que começou a lavar roupas de ganho quando separou do companheiro foi isso?

**Bezuita:** Foi, o pai desse menino aí<sup>45</sup>. Eu fiquei sozinha, depois com muito tempo que eu amasiei com esse véi, aí eu não quis casar mais não.

**Luciara:** Então vamos lá. Eu perguntei como era que colocava o preço na lavagem das roupas? E como que as pessoas ficavam sabendo que a senhora fazia esse trabalho de lavar roupas?

**Bezuita:** Que aqui no Paraíso você sabe, né? Aqui no Paraíso todo mundo sabe minha irmã lavou tanta roupa aqui que é, tinha vez que ela lavava de 7 casas. É mais e toda vida ela foi mais saudia de que eu. Pegava menos a roupa, a mais forte que eu peguei foi a de seu Pedro era cada bacia de roupa minha fia, que hoje em dia eu tô arrebetada.

**Luciara:** Era muita roupa porque a família era muito grande?

**Bezuita:** Ave Maria, um povo assim que era... uma vez mesmo Joilde caiu no rio Pardo e nesse dia eu trouxe roupa do Rio Pardo pra lavar aqui dentro de casa.

**Luciara:** Então no caso como as pessoas sabiam que a senhora lavava roupa? Era na boca a boca...

**Bezuita:** Nós era de lavadeira mesmo, era porque naquele tempo as mulher pagava mesmo pra gente lavar.

**Luciara:** E porque era tão procurando assim? [riso].

**Bezuita:** Porque quando a gente ia lavar lavava bem lavadinho. Que elas gosta tem umas que gosta de lavar bem levadinho, Aí percurava eu e Maria e aquela Elza.

---

<sup>45</sup> Se refere à um filho que estava em um dos cômodos casa, não indicava com a mão como se estivesse mostrando. No segundo momento quando fala do amasiamento aponta para uma porta retrata pendurado na parede.

**Luciara:** Então eu penso, que provavelmente tinha muita procura porque não tinha água encanada, não é isso?

**Bezuita:** Mais tinha mulher mesmo que não gostava de lavar. É, mais quem me ajudou mais foi meu irmão Sacerdote, Maria minha irmã, me ajudava, se era mixaria que ganhava.

**Luciara:** Tinha que lavar era muita roupa, né?

**Bezuita:** Era minha fia.

**Luciara:** E quando a senhora acordava e dizia assim hoje vou lavar roupa. Como era o horário que costumava fazer esse serviço?

**Bezuita:** Saía 05:00, 06:00 horas pra chegar mais cedo no rio nois lavava aí também na ponte?

**Luciara:** Do Rio Pardo?

**Bezuita:** Não na ponte do São João que é perto do rio Pardo.

**Luciara:** A senhora pode por favor a medida de que for lembrando de falar como é que a população se virava aqui com essa falta de água [no caso a falta de água encanada na sua própria casa].

**Bezuita:** Como eu tô dizendo nois pegava em cisterna na bica o povo pegava e aí ia levando.

**Luciara:** A senhora tinha caixa d'água ou túnel pra fazer estoque da água?

**Bezuita:** Tinha não, eu não.

**Luciara:** E a água de beber onde era que guardava?

**Bezuita:** No pote ou no filtro

**Luciara:** E por parte da prefeitura era feita alguma coisa pra tentar diminuir esse sofrimento todo da dificuldade em relação a falta de água?

**Bezuita:** Não, aqui foi depois que, esqueci meu Deus que prefeito esqueci o nome do prefeito, não sei se foi Manuel Andrade, ou se foi seu Fernando, que aí botaram aquelas caixas d' água, pra gente pegar água. Tinha a caixa d' água, que tinha vez que dava briga das mulher.

**Luciara:** E a senhora costumava pegar água nessas caixa d' água [chafariz público]?

**Bezuita:** Eu pegava. Era fila, tinha ora que não tinha fila, mais tinha hora....

**Luciara:** Era uma disputa com essa água. E a senhora se recorda, ou já ouvir falar como foi que chegou essa água encanada na casa da senhora como tem hoje? Porque abrir a torneira tenho água, não precisava ir, pra essa caixa d' água que o prefeito colocou pra pegar a água. A senhora lembra como foi isso?

**Bezuita:** Não, naquele tempo, acabou ai fizeram a Embasa lá de água. Aí acabou negócio dessa falta de água. Cada um tem sua água em sua casa.

**Luciara:** Mais foi assim algum prefeito que trouxe a Embasa?

**Bezuita:** Acho que foi, ou foi Fernando, ou foi tanto prefeito que já teve aqui. Que eu me lembro mesmo foi seu Fernando, Manuel Andrade, seu... um bucado de gente que eu já esqueci.

**Luciara:** E me fala uma coisa mais por favor. Como que quando a senhora chegava no rio normalmente, a senhora quando recebia as roupas, pegava as roupas das pessoas ou elas levavam para senhora, como que era?

**Bezuita:** Não, a gente que ia pegar. A gente ia pegar ia levar, e era pra levar tudo direitinho, se faltasse uma peça, ai ai, ainda tinha essa, nois que não levasse direitinho não. Uma vez mesmo tava lavando a roupa de Beto e tinha uma conhecida, que diz que era amiga, tinha uma roupa do Beto e foi no meio da roupa dela, quando eu fui entregar a roupa faltou essa

camisa, mais Deus é tão bom que teve uma vizinha uma amiga minha que falou, “a camisa eu vi lá na casa de fulana da mulher” aí eu fui quando cheguei lá ela não tava entrei lá dentro e peguei a camisa, e entreguei a dona, olha aqui a camisa. Mais nós tinha cuidado minha fia, ai ai coisa dos outros é uma coisa séria. Por que assim se juntasse nois tudo uma levasse uma peça tinha que entregar, por que não era da gente, né?

**Luciara:** É com certeza. A senhora pode falar um pouco mais desse trabalho da senhora quando chegava, e teve essa roupa, quando a que dizia amiga confundiu [riso]. Como realizava mesmo o lavar das roupas as etapas pra desmanchar a trouxa, o que fazia primeiro?

**Bezuíta:** Cada uma ficava no seu canto.

**Luciara:** E a senhora costumava quarar a roupa?

**Bezuíta:** Nois quarava a pedra *quente*. Quando tava no Rio Pardo, ai, ai, outra hora no São João, e o São João era mata nesse tempo, não é como tá hoje em dia não. Naquele tempo era assim<sup>46</sup> a ladeira, quando a gente subia a ladeira chovendo precisava pegar nos paus. Hoje em dia sinto uma dor tão grande nessas costas, que eu vou te dizer viu. Eu trabalho mesmo apulso e depois dessa doença pior.

**Luciara:** Ah. A senhora chegou a lavar roupa de ganho dentro de casa? Quando teve água encanada, a senhora continuou lavando roupa ou já tinha parado quando encanou a água?

**Bezuíta:** Não minha fia, não, a vez eu lava assim, quando uma pessoa tava doente ai eu lavava.

**Luciara:** Então a senhora não ficou muitos anos lavando roupas de ganho?

**Bezuíta:** Depois que eu amasiei com esse véio eu lavava dentro de casa. Sempre eu lavo assim se a pessoa cair doente vou lá e lavo. Eu trabalhava também nas casas.

---

<sup>46</sup> Realizando gesto abaixando a mão e levantando deixando de forma inclinada para demonstrar o quão íngreme era a ladeira.

**Luciara:** A senhora trabalhou de doméstica também, trabalhou em muitas casas?

**Bezuita:** Trabalhei. Assim em negócio de casa eu trabalhei pra ajudar a criar esses filhos. Fazia de tudo que tinha pra fazer, lavava roupas, cozinhar, arrumar casa.

**Luciara:** No caso todo o serviço da casa. A senhora é natural de onde, nasceu aonde, porque a senhora disse que antes morava na Ilha Alegre?

**Bezuita:** Nois morava aí no Sapucaia aí pro lado da Mata escura, meu pai morava lá, depois a gente mudou foi pra Pau Brasil nasci no Sapucaia na fazenda.

**Luciara:** E a senhora falou na Mata escura, o que vem a ser essa Mata escura?

**Bezuita:** Mata escura é porque é uma fazenda a Sapucaia de junto que é uma fazenda também, era pegada na Mata escura. É porque é o nome da fazenda.

[FIM DO DEPOIMENTO]

### **GUIOMAR DE OLIVEIRA LIMA**

(30.05 e 03.10.2019)

A escolha da entrevistada se deu a partir de uma indicação, devido ao trabalho de lavadeira de roupas que havia realizado por um longo período de sua vida, o contato foi facilitado por minha família ser conhecida de muitos anos, assim tinha acesso e assuntos outros para além do objetivo da pesquisa contribuindo para o bom desenrolar das entrevistas.

#### *Sumário*

##### *1ª Entrevista 30.05.2019*

Explicação sobre a chegada em Paraíso: motivo pela escolha do lugar; breve menção dos trabalhos realizados na roça; exposição detalhada de episódios de velhaquice de alguns clientes; comentários sobre a marca física no corpo devido seu serviço; considerações sobre os preços estabelecidos pela lavagem de roupas: realizava reparos nas roupas cobrava a mais; descrição de enfrentamento com um fazendeiro quando lavava roupas do rio São Bento.

##### *2ª Entrevista 03.10.2019*

Razões pelas quais os clientes procuravam-na para lavar roupas; necessidade de complementar a renda começa a lavar roupas de ganho; breve relato sobre a instalação do sistema de abastecimento hídrico através da pessoa de Raimundo Dantas; ligeira menção na melhoria em seu trabalho depois da água encanada.

*1ª Entrevista 30. 05.2019*

**Luciara:** Agora eu quero que por favor a senhora se apresenta quem a senhora é? Falando das vivências aqui em Paraíso, porque veio morar aqui em Paraíso?

**D. Guiomar:** Quando eu cheguei aqui em Paraíso primeiro eu fui trabalhar na roça, trabalhei em cacau na fazenda da Dona Téa. Depois, eu, deixei porque, os meninos tava pequeno, não podia ficar sozinho. Depois eu fui trabalhar aqui mesmo, aqui no setor de Paraíso, trabalhando de enxada rancando capinho ganhando dinheiro no dia. Pegava empreitada, na mão do véi Antônio Lourenço<sup>47</sup> limpemo muitas terras, que hoje é cidade já tem comércio, já tem casa. Aí depois saímos fomos trabalhar lá na mata escura<sup>48</sup>, trabalhamos na roça aí nois deixou. Aí comecei a lavar roupa. Eu lavei roupa aqui em Paraíso 21 anos, que eu lavei roupa de ganho aqui, ia lá pro São Bento<sup>49</sup>, ia pro São João. Lavava roupa na cisterna das vizinhas, a gente lavava roupa, né, puxava água de cisterna. Lavava roupa nas cisternas porque não tinha água suficiente, então a gente lavava na cisterna e nos córgo também, e era assim, faz 21 anos, que eu lavei roupa.

**Luciara:** A senhora disse que lavou roupas no São João, São Bento, e onde fica esse São Bento?

**D. Guiomar:** Acabou esse rio porque depois que fez o posto, aí o esgoto do posto botou para o riozinho, um corginho né? A área que a gente lavava roupa era boa, só você ver. Aí a gente deixou de lavar no São Bento, aí nós foi lavar no rio São João.

**Luciara:** A senhora já chegou a lavar roupas no Rio Pardo?

**D. Guiomar:** Não eu nunca fui, mais as outras mulheres iam, elas pegavam os carros aí e botava as trouxas nos caminhões e se picava. Agora eu não ia não porque eu achava a água por aqui mesmo.

---

<sup>47</sup> Provavelmente um dono de terras da região

<sup>48</sup> Mata escura

<sup>49</sup> Esse rio não existe mais, nunca soube da existência do mesmo busquei mais informações, perguntando aos moradores do lugar. Com a instalação do posto de gasolina na rodovia BR 101, Km São João do Paraíso Mascote – BA.

**Luciara:** E o que motivou a senhora vir aqui para Paraíso? Antes a senhora morava onde?

**D. Guiomar:** Paraíso eu conheço antes de fazer ele.

**D. Guiomar:** É, eu não morava aqui não mais eu conhecia ele antes de fazer. A gente morava na Coréia<sup>50</sup>. Aí meu sogro vendeu a roça dele lá em Itororó, e a gente veio para Coreia né. Meu sogro comprou um alqueire de mata, e comprou outro terreno lá em Santa Maria Eterna. Aí fiquemos morando na Coréia, depois mudamos para Santa Maria Eterna, passamos cinco meses, depois voltamos aí pro Britador<sup>51</sup>. Lavava nos buracos também, porque não tinha rio, não tinha água, só lavava naquelas lagoas véa [riso]. A gente sofreu viu!

**Luciara:** Então desde os lugares que a senhora morou antes de vir para Paraíso, a senhora já lavava roupas de ganho?

**D. Guiomar:** Lavei roupa na Coréia, e aqui [Paraíso]. No Britador eu trabalhava na roça pra mim, plantava mandioca, feijão, milho, criava galinha era só isso que a gente fazia. Fazia farinha!

**Luciara:** A senhora tem lembrança de que ano foi que mudou para Paraíso?

**D. Guiomar:** Me mudei no dia 20 de dezembro de 1983. E aí tô aqui até hoje. Esses trabalhos que eu falei que já fiz, foi morando aqui. Sempre trabalhando! Desde criança! Comecei a trabalhar com sete anos. Botando sentido nos passarinhos no arroz, nos milhos lá em Almadina, ficava tangendo os passarinhos.

**Luciara:** A senhora começou a trabalhar com sete anos, estudou nesse meio tempo?

**D. Guiomar:** Não, meu pai que me ensinava, ensinava umas besteirinhas, ensinou um pouquinho. Estudei depois que eu mudei pra aqui.

**Luciara:** Estudou até que série?

---

<sup>50</sup> Como popularmente é conhecido o distrito de Itaimbé do município de Potiraguá-Bahia. Itaimbé faz divisa com o distrito de São João do Paraíso, município de Mascote.

<sup>51</sup> Britador

**D. Guiomar:** Eu fiz até a 5ª série!

**Luciara:** E como foi que a senhora encontrou tempo para estudar, já com os filhos, ou como que foi?

**D. Guiomar:** Oxem, de noite, trabalhava o dia e de noite estudava. Lavava roupa de ganho né, aí de noite eu estudava, passava roupa na carreira pra ir poder ir para o colégio.

**Luciara:** A senhora lembra quais eram, os trabalhos, as profissões que as mulheres realizavam aqui?

**D. Guiomar:** É lavar roupas, e trabalhar nas casas como doméstica.

**Luciara:** E as professoras que ensinavam a senhora era daqui [Paraíso], ou vinha de outras cidades?

**D. Guiomar:** Tinha duas de Jussari, uma de Itabuna e as outras era daqui Emídia, Leones, Gracinha, Joani, Marlede, Edilza.

**Luciara:** A senhora disse que a água aqui era difícil?

**D. Guiomar:** Difícil era no Britador.

**Luciara:** E aqui em Paraíso como que era? Porque a senhora disse que lavava roupas no São João, no São Bento e nas cisternas das vizinhas.

**D. Guiomar:** Eu pegava água até no São João e no São Bento e lá em Antônio Lourenço, a gente pegava água. Porque não tinha trégua para pegar aqui<sup>52</sup>, porque era um brigueiro, aí a

---

<sup>52</sup>Se refere a praça do Cigano que está localizada a poucos metros de sua casa que tinha um chafariz instalado. O nome atribuído a praça é em razão de ter sido antes um espaço em que frequentemente os ciganos faziam seus acampamentos, o nome oficial da praça é Antônia Sena.

gente não ficava esperando, e se picava no mundo pra panhar água. Que nem o povo pega água lá naquele buraco<sup>53</sup>.

**Luciara:** Então deixa ver se eu entendi; quando a senhora mudou pra aqui foi em 1983, quando a senhora chegou aqui já tinha água encanada?

**D. Guiomar:** Não, tinha uma aguinha da prefeitura, aí nesse chafariz na praça. E tinha em outros lugares também mais já tinha acabado, o mais que tinha era aqui, na pracinha tinha um chafariz, que a gente ficava meia noite [00:00], nós chegava e pegava a água meia noite. Porque o vigia chamava a gente! O povo panhava água, panhava água... depois ele dizia vocês vem base de meia noite pegar água, eu mais Lu, uma vizinha. Aí, nós enchia o tanque dela, mais os meninos e ela também, depois nós enchia o meu. Aí de manhã, quando o dia amanhecia, nós pegava a nossa roupa e ia lavar lá no São João, pra não gastar a água. A água que pegava nós guardava e ia lavar no rio São João.

**Luciara:** Normalmente quando a senhora ia lavar roupas do rio São João, tinha outras mulheres lavando roupas ou a senhora lavava sozinha, como que era?

**D. Guiomar:** O rio enchia de gente, gente de um lado e de outro, era muitas mesmo.

**Luciara:** Como a senhora oferecia o serviço? Oferecia, ou as pessoas batia na porta, como é que era?

**D. Guiomar:** As pessoas viam me procurar, lavei pra muitos aqui; lavei pra Rosi, lavei pra Nelson, lavei pra Josefa. Genilda de Jailton, lavei pra Tonhito, tem mais gente que lavei que esqueço. Muita gente que foi embora que eu lavei, lavei foi pra muita gente tu acredita, que nem me alembro mais. Lavei pra mãe da mulher de Gilvan foi três anos e tanto. Lavei pros açougueiros também.

**Luciara:** E como sabiam que a senhora trabalhava lavando roupas? Como era combinado o preço?

---

<sup>53</sup> Faz referência ao tempo presente que existe uma cacimba/nascedouro de água, e que as pessoas pegam água para consumo, porque dizem que essa água é muito boa/doce, diferente da água que vem da Embasa que é com muitos produtos danosos à saúde.

**D. Guiomar:** Viam eu passando com as trouxas de roupas, aí o povo dizia que eu lavava roupas bem lavadas, que eu tinha cuidado com as roupas. Aí as pessoas que me davam roupas pra lavar, chegava comunicava com elas, e elas viam na minha porta, vinha atrás de mim pra lavar roupas. Eu ia buscar as roupas e levava. Eles viam nós acertava, eu ia buscar e levava.

**Luciara:** E como é que combinava o preço do serviço?

**D. Guiomar:** Eu lavei de todo preço! Aquele Ronaldo, ficou com raiva de mim, ficou de mal comigo, sabe por que? Porque eu lavei três anos para mãe dele, era ele que pagava né, pagava R\$ 15,00 por trouxa, mas essas trouxas de roupas, tu acredita, que eu buscava três vezes lá, cada bichona assim<sup>54</sup> ó, que eu não guentava de uma vez, que era cinquenta calças jeans pra lavar, por R\$ 15,00. A trouxa de roupa, e ó, um mundo véi. Lençol, calça jeans, aquele povo tudo tava dentro de casa. O pessoal dela. Tudo vestia calça jeans, até as mulheres, aquelas bermutas jeans também. Ó que minha unha alejada, pode até botar isso aí. Que minha unha tá alejada de roupa, pote botar aí! Ficou alejada de tanto lavar roupa! Foi da roupa deles! Aí eu lavei três anos pra esse povo né? Aí no dia eu falei com Maria, a mãe dele. Ô Maria, eu queria que vocês aumentasse mais um pouco nessa roupa, porque ó menina, já tem três anos e tanto.

**Luciara:** De todo mundo a senhora cobrava a trouxa ou tinha algumas que saíam mais caro, por ter mais roupas? Ou era tudo o mesmo preço?

**D. Guiomar:** Não, cada um tinha um preço, as mais pôca era mais barato, e as mais muinta era mais cara. As mais caras que eu lavava era a da mãe de Ivone, de 15,00 pra cá, eu lavava, nunca lavei menos de R\$ 20,00.

**Luciara:** Como que era o tratamento das clientes com a senhora?

**D. Guiomar:** Sim, lavei pra mulher de Zé Evangelista, as pessoas mais boa pra mim que me agradava era Nice de Tonhito, e Zefa também. Só essas três que me agradava! Os zotos...

**Luciara:** E como que eram esses agrados?

---

<sup>54</sup> Une os dois braços à frente do seu corpo para juntar as mãos uma a outra exemplificando a “bichona” da trouxa enorme de roupas.

**D. Guiomar:** Sim, também, lavei pra Coréia<sup>55</sup> cinco anos, não me dava nada, era ruim, tinha vez que nem pagava. Tinha vez que era preciso eu comprar remédio sem precisar, dizendo que não podia pagar, era veaco esse povo. Mas os outros tudo era boa paga! Agora só Coréia que era ruim paga! Era por mês que eu lavava pra eles, quando vencia o mês dizia que não tinha dinheiro. Eu falava na cara dele, uma farmácia grande dessa, e você vende remédio todo dia, dizer que não tem o dinheiro pra pagar a roupa.

**Luciara:** Podia dizer vou lhe largar sujo, de roupa suja. [riso]

**D. Guiomar:** Lavei pra aquela Helena também, tia Helena, e tem essa também, tô só lembrando de tanta gente!

**Luciara:** Essa aí devia ser um tanto de roupas né?

**D. Guiomar:** Ai, ai, Helena não era fácil, um monte de roupas, e dava aquele sabão ruim. Que eu era só pra brigar mais aquela Simone, eu chamava ela de porca, na brincadeira eu dava a talengada nela. Digo eu nunca vi gente chegar e ajuntar roupa aí no quintal toma chuva toma sol, quando vai lavar é puro bolor, e vocês quer roupa alvinha. Pois quem tem cuidado com as roupas é os donos, não é as lavadeiras não. As lavadeiras têm direito de tirar as sujeiras, agora o cuidado é do dono! Falava na cara delas!

**Luciara:** A senhora falou que lavava a maioria era por trouxa, entregava a roupa e recebia, esse Coréia a senhora lavava por mês, e aí tinha o sabão. Essa de tia Helena vinha com o sabão, e das outras, vinha com sabão ou era com o sabão da senhora?

**D. Guiomar:** Todos eles dava sabão, só os solteiros que num dava, mandava só a roupa, aí eu lavava com meu sabão.

**Luciara:** Mas cobrava a mais na trouxa ou não por que a trouxa era menor?

---

<sup>55</sup> É o apelido de um senhor que foi proprietário de farmácia em Paraíso, o apelido é em razão do lugar de onde morava que era Coréia, atual (Itamibé).

**D. Guiomar:** Eu lavava era por peça, pra solteiro eu lavava era por peça. E eu ganhava mais dinheiro na peça, de que na trouxa. Ainda lavava e consertava a roupa deles!

**Luciara:** E cobrava a mais por esse serviço?

**D. Guiomar:** Cobrava a mais, porque as roupas vinham toda esbagaçada, toda estiorada, descosturada. Eu costurava tudo! Dava prontinha, aí eu cobrava a mais. Outro dia lavei pra uns jogador, não quis me pagar eu preendi a roupa. Era um dia de jogo, preendi, aí teve até delegacia. Quais tinha delegacia, aí a polícia foi lá, ficou lá na porta. Aí vem cá, mandou eu ir lá, que eu fico só na porta. Aí o rapaz mandou que eu fosse lá levar a roupa a senhora só entrega a roupa se eles vim com o dinheiro. Aí eu fiquei com a roupa na cabeça, lá debaixo daqueles pé de pau. A gente morava lá perto da agência de Godinha. Aí eu disse: eu trusse a roupa. Me dê o dinheiro primeiro, que eu não vou entregar roupa sem o dinheiro não, aí vocês recebe a roupa e vai lá pra dentro e não me dá meu dinheiro. Aí disse, ah mais a gente não tem o dinheiro agora pra senhora. Eu digo, vocês já me deve um bucado de trouxa de roupa, agora essa daqui vocês não vai vestir sem me pagar não. Aí o cara da polícia chegou; “e disse, paga a mulher, porque que não vai pagar a mulher? Dá pra pagar agora, eu já sei do caso viu, eu já sei, é pra pagar a mulher agora”. Aí tava os filhos e o véi Dadá, eu digo, ah não, desse jeito não vou lavar mais não, esse suor véi fedorento pra não receber não. Aí um chegou pegou um dinheiro, outro meteu a mão no bolso, aí juntou o dinheiro, até formou o total e me entregou, aí eu entreguei a roupa. Disse ô mais nunca eu lavo pra vocês! As outras roupa ficou perdido, porque eles não me pagou.

**Luciara:** Era roupa do time?

**D. Guiomar:** As roupas era do time. Ele não jogou nesse dia, porque eu preendi a roupa pra largar de ser besta.

**Luciara:** Muito bem [riso].

**D. Guiomar:** Mais menina eu já perdi tanto dinheiro assim de roupa na mão desses veaco!

**D. Guiomar:** Aquela Dolores mãe de Magno eu disse umas boa pra ela também, aí fizeram uma vaquinha lá. Eu não tinha energia aqui nessa casa, porque eu tava de pouco, não tinha

botado energia aqui não. Aí eu pegava essa roupa e ia passar lá na casa de Norma, de noite, ficava lá na casa de Norma, aí eu dormia lá, porque tava cuidando dela e lá eu pegava roupa e levava pra lá, e passava lá. Cabar dizer que não tinha dinheiro pra me pagar, um bucado de roupa de menino novo que ela criava os netos. Eu digo ah, mais vai caçar que fazer que eu não vou mais lavar de graça pra ninguém não, vocês tem que me pagar! Eu tirava tampada era mais aquele Rossí, sabe por quê? Ele desbotava a roupa, gostava muito de roupa estampada, gostava muito de camisa estampada. É que o sol queima a roupa né, quando a gente tá vestido. Aí ele disse que eu tava queimando a roupa. Aí eu digo como é que eu queimo, tá queimada de gomador<sup>56</sup>? Não, é queimada de sol. Eu digo: é eu que ando vestindo suas roupas pra queimar no sol. Se o senhor quer que sua roupa não desbote, o senhor não veste, fica nu, no meio da rua, porque não quer que queima sua roupa, porque isso aí queimado é do sol. Mas também a senhora gosta de responder. Digo, é! Meu pai já morreu, qualquer um que me dizer qualquer coisa pra me agravar eu tenho que responder! Porque você sabe que eu não visto sua roupa não, eu só faço lavar, tirar a sujeira. Aí foi indo, foi indo os meninos pegava as roupas e dava aos amigos. Aí pensar que não, a mulher falou, a Neném<sup>57</sup> que tinha sumido umas nove camisas do menino, eu digo nove? Eu nunca sumi nenhuma peça de roupa de vocês. Ou é esse menino que anda dando as roupas para os amigos? Porque eu canso de ver menino passar com a roupa dele, eu conheço as roupas de vocês tudo. Porque eu sou lavadeira, eu que lavo as roupas de vocês, eu conheço essa roupa onde tiver. Os meninos que é amigos deles andava vestindo a roupa desse menino aí. Agora fica botando culpa em mim, pra dizer que eu que tô sumindo. Aí eu disse sabe de uma coisa eu não vou lavar mais pra vocês não, aí parei, não lavei mais.

**Luciara:** Foi só essa família que alegou desaparecimento de roupa?

**D. Guiomar:** Só foi ela. Sim..., uma sujeita roubou uma roupa aqui que eu lavei pra Nilda de Adélio, também, mas essa mulher roubou essa roupa e eu falei pra Nilda, ô Nilda, esse povo que mora lá de junto de mim, pegou duas peças de roupa da tua menina, e eu queria tomar, mas depois eu vim te falar. “Ela disse não deixa pra lá”! Eu digo eu vou te pagar!

---

<sup>56</sup> Ferro de passar roupas a carvão, o ferro a carvão é um antecessor do ferro elétrico. Enquanto os ferros de hoje usam eletricidade para esquentar a sua base de metal e gerar vapor, os ferros a carvão eram aquecidos pelas brasas que eram tiradas de uma fogueira e colocadas dentro de uma caixa na parte superior do ferro. A tampa da caixa tinha uma alça que permitia às pessoas segurarem o ferro quente enquanto passavam as roupas, desamarrotando-as. Disponível em: A história do ferro de passar a carvão (ehow.com.br). Acesso em: 02 fev .2021.

<sup>57</sup> A esposa do cliente Rossi

**Luciara:** Então o trato com os clientes era a ferro e fogo? [riso]

**D. Giomar:** Era fogo! Tinha resposta na ponta da língua [risos]. Eu também não era fácil não, eu tendo minha razão eu digo na cara! Também só foi esse, mas os outros pra mim, foi boa patroa. A mulher de Tonhito foi boa patroa, trabalhei para as duas mulheres de Tonhito, Lana e D. Nice, pra mim, me tratava bem, nunca disse nada.

Sim..., o que eu ia te contar de Ronaldo, irmão de Ivone, que lava de R\$ 15,00 as cinquenta calças jeans, fora vestido, blusa e o diacho a quatro, lençol e fronha e tudo. Aí que eu falei com Maria, né, a mãe. Eu digo ô Maria, eu vou pedi um aumentozinho nessa roupa, ela disse tá bom mermo. Ela queria, mas era ele que pagava, o filho. Ela disse tá bom mermo menina, que faz tantos anos que tu lava desse precinho. Pois mais você ver o tanto de roupa que eu lavo, que eu vim buscar três viagens de roupa numa trouxa só, que essa trouxa a R\$ 15,00, ia ser era mais de R\$ 50,00 que eu podia lavar essa roupa e eu lavo de graça pra você. Ela disse é verdade mermo, eu fico até com pena de você. Ela falou comigo, né, deixa Ronaldo chegar, no dia que ele e você chegar aqui, aí você pede aumento pra ele. Eu cheguei e pedi, né. Ah, menina. Ele disse, mas a senhora, olha pra minha cara, ver se eu tenho cara de aumentar roupa. Mas eu digo, você olha pra minha cara também, e olha se eu tenho cara de ficar lavando pra você esse tanto de roupa, mais de cinquenta calças jeans, e tanta roupa, fora as outras tantas que eu lavo, porque eu vim pedi aumento com mais de três anos e você ainda acha ruim. Olha pra minha cara e vê se vou dá ousadia de lavar mais desse preço. Num lavo não viu? Você procura outra que lava. Aí eu nem trusse a roupa, deixei lá. Aí desculpa Maria, que não é por causa de você não, é por causa do seu filho!

Quando nós lavava roupa de ganho, Epifânio era tão atentado que uma vez ele foi lá para o São Bento, e botou a mula véa dele, e pisou nas bacias das mulheres tudo. Só nas minhas que num pisou eu ia chegando com as trouxas de roupa, e se ele vinhesse eu não deixava ele pisar. E as mulheres, ficou ô seu Epifânio, ô senhor tá rasgando a roupa do zoto, eu não posso pagar não. E ele pra lá e prá cá! Eu digo, ô, mais essas mulher é besta, podia pegar um pau e rumar na carcunda desse descarado véi. Aí eu falei umas coisas com ele no dia que eu fui até mais Reni, lavar cedinho a roupa de Nilda de Adélio. Nós tava tudo lavando roupa lá, aí ele chegou! Olha, não é pra botar roupa no arrame não! E não é pra lavar roupa aqui. Digo nós não tá lavando em seu pertence viu, alto lá, nós não tá lavando em seu pertence, nós tá lavando no pertence de seu Alves Moreira. E a cerca é de vocês dois, nós pode estender. É mais vai estragar o arrame, nós pensava que era ao arrame que estragava a roupa, agora é a

roupa que rasga seu arrame, quem já se viu isso? Nós bota roupa é aqui mesmo. Ele saiu, essa mulher não tem quem guenta não. Aí quando foi um dia, eu desci cedinho mais Reni, eu digo ô Reni, nós levanta cedo, foi até um dia de sábado. Tava ele lá, aí ele fez um cerca lá na frente indo pra Embasa. Aí nós já tava lavando cá na embasa, que nós gostava de lavar mais prá cá, porque tinha mais pouca gente. Aí vai ele com revólver do lado e o cacete na mão, é meia volta, aqui né pra passar não. Porque esse povo tá acabando meu cacau. Eu disse assim, nós não quer cacau não, eu não quero cacau não, eu só quero é água pra lavar roupa, eu não preciso de chupar cacau não. Eu não sou paulista, eu não sou mais velha que cacau. Eu já plantei cacau, e já fui fazendeira também. Falei pra ele mermo assim, eu não preciso de cacau não, eu quero passar, eu quero passar pra mim lavar minhas roupas. Aqui numa passa! Se escorou na cancela. E o arrame assim ô, eu botei a bacia no chão e passei debaixo do arrame. Ah, e tá passando aí é? Digo; já passei! “Mais eu meto o revólver na sua cabeça”, digo mais vai pra cadeia, eu digo mata, vai! Por causa de água, você não é dono de água, o dono da água é Deus e a marinha que manda a água. Você manda seus coco de cacau, ninguém quer essas porcaria, que a gente anda de barriga cheia, trabalha come é carne, arroz, feijão e outras coisas. Né cacau não! O cacau não sustenta ninguém não! Porque diz que o povo tava acabando o cacau dele. Mais pensava que era a gente, eu nunca tirei uma fruta de cacau do pertence dele! Eu passei mesmo, não tinha medo não! Aquele véi era ruim viu!

**Luciara:** Nesse tempo em que Epifânio fazia essas confusões por causa do cacau, ele ainda era prefeito?

**D. Guiomar:** Não ele já tinha saído! Quando ele era prefeito nós morava na Coréia.

**Luciara:** Só mais uma coisa D. Guiomar, para eu dá um descanso para a senhora. Quando a senhora chegava lá no rio que tinha outras mulheres, também lavando roupas. Como que cada uma cuidava do seu trabalho? Era cada uma muito concentrada no seu trabalho? Como que era?

**D. Guiomar:** Nós era tudo amiga, nós dividia as farofas uma com as outras, nós era amiga! Ninguém brigava lá.

**Luciara:** Como era todo mundo amiga, o preço da lavagem da trouxa de roupa, ou da lavagem por peça, cada uma colocava o preço ou tinha mais ou menos um combinado, para o preço não ficar tão diferente? Como que era?

**D. Guiomar:** Não, a gente lavava tudo de um preço só! Era!

**Luciara:** A senhora lembra o nome de algumas dessas companheiras de trabalho?

**D. Guiomar:** Era um bocado, Dalziza, Maria Ventura, Maria de Pedro, Sula filha de Jarda, Bizuita irmã de Maria de Pedro. Tinha mais era tanta mulhé que ia, tinha mais aqui, deixa eu ver meu Deus. Tinha tantas mulhé aqui que lavava de ganho, era muitas! Mais eu não tô lembrando.

**Luciara:** Costumavam cantar alguma cantiga quando lavava roupas?

**D. Guiomar:** Nós prozava, quando uma cabava de lavar que a outra ficava, tinha roupa, a gente ajudava a lavar as delas. Pra poder vim embora tudo junto, era assim! O córgo enchia de gente.

**Luciara:** Para ir lavar a roupa, tinha um horário certo, todo dia era aquele horário?

**D. Guiomar:** Nós ia base de 7:00, tinha vez que nós ia 6:00 pra cabar cedo. Buscava as roupas de noite nas casas. Aí depois que a Embasa chegou, aí eu lavava dentro de casa. Aí descansou mais, a gente lavava dentro de casa. Eu só deixei de lavar roupa depois que eu aposentei. Tinha a roupa de Genilda mesmo, eu nunca lavei no rio não! Porque já tinha água encanada.

**Luciara:** E quando a senhora aposentou?

**D. Guiomar:** Me aposentei em 2004. Desde dá Coreia que eu lavava roupa, eu achava aqui era melhor para lavar roupa.

[FIM DO DEPOIMENTO]

*2ª Entrevista: 03.10.2019*

**Luciara:** Hoje D. Guiomar, voltei para tirar algumas dúvidas, e para eu saber um pouco mais das atividades da senhora aqui em São João do Paraíso. Primeiro eu gostaria de saber como foi que a senhora começou esse ofício de lavar roupas? Teve alguma motivação? Teve uma oportunidade ou porque apareceu assim, surgiu. E como foi que a senhora começou a lavar roupas?

**D. Guiomar:** Comecei porque assim o pessoal antigamente, quando eu cheguei pra aqui aquelas pessoas, quando precisava de uma lavadeira de roupa. Ia na minha porta, me procurar, aí o pessoal foi sabendo que eu lavava roupa de ganhe. Então as pessoas viam na minha casa me procurar.

**Luciara:** As pessoas iam na porta da senhora procurar porque já sabia que lavava. Mas assim, como foi que a senhora começou, antes das pessoas saberem que lavava roupas, a senhora teve que começar, antes dessas pessoas saberem que a lavava roupas.

**D. Guiomar:** Quando eu cheguei pra aqui, primeiro eu fui trabalhar nas roças, na mata escura você já sabe, né?

**Luciara:** A senhora falou na primeira entrevista.

**D. Guiomar:** Essa entrevista aí já foi dada. Então depois que eu deixei de trabalhar na roça, aí eu fiquei dentro de casa, né? Eu digo agora vumbora lavar roupas, aí eu e a vizinha que morava aqui, disse vumbora caçar um trampo de lavar roupas, tem muita gente aí procurando pra lavar roupa, então nois vai dizer que vai lavar. Aí com isso, eu não fui atrás, né?

**D. Guiomar:** As mulheres vinham na minha porta, a senhora lava roupa, eu digo ô, pra mim eu lavo. Digo, pra mim lei lavo, agora assim pros outros já lavei quando morava na Coréia, isso eu falava. Que lá eu lavei roupa também muito. Aí já a pessoa vinha me procurar. Trabalhei pra muita gente aqui.

**Luciara:** Então a senhora entendia que precisava fazer alguma coisa, porque faltava alguma coisa em casa ou porque a senhora se incomodava de ficar só em casa cuidando dos afazeres?

**D. Guiomar:** É porque tava com as crianças pequenas pra estudar, de onde eu ia tirar o dinheiro? Só o marido para trabalhar, pra dá a despesa, aí eu tinha que caçar um trampo pra fazer, uma lavagem de roupa, já trabalhei também nas casas, foi pouco tempo também, na casa de Tonhito, em outras casas nunca trabalhei não.

**Luciara:** E o marido da senhora nesse tempo trabalhava em que?

**D. Guiomar:** Serrando madeira.

**Luciara:** A senhora já lavava roupas desde que morou na Coréia, quem transferiu ou ensinou para senhora, esse saber de lavar roupas?

**D. Guiomar:** Quem me ensinou a lavar roupa? *Minha mãe.*

**Luciara:** A mãe da senhora! E a mãe da senhora lavava roupa de ganho, ou só da própria casa?

**D. Guiomar:** Não, nunca lavou de ganho, lavava pra ela mesma, mais minha mãe caprichava em roupa pra lavar, né? E eu sou meio nojenta pro lado de minha roupa, eu gosto de minha roupa é bem lavada.

**Luciara:** E como foi que ela ensinou a senhora, já que disse que ela caprichava?

**D. Guiomar:** Caprichava porque nois morava assim em rio, né, aí ela lavava a roupa dela, queria que quarasse, botava no quarador, ali ela jogava água, dava o sabão, jogava água até a roupa ficar cheirando, né? [emoção]

A roupa de minha mãe era quarada, hoje que a gente não bota roupa pra quarar porque lava e já vai estendendo logo, né?

**Luciara:** Como a senhora aprendeu com sua mãe que colocava no quarador, como é que fazia para lavar a roupa lá no rio?

**D. Guiomar:** *Oxen.* Nas bacias!

**Luciara:** Tentar lembrar como se a senhora tivesse fazendo esse serviço hoje, imagina, estou saindo daqui cedinho e fui lá no rio, como acontecia essa atividade? Conta pra mim, por favor.

**D. Guiomar:** Pois é, saía cedo deixava a casa sem varrer, pra poder ir e chegar mais cedo em casa, aí chegava de noite, fazia a comida, ia pro ferro pra passar as roupas que já tava enxuta. A gente começava nos barrancos, levava uma faca, pra cavar os buracos pra poder colocar a bacia pra ficar em pé, modi as cadeiras/espinhaço não doer, era isso que a gente fazia. Agora no lugar que a gente chegava e não achava, se tivesse uma pedrinha assim a gente botava a bacia em cima, forrava e mandava brasa, aí lavava e trazia pra casa pra estender em casa. Às vezes quando os matos tava enxuto que não tava chovendo a gente estendia naquelas moitas pra não sujar a roupa.

**Luciara:** Ah, então não era sempre que conseguia estender a roupa onde lavava! A senhora começou a falar ontem como fazia nos dias de chuva, como é que lava as roupas no inverno.

**D. Guiomar:** Quando chovia a gente tinha que trazer as roupas sem enxaguar, pra enxaguar em casa porque a água ficava barrenta, ficava lama pura, se botasse uma roupa, a roupa ficava da cor da lama. Tinha que pegar a água que a gente pegava pra usar pra enxaguar as roupas, não era fácil não. Sua avó também fez isso, que eu alembro.

**Luciara:** De quando eu lembro é minha avó lavando roupas em casa mesmo.

**D. Guiomar:** Em casa mesmo quando já tinha água, quando a Embasa chegou que botaram a água, então nois não foi mais em rio lavar roupa, nois lavava denti casa. Tá vendo ali<sup>58</sup> aquela área. Eu estendia minha roupa era ali, enchia de arrame, estendia cada lençol grande. Eu lavei para mulher de Rossi, pra mulher de Tonhito, tanto aqui na minha casa tanto na casa dele, eu já trabalhei lá, ainda trabalhei lá no mercado dele de limpeza, ainda cozinhei parece que um

---

<sup>58</sup> Aponta com a mão para um terreno a frente da sua casa.

vez lá casa dele, que a véa não tinha chegado, eles não tinha botado empregada ainda. Agora eu só trabalho pra mim, né?

**Luciara:** Com certeza agora que aposentou. A senhora disse que fazia esse processo de quorar a roupa, como sua mãe ensinou que tinha que deixar a roupa bem alvinha, a senhora usava só o sabão, fervia ou colocava algum tipo de folhas...

**D. Guiomar:** Eu só fervia roupa quando trabalhava na Coréia, pra Deval e aquele Zé Rodrigo, porque as roupas parecia uns barro, que aquela Coréia quando não tava calçada o pessoal vestia roupa e a lama chegava botar pra nodia, aí tinha que levar as latas pro rio, eles davam as latas, as Qboa, aí botava as latas no fogo e fervia as roupas pra poder limpar, ô sofrimento ferver roupa, viu. E a roupa acaba ligeiro, roupa fervida.

**Luciara:** E a senhora já usou algumas dessas plantas, folhas que dizem que limpa roupas?

**D. Guiomar:** Não, eu já vi gente lavar com folha de mamão, uns matinhos que dava na beira do rio, quando as roupas de trabalho eram sujas demais, eu via as mulheres passando, mas eu não precisava disso não, minha mão mesmo tirava tudo, escovão, a gente tinha que tirar as lamas das calças quando tava suja demais.

**Luciara:** Pelo que eu percebi aqui, as pessoas procuravam a senhora porque lava as roupas e entregava bem limpa. Usava suas mãos para esfregar bem.

**D. Guiomar:** Não tinha esse negócio de tanquinho, nem máquina não. Já lavei em máquina também, na casa de Creuza ela tinha uma muito boa, eu lavava lá na casa dela, quando eu lavava lá.

**Luciara:** E a senhora lavou muito tempo para essa Creuza?

**D. Guiomar:** Não, não lavei muito não, foi só quando ela tava doente.

**Luciara:** Quando a senhora lavava roupas no rio, na última vez falou que, que costumava cantar umas cantigas, lembra de alguma?

**D. Guiomar:** Eu não, eu não cantava, não cantava não! Não ninguém tinha tempo de andar cantando não. A gente prozava, prozava só.

**Luciara:** E que tipo de prozas que eram essas? [riso]

**D. Guiomar:** As mesmas que nois proza, [riso] falando das lembranças, o que a gente fazia quando era mais novo, já morou em tal lugar... a gente contava os causos, só isso, a gente não cantava não. É! [silêncio]

**Luciara:** A senhora sabe me falar de como foi pra chegar essa água encanada com a Embasa? Que eu lembro que a senhora me disse que tinha uma água pouquinha pela prefeitura, que era pelo chafariz.

**D. Guiomar:** Era pelo chafariz aí da praça.

**Luciara:** E depois chegou a Embasa, a senhora sabe o que aconteceu, para ter essa mudança, de sair do chafariz para a Embasa, ouvir falar sobre?

**D. Guiomar:** É porque Raimundo Dantas foi buscar lá em Salvador, né? Com Valdir Pires, foi Valdir Gomes o governador que Raimundo Dantas interessou e foi lá buscar, que aqui o pessoal tava sofrendo sobre a água. Tirou fotos das mulheres que ia pro Rio Pardo lavar roupa, emriba de caminhão, com trouxas na cabeça, lata d'água que panhava nas cisternas, naqueles buracos, ele tirou os fotos tudo e levou. Foi com isso que a Embasa chegou aqui! Esse governador Valdir Pires, e foi no tempo dele que essa Embasa chegou aqui, pedido de Raimundo Dantas. Tá bom assim?

**Luciara:** Está ótimo!

**D. Guiomar:** É só o que eu me lembro.

**Luciara:** É o que a senhora lembra mesmo! A senhora falou de fotos, tem alguma foto desse período?

**D. Guiomar:** Não, não tirou meu não, eu não ia no rio Pardo não. Agora de muitas mulheres aqui ele tirou foto e levou pra Salvador.

**Luciara:** Esse era um tempo de poucas fotos, diferente de hoje, né?

**D. Guiomar:** Não, tinha muita gente que tirava foto, mas eu não me interessava não em tirar. Mas os vereadores que queria ser candidato, ajuntava as mulheres, e, que a mulher ia para o Rio Pardo aproveitava e tirava a foto, tirou foto e levou pra lá o sofrimento das pessoas aqui que sofria. Aí levou lá pro governador lá em Salvador, Valdir Pires, aí foi que a Embasa chegou aqui.

**Luciara:** A senhora é dessa mudança, de sair de lavar roupa no rio para lavar roupa em casa, como percebeu essa mudança?

**D. Guiomar:** Ah, eu achei bom, porque eu tinha minhas pias aqui dentro de casa, tinha meus estendedor<sup>59</sup> de roupas, aí ficou melhor pra mim, já não fui mais em rio lavar roupa.

**Luciara:** Depois que parou de lavar roupa no rio, não foi mais no rio?

**D. Guiomar:** Nunca mais! [riso]. E eu tenho vontade de ir lá, onde a gente lavava roupas, era um capoeirão danado aí embaixo, tá tudo em manga já, dizem... Era tão bom a gente tomava banho de rio, era tão bom. Sua avó ia até mais a gente, cansou de nós tá junto lá.

**Luciara:** Eu não sei mais a localização, pra dizer vamos no São João que fica à esquerda da cidade.

**D. Guiomar:** Agora Nair lavava mais dentro de casa, mas eu já vi umas vezes, acho que era quando faltava água aqui. De vez em quando que essa água da Embasa faltava, mais de duas semanas, quebrava as bombas véa, só andava quebrando.

**Luciara:** Mesmo com a água instalada, tinha falta de água?

---

<sup>59</sup> O varal para estender as roupas.

**D. Guiomar:** A gente sofreu aqui, eu não sofria porque eu futucava tudo que era lugar pra pegar água. Aí um brigueiro<sup>60</sup> nanado, por causa de água. Eu pegava minhas vasilhas e ia buscar nos rios.

**Luciara:** Sabia, que tinha em outros lugares, aqui é uma região que tem bastante água [a referência é no sentido que existiam nascedouros].

**D. Guiomar:** Tem, é só procurar. O povo precisando de água, e com água naquele minador tão bom, aí pro lado de lá da pista, rapaz. E aquele São Bento quando não tinha esse posto, ô que água boa. É tudo minador, não tem uma água boa do posto? Num tem? É minador, tudo tem minador de água boa. Eles puxaram a água na embasa lá pro posto.

**Luciara:** Então o que faltava mesmo era fazer a instalação para as pessoas poderem ter a água em casa nas torneiras.

**D. Guiomar:** Ah, ninguém queria, os prefeitos que já foi aqui, nunca fez esse interesse. Essa água só veio pra qui por causa de Raimundo Dantas, porque ele fez os esforços, foi em Salvador e conversou com o governador, né? Foi aquele Valdir Pires que colocou água aqui no tempo dele.

**Luciara:** Eu já marquei de conversar com ele [Raimundo Dantas] mas só que....

**D. Guiomar:** Não tá aqui não ele.

**Luciara:** Não, lá em Eunápolis, mas nossos tempos não estão se encaixando.

**D. Guiomar:** Faz tempo que não vejo ele, porque toda vez que vem aqui vai na igreja.

[FIM DO DEPOIMENTO]

---

<sup>60</sup> Se refere a praça do Cigano que está localizada a poucos metros de sua casa onde o chafariz foi instalado nos idos de 1980.

**MARIA D'GLÓRIA SACERDOTE TIAGO**

(24.02.2020)

**Sumário:**

Ligeira menção de Paraíso ainda se formando; breve comentário da abertura da BR 101 km 624 no ano de 1969; explanação em poucas palavras sobre o início do seu ofício de lavar de ganho; breve menção dos barracões das fazendas para fazer compras; relato das etapas do trabalho e as dificuldades em períodos chuvosos; comentários sobre a construção de bem sua casa; ligeiras considerações sobre a falta d'água: pegava água nas bicas e no chafariz. Ligeira considerações sobre a feira livre.

*Entrevista 24.02.2020*

**Luciara:** E agora a gente começa eu me apresento e agora D.Maria vai falar um pouco sobre quem é Maria Sacerdote? Falar um pouco sobre sua vida, de onde é natural? Antes de vim morar aqui....

**D. Maria:** Eu nasci aqui mesmo, aqui nesse córrego de Sapucaia aqui perto da Mata Escura eu sou daqui mesmo.

**Luciara:** No caso córrego de Sapucaia é uma fazenda?

**D. Maria:** É aqui perto da Mata Escura<sup>61</sup>.

**Luciara:** E como foi que a senhora veio aqui pra Paraíso, quando era criança ainda?

**D. Maria:** Não, não, já vim mulher velha.

**Luciara:** E logo nesse comecinho de Paraíso, como foi isso?

**D. Maria:** Foi, foi. Não tinha nem casa nesse Paraíso ainda tava fazendo ainda, essa pista aí foi cortada em 69<sup>62</sup>, isso aqui tudo era mata. Eu comecei a lavar de ganho meus meninos a mais velha tinha 4 anos.

---

<sup>61</sup> É uma área de fazendas denominadas Mata escura. É daqui mesmo do município de Mascote.

<sup>62</sup> Se refere ao ano de 1969 do século XX

**Luciara:** E a Senhora lembra como começou a lavar roupas, foi a partir do que?

**D. Maria:** Lembro, eu morava aí em Epifânio<sup>63</sup>, na roça de Epifânio. Ali onde Maria do Buraco<sup>64</sup> mora hoje, aí eu comecei a lavar na bica, ensaboava roupa em casa levava pra bica pra tirar o sabão, tornava trazer.

**Luciara:** E assim quais foram as razões que contribuíram pra senhora começar nesse serviço de lavar roupa?

**D. Maria:** É que o marido trabalhava pra Epifânio e naquele tempo, comprava em barracão, aí não tinha dinheiro pra comprar nada nem a roupa pra o menino que ia nascer, aí eu comecei a lavar de ganho.

**Pedro<sup>65</sup>:** Ninguém recebia dinheiro comprava no barracão, a história é cumprida, vai bater o dia e a noite aí. [risos].

**Luciara:** E o que eram esses barracões?

**D. Maria:** Era uma venda, na Teimosa/ Torta<sup>66</sup>, aí em baixo a gente ia comprar lá.

**Luciara:** Então foi a partir da necessidade que a senhora começa a lavar roupa. E com quem que a senhora aprendeu esse saber de lavar roupas?

**D. Maria:** Foi comigo mesmo, né, lava a dos filhos as de dentro de casa. Eu lavava roupas de 6 casas de ganho e lavava 7 com a minha, a minha tinha 11 pessoas dentro casa. [riso].

**Luciara:** E isso era por semana?

---

<sup>63</sup> Epifânio Luiz Marques, esteve na condição de prefeito no período de 1971-1972, seu nome é citado por boa parte dos entrevistados, mas por ser dono de fazendas na região.

<sup>64</sup> Maria Ventura apelidada por Maria do Buraco, mas popularmente é chamada da primeira forma, pois vários terrenos a mesma reivindicam como seu, assim as pessoas costumavam dizer que ela onde via um buraco queria se enfiar, o que resultou no apelido

<sup>65</sup> É o esposo da senhora Maria estava presente em um dos cômodos da casa quando realizei a entrevista, assim fez comentário sobre o que estávamos conversando.

<sup>66</sup> Nome e sinônimo de uma fazenda que em seu trajeto possui muitas ladeiras, por isso a entrevistada se refere a lá em baixo, não gesticulava apenas referência geográfica.

**D. Maria:** Era por semana.

**Luciara:** E a senhora pode puxar um pouquinho pela memória como era esse trabalho que desenvolvia no rio, explica como a senhora fazia o processo pra lavar, se separava, se não separava, se era tudo junto?

**D. Maria:** Separa, e naquele tempo chuvia minha fia, era 8/9 dia de chuva, eu lavava essas roupa tudo e deixava nas bacia, quando fazia sol pra estender, estendia aí num bucado de lugar aí, cabar ainda voltava pra passar tudo. Era tudo passada pra entregar. Descia aquela ladeira com a lama dando no joelho em cima porcauso que o povo panhava água de animal. Depois voretmo a lavar no Rio Pardo. Lavei uns 8 anos no Rio Pardo as vez de chegar em casa 8 da noite.

**Luciara:** *Nossa* era muito tempo de trabalho.

**D. Maria:** É trabalhei, trabalhei. A casa aqui eu fiz lavando de ganho.

**Luciara:** A senhora tem mais ou menos uma estimativa de quantos anos trabalhou lavando roupas de ganho?

**D. Maria:** A minha irmã foi mais de 30 anos, a menina mais véa tinha 4 anos quando eu comecei, eu vim esbarrar tem pouco anos.

**Luciara:** *Sério?* A senhora começou lavando roupa no rio, ah sim, aqui antes não tinha água, não é isso? Sabe, ou já ouviu alguém dizer como é que foi pra água encanada chegar nas casa das pessoas?

**D. Maria:** *Sei!*

**Luciara:** Como é que foi a senhora pode me falar um pouco?

**D. Maria:** Primeiro eles fizeram, botou água de motor da prefeitura muita gente não tinha, aqui em casa eu tinha que, instalei aqui, essa a gente não pagava.

**Luciara:** Mas tinha que ir lá, onde era o lugar pra pegar a água, ou a água chegava em casa?

**D. Maria:** Não, quando eu encanei chegava aqui, eu tinha um tanque grande aqui, nessa cozinha, onde é essa cozinha hoje. Aí eu tinha um tanque grande enchia dava água ao povo ainda que vinha pegar que não tinha. Depois Raimundo Dantas, no comando de Valdir Pires, foi que encanou água de verdade pra pagar, água da Embasa, só não sei assim o ano.

**Luciara:** Não tem problema. Ô a chuva caiu [barulho forte de chuva]. No caso... tinha uma água fornecida pela prefeitura?

**D. Maria:** De primeiro era assim; a gente panhava na cabeça, nessas bicas aí, lá por Gerson<sup>67</sup> ali por onde era de Epifânio, por essas bicas a gente panhava que era na cabeça muitos anos. Depois foi que eu encanei água da prefeitura, é muita história grande. Criei oito filhos nesse lugar, analfabeta mais botei todos eles pra estudar.

**Luciara:** Foi o que minha avó também tinha como certo.

**D. Maria:** Naquele tempo até os livros era comprado, hoje o povo ainda acha bolsa escola, ainda acha livro em colégio, e naquele tempo não tinha nada disso.

**Luciara:** Então, por parte dos prefeitos, eles realizavam alguma coisa para amenizar a falta de água?

**D. Maria:** Era, da vez que eles fez uma caixa ali, o homem até morreu, a caixa estourou.

**Luciara:** Misericórdia!

**D. Maria:** Foi, a gente ia panhar água. Logo panhamos as latas pra ir panhar, era ali na praça do Cigano<sup>68</sup>, aí o rapaz falou não só vão panhar quando encher, aí nois foi pra missa, quando a

---

<sup>67</sup> Gerson Custódio Garcez um dos proprietários das primeiras fazendas de Paraíso.

<sup>68</sup> Se refere a praça do Cigano que está localizada a poucos metros de sua casa que tinha um chafariz instalado. O nome atribuído a praça é em razão de ter sido antes um espaço em que frequentemente os ciganos faziam seus acampamentos.

gente tá lá só foi a notícia, ê a caixa estourou matou o homem, e quebrou a perna de outro. Falei ê se nós tivesse lá panhando? Foi Deus que abençoou. Já foi coisa nesse lugar.

**Luciara:** A senhora pode me falar um pouquinho mais da experiência da senhora, quando aqui não tinha água pra fazer as coisas simples do dia a dia, como escovar os dentes, como era organizada essas coisas, porque tinha que sair pra pegar água, né?

**D. Maria:** A gente nunca deixou fartar não, a gente panhava, tinha vez da gente chegar da bica 10:00 da noite, esperando minar a água, era um bucado de mulher, né, esperando minar água pra apanhar.

**Luciara:** Então deixa ver se eu entendi. Não tinha água nas casas das pessoas, mas vocês não tinham falta de água?

**D. Maria:** Não tinha não porque a gente panhava direto, panhava lenha tudo na cabeça. Botava a meninada cada quem com uma vasilha. Aquela feira lá quando fez era lá na praça. Os toco de feto era deste tamanho o povo queimou pra fazer a feira saía os pé tudo preto.

**Luciara:** A feira era no caso na Praça presidente Médici?

**D. Maria:** Era, era quando começou logo era. Tinha muita fartura nesse tempo, era roça.

**Luciara:** E como era essa feira, acontecia todo dia?

**D. Maria:** Não, não era só uma vez na semana. Não tô lembrada ser era o domingo ou era o sábado.

**Luciara:** E as pessoas que trabalhavam nessa feira, a maioria era daqui de Paraíso?

**D. Maria:** Era, era, mais vinha gente de fora também, trazer as coisas.

**Luciara:** E a senhora lembra como era a estrutura dessa feira? Se era plástico no chão, barraca montada como que era?

**D. Maria:** Tinha alguma barraca mais o resto mais era pelo chão mesmo.

**Luciara:** A senhora lembra assim de algum produto, coisa que vendia bastante na feira, assim o que em toda barraca tinha, ou só em uma e outra tinha, o que que era mais vendido? Ou o que a senhora lembra de que tipo de alimento que tinha, ou se vendia roupa, ou era só alimento mesmo?

**D. Maria:** Vendia, tinha muita roupa, muito lençol, muita coisa que vinha de fora, era, essa feira era boa mesmo. Esse menino<sup>69</sup> meu era pequeno, esse Trazan ele trabalhava de locutor, e convidava o povo na feira, “chega gente pra comprar roupa”, eu sei que por alí tudo do lado de Silas<sup>70</sup> era roupa, mais era feira boa mesmo. Verdura tinha de tudo, era tumate era tudo de fartura quando começou essa feira.

**Luciara:** Aí no caso tinha bastante coisa nessa feira. E antigamente não tinha muito essa questão das vendas, dos mercados...? Aí mesmo os cereais compravam na feira ou era em outros lugares?

**D. Maria:** Comprava nos mercados, Sacerdote mesmo tinha muitos anos que começou a botar mercado. Tinha o mercado Levi, tinha muita vendinha boa.

**Luciara:** Já tinha um comércio por aqui?

**D. Maria:** Tinha açougue.

**Luciara:** A senhora lembra em que ano que Sacerdote tinha o mercado?

**D. Maria:** Sacerdote, acho que foi nessa base de 70<sup>71</sup>. Eu sei que minha mãe morreu em 1969, isso aqui tava de novo, isso aqui nem, nem cumitéro não tinha ainda de enterrada em 69. Meu irmão acho que ele tinha, essa base ele já tinha um mercadinho, mas era lá no Novo horizonte, lá na Ruinha, pra aqui acho que ele veio nessa base de 70 /71.

---

<sup>69</sup> Utiliza esse menino para identificar o filho, mas o mesmo não estava no momento da entrevista, é apenas o modo como fala, não gesticulava com a mão para apontar.

<sup>70</sup> Próximo ao supermercado e casa de moradia da comerciante Maria Auxiliadora

<sup>71</sup> Se refere ao ano 1970 do século XX

**Luciara:** Voltando um pouquinho mais para a senhora, disse que é analfabeta e que colocou os filhos pra estudar, depois que a senhora veio pra cá pra Paraíso eu criou os filhos todos, chegou a estudar? Nesses programas que tem como EJA, TOPA?

**D. Maria:** Nunca estudei, nada, nada, nada.

**Luciara:** Quando a senhora costumava fazer o trabalho de lavadeira de ganho, quando era no rio a senhora costumava cantar alguma música, tinha assim alguma cantiga. Era sozinha ou tinha outras mulheres no rio?

**D. Maria:** Não, mais muita mulher, só quando era na bica que era só, mas quando passou a lavar no Rio Pardo era muita mulher que ia. Hoje em dia quando as mulher engravida não pode nem lavar uma panela, que o médico disse que é repouso, eu subia essa ladeira, aqui na bica seguro nos pau com o barrigão ia lavar roupa no rio pardo com dor, uma vez da menina eu fui pensando que ia ganhar lá, ainda vim ganhar de noite, mas já deixei a roupa lavada.

**Luciara:** A senhora tem uma lembrança de quanto era o preço que cobrava pela lavagem de roupa?

**D. Maria:** Ah, minha irmã nesse tempo era 3 conto 4... era assim. Ganhava pouco, só pra Zé Pedra lavei 10 anos, pro véi Alonso lavei uns 10 anos, lavei pra muita gente.

**Luciara:** No caso a senhora fala 3 conto, é 3 contos mesmo, ou 3 contos de cruzeiro ou cruzado?

**D. Maria:** Eu acho que era o cruzado, era, cruzeiro, era esse conto de quando entrou o real tirou ele.

**Luciara:** No caso a senhora fala esse dinheiro aqui que é antes do real, né isso?

**D. Maria:** É inantes do real!

**Luciara:** Quando a senhora estava lá no rio lavando a roupa, a senhora costumava, é..., fazer aquele processo de separar a roupa colocar para alvejar, quarar como era feito?

**D. Maria:** Estendia nas pedras para poder quorar, era.

**Luciara:** E a senhora pode me explicar por favor o que é esse processo de quorar, porque tem gente que não sabe, né? Não sabe o que vem a ser quorar.

**D. Maria:** Estender e sol esquentar pra quorar, né, a gente ia tirando de um sabão e botando no outro sabão.

**Luciara:** Mas primeiro é... passa sabão e lava, como é? Tenta pensar assim, eu estou lá no rio, e estou começando, cheguei com a trouxa, e estou começando o serviço...Tenta lembrar por favor, pra eu... saber como é que era.

**D. Maria:** Ensaboava com sabão em pedra, bem ensaboado e ia jogando lá em riba das pedras, cabar fazia uma água de sabão em pó, com Q'boa e jogava a roupa as roupas dentro, as brancas, e as de cor botava no sabão no sol. Ô a chuva!

**Luciara:** No caso esse processo era para limpar a roupa?

**D. Maria:** Eu era gabada, o pessoal gabava que eu lavava era bem lavado.

**Luciara:** A senhora falou que era afamada, né, pela lavagem de roupa, como as pessoas sabiam que a senhora lavava roupas?

**D. Maria:** A mandava procurar, né, as pessoas que faz as coisas bem feito a notícia corre, até esses tempo inantes de Zé Pedra morrer me procurou, ah, Zé Pedra não tô lavando mais não, não tô aguentando não.

**Luciara:** E a senhora levava as roupas em carro de mão, ou as pessoas vinham trazer ou como é que a senhora combinava?

**D. Maria:** Os meninos que buscava, meus filhos do primeiro ao derradeiro carregou trouxa de roupa, agora pro Rio Pardo a gente levava de carro nas carona.

**Luciara:** No caso a senhora disse que os filhos do primeiro ao derradeiro ia buscar as roupas nas casas, e não tinha nenhum cliente que vinha trazer?

**D. Maria:** Não, não. Tudo tinha que ir buscar. Lavava, passava, e mandava entregar. Lavei pra Delice também de domingo Taquari um bucado de tempo.

**Luciara:** Quando os meninos iam buscar a roupa era em média quanto tempo pra senhora aprontar de lavar, secar, passar pra devolver? Era quanto tempo que demorava pra devolver?

**D. Maria:** Depende o tempo, né, quando tava fazendo sol, entregava até no outro dia. Lavei também muitos anos no São Bento, lá em Maria véa. Tinha vez de eu lavar lá já trazia passada no verão, agora no inverno...

**Luciara:** Mas aí no caso era ferro de brasa?

**D. Maria:** Era, era, as vezes eu chegava a chorar com essas brasas, o carvão ruim.

**Luciara:** No caso quando a brasa era ruim fazia muita fumaça?

**D. Maria:** É custava pegar, e o gomador pra esquentar, precisava comprar um fole pra ficar melhor.

**Luciara:** Assoprando, né pra brasa ficar mais intensa. E assim a senhora disse que quando lavava roupa no rio, tinha outras mulheres também, a senhora até citou que tem D. Elza que até pretende me levar lá, mas agora com a chuva, né...[ risos]. E tinha um preço fixo? Como é que fazia pra cobrar a roupa, era pela quantidade, era pelo tamanho da trouxa?

**D. Maria:** Não, não era pela trouxa mesmo, era! Pagava as vez era 3,00 ou 4,00, quando entrou o real mesmo eu nem sei mais por quanto ficou.

**Luciara:** Tinha um horário certo, assim de todo dia ir lavar roupa? Ou levava todo dia como que era?

**D. Maria:** Tinha vez que eu ia quatro vez na semana, quatro dia na semana. Levava duas trouxa de uma vez, de duas casa, ainda levava as peças minha lá eu botava Gideon pra ir esfregando as minha, e eu ia esfregando as dos outros ele ia ensaboando e jogando nas pedra [riso]. Quando eu cabava tirava o sabão, foi luta minha irmã, foi luta.

**Luciara:** Ia bem perguntar se a senhora levava um dos filhos pra ajudar.

**D. Maria:** Esse Gideon quando nasceu eu botava na esteira no chão, Maria Hilda com 4 anos tomando conta pra mim ir pra bica, todo dia eu tinha que ir pra essa bica lavar a roupa, panos deles e lavar roupas dos outros todo dia. Agora quando eu morava na bica só lavava de um casa só. Lá na bica de Epifânio. Comecei a lavar de ganho dessa vez caso que eu não tinha dinheiro nem pra comprar o enxoval dos filhos, paria todo ano ainda tinha mais essa, ganhava nené todo ano, todo ano, com essa luta. Eu nunca ganhei um filho no médico, nunca. Nunca tomei uma injeção, sempre foi só com parteira graças a Deus e a ajuda de Deus.

**Luciara:** Então a senhora me falou aqui que lavava pra 6 casas 7 com a da senhora, e pra muita gente lavou muitos anos, a senhora falou mesmo que lavou pra seu Alonso, Zé Pedra, lembra outras pessoas?

**D. Maria:** Pra Menininho, pra Daje, pra muita gente, uma Tereza que era o marido era administrador aí da firma da pista. Lavei pra muita gente.

**Luciara:** A senhora teve quantos filhos?

**D. Maria:** Todos mesmo foi 12, mas agora que tem vivo é 8. Quando comecei a lavar roupa a mais velha tinha 4 anos.

**Luciara:** Então a senhora batalhou muito para criar esses 12 filhos.

**D. Maria:** Ah, minha irmã, aiai.

**Luciara:** Imagino a luta.

**D. Maria:** Pra dá a roupa, pra da né..., hoje ainda acha quem dá uma roupa muitas coisas ainda. Mas naquele tempo ninguém dava uma roupa nem pra lavar, nem uma roupa pra dizer, toma essa blusa pra lavar, dessas mulher toda que eu já lavei, quem me agradou foi Delice, mais o resto não dava nem um pedaço de carne, que eu lavei pra tanto açougueiro.

**Luciara:** Ah, sim falou já lavei pra tanta gente, a senhora já teve, digamos assim, problema de não receber de alguma pessoa que lavou?

**D. Maria:** Eu, só teve uma que não me pagou, essa já morreu, e também não sei mais nem o nome. Assim de negócio de roupa graças a Deus elas me pagava certo.

**Luciara:** E a roupa da senhora era sempre elogiada de ser bem lavada, ou o povo costumava, já chegou gente a reclamar dizer ah, tá faltando peça o que aconteceu?

**D. Maria:** Não, nesse meio sempre mesmo, uma vez mesmo sumiu uma coberta da velha Daje, lá no Rio Pardo, não sei se o vento jogou dendágua ou se panharam, mas mesmo assim eu comprei outra ela não quis receber não.

**Luciara:** Isso que eu ia perguntar se quando acontecia isso se a pessoa exigia que pagasse?

**D. Maria:** Não, não, outra vez, outra vez sumiu uma calça da mulher de Zé Pedra, que a menina estendeu, a gente estendia ali fora onde tinha uma cerca e eu não sabia que tinha essa calça nova no meio, aí eu peguei as roupas de tarde e deixei a calça, pensando que era de outra pessoa, quando foi com uns 8 dias que a mulher mandou procurar essa calça. Aí a menina disse ô mãe, eu lavei e estendi lá, aí eu falei então roubaram que eu deixei lá pensando que era das outras. Também ela não quis receber não, já lavava pra ela há muitos anos.

**Luciara:** Tem gente que exige, que quer e quer mesmo.

**D. Maria:** Mas quando a gente faz as coisas bem feito, não deixava a roupa manchar de tinta, não manchava de Q'boa, lavava bem lavada, era que nem Elza também, Elza lavava bem lavado.

**Luciara:** Ah, eu lembro que Gideon falou que no rio tinha vezes que, uma podia se aproveitar da outra, né? Dizer vou levar aquele tanto de roupa, quem era que gostava de fazer isso?

**D. Maria:** Ô menina, era porque, era assim, Elza ia botar feijão no fogo, o marido trabalhava lá em Manuel Andrade, aí ela chegava e ia botar o feijão no fogo, e ia fazer mais era pra nós tudo, mais era ela que ia fazer, né, aí nós lavava pra gente, aí terminava tinha que ajudar ela. [risos].

**Luciara:** Aí no caso a camaradagem, ela cozinha pra todo mundo, mais era dividido ou ela que levava o feijão dela?

**D. Maria:** Um levava uma carne, um pedaço de jabá, outros levava..., sei que fazia aquela feijoada braba. [riso].

**Luciara:** Chegava cedo pra lavar a roupa?

**D. Maria:** Era cedo, Sacerdote mesmo coitado acabou a SD-10 carregando lavadeira pra o Rio Pardo, aquele Edson Lima, e nunca ganharam nem pra vereador. Povo ruim né? As vez de 12, 13,14, até 18 mulher ele levava nesse carro, levava e ia buscar. Agora quando era de carona tinha vez de chegar até 8 da noite da cabeça da ponte ainda bem que naquele tempo não tinha a bandidagem de hoje.

**Luciara:** Deixa eu voltar aqui um pouquinho, a senhora lavava roupa na bica, no rio São Bento, São João, e no rio Pardo. Isso era quando não tinha água encanada, e depois que tem a água encanada a senhora continuou lavando roupa?

**D. Maria:** Não, agora só lavo a minha. Eu lavava quando era a água do motor, porque né não cobrava aí passei a lavar em casa. Mas depois que começou a água da Embasa não lavava mais de ganho não. Lavava assim de alguma pessoa, que nem da véa Conda mesmo lavei um bucado de tempo, até esses tempo eu lavava.

**Luciara:** Então com a água na Embasa a senhora, não, não lavava de ganho?

**D. Maria:** É não lavava quase não.

**Luciara:** Não lavava quase, mais continuava, era pouco mais continuava?

**D. Maria:** Sempre tinha uma duas, é mais era pouco.

**Luciara:** Porque as pessoas ficam procurando? Vocês já pensaram enquanto família de se mudar daqui de Paraíso e ir pra outro lugar ou ficou por aqui, e foi ficando...

**D. Maria:** Ah, teve muita gente mudou, é, muita gente.

**Luciara:** Mas vocês nunca chegaram pensar em mudar?

**D. Maria:** Agora eu não nunca mudei daqui, daqui acho que só pro cumitéro [riso]. Eu sei que quando eu vim pra aqui essa casa era de barro, daquelas parede de barro, aí eu fui comprando o material foi aqueles tempo que Sarney congelou os preço, aí eu fui comprando, agora paguei quanto pra fazer essa casa? Era só dali pra lá<sup>72</sup>20 conto, é naquele tempo. Comprei tudo a dinheiro, não comprei nada fiado por causa que naquele tempo ninguém andava comprando muita coisa fiado não, aí quando eu recebi o dinheiro ia lá e comprava uma coisinha.

**Luciara:** E nesse tempo seu Pedro trabalhava em que?

**D. Maria:** Trabalhava nas fazendas dos outros, nas roças, chegava em casa com 8 dias com 15 mas só mesmo para comidinha tinha vez que nem dava, tinha que ajudar porque 8 menino pra comer né era brincadeira.

**Luciara:** Aí o recurso que a senhora viu foi lavar roupas né?

**D. Maria:** Não sabia ler né, não podia nem procurar um trabalho na prefeitura porque tinha que assinar tinha tudo, aí eu não sabia, né, e também quando foi ter a prefeitura eu já tava com muito tempo. Botei meus 8 filhos pra estudar, tenho 5 formado, e os outros fartou pouco.

---

<sup>72</sup> Mostra a distância de onde estávamos, que era a cozinha já ampliada após anos, da cozinha para frente da porta que dá acesso a cozinha para sala.

**Luciara:** Deixa ver se eu entendi... A senhora criou os oito filhos da senhora lavando roupa, e construiu essa casa também lavando roupa, com o dinheiro da lavagem de roupa, mas quando chega a água encanada nas casas a senhora para de lavar as roupas, eles no caso já estavam grandes?

**D. Maria:** Ainda tinha umas três pequenas ainda, tinha a que mora em Guarapari, tinha essa aqui que mora mais eu, que morava mais eu, e tem a caçulinha que mora em Porto Seguro essas era a mais pequena, mas mesmo assim eu ainda continuava lavar, lavava no córrego, no São João no Rio Pardo.

**Luciara:** Mas a senhora lembra mais ou menos o ano que parou de lavar roupa?

**D. Maria:** Ah, isso aí eu não alembro não. Eu sei que tive, foi uns 10 anos por aí que eu parei, de 10 a 15, acho que eu parei de lavar pros outro. Lava assim daquela véa Conda, que eu fiquei lavando um bucado de tempo que era doente coitada não guentava, também fazia os favor pros outros.

**Luciara:** Aí no caso depois da água encanada a senhora foi diminuindo a quantidade, não tinha aquelas seis famílias como tinha fixo?

**D. Maria:** Inda tinha, agora quando era água de motor, né, porque ali num pagava, né, a água caia o tanto que fosse, eu enchia esse tancão aí. Elza também tinha vez que vinha lavar aqui. Mas depois que foi da Embasa foi que a gente parou mais, porque dá Embasa o contador roda, né. Gasta muito. Sei que se eu for botar as pessoas que eu já lavei, lavei pra Sacerdote também muitos anos.

**Luciara:** E como era esse combinado, a senhora disse que tinha seis famílias pra lavar, como era combinado para mandar a trouxa pra devolver, era de quanto em quanto tempo, era toda semana?

**D. Maria:** Era toda semana, era uma vez na semana, menino buscava roupa até na jaqueira<sup>73</sup>.

---

<sup>73</sup> Um bairro bem distante que foi se formando em uma região com abundância de pés de jaca.

**Luciara:** E de longe, a fama corria.

**D. Maria:** É, Raquel mesmo morava na jaqueira, aí eu lavava pra ela, os meninos ia buscar, e era longe, quando as meninas foi saindo de casa, que só ficou a caçulinha, aí eu pagava outra menina pra ajudar buscar.

**Luciara:** A senhora lembra assim algum acontecimento com alguma dessas pessoas que a senhora lavava roupa, uma coisa que marcou muito, ou alguém que ajudava, contribuía com alguma coisa?

**D. Maria:** Não, não, só Delice que sempre me ajudou, Delice ainda me deu, comprou duas blusas nova pra mim, sempre, era um tempo de semana santa ela mandava um peixe mandava, mandava. Só Delice que ajudava, as outras não, nenhuma.

**Luciara:** A senhora lembra assim de alguma que aconteceu lá no meio das colegas, lá no rio?

**D. Maria:** Não, não todo mundo era unido. Nunca briguemo, nunca discutimo, nem ninguém. Bezuita que uma vez o filho quase morre, ela tava lá e não sabia que era o filho dela. Bezuita, minha irmã, quando tiraram de denágua que era o dela, ela teve um choque tão grande perdeu o menino, que tava de barriga, ficou toda rocha assim ô... Agora esse dia eu não tava lá não.

**Luciara:** Olha aí, esse foi um acontecimento, que teve, não lembrou de imediato, mas foi puxando pela memória porque tem coisa que não tá pronto, que precisa deixar a memória trabalhar um pouquinho.

**D. Maria:** Esse Rio Pardo já comeu gente demais. Você não toma café não?

**Luciara:** Bebo, sim.

**D. Maria:** Toma um cafezinho.

[FIM DO DEPOIMENTO]

## CONSIDERAÇÕES

Em vista dos argumentos apresentados, o intento da pesquisa consistiu em elaborar uma coletânea de fontes, amparada na ideia da pertença, pois o distrito em estudo foi o lugar que morei desde os quatro anos de idade, enquanto contribuição social para São João Paraíso produzindo um lugar de memória para a posteridade, pois está fadado ao esquecimento, tão logo esse ser social pelo avançar da idade não esteja mais presente. Pois, como nas palavras de Walter Benjamin (1994) se perdeu a arte de narrar e a faculdade de escutar.

A entrevista em História Oral muitas vezes é o único meio pelo qual se consegue acessar determinados contextos e assuntos, dessa maneira a partir de lembranças evocadas pelos moradores de Paraíso entre de 1974 a 1989, produzindo, assim, fonte e armazenando num produto: a coletânea, em que ambiciona a partir desse trabalho a produção de novas fontes, em que se pretende que não tenha um fim em si mesmo.

Compreendendo que não apenas com o documento físico se faz a pesquisa histórica e a produção de fontes. Essas entrevistas se constituem materiais para a história segundo a concepção de Le Goff em *Documento/monumento*, em que a efetivação da coletânea possibilitará “evocar o passado, perpetuar a recordação” (LE GOFF, 2003, p.526).

Desse modo, o que se almejou a partir do conceito de memória foi a sua capacidade de ação, efetivação, conservação, associados ao verbo lembrar com as suas múltiplas lembranças. O interesse esteve voltado para a experiência das pessoas que foram ouvidas, uma memória pessoal, mas que em certa medida não é possível desassociar da memória social/coletiva da comunidade ora pesquisada.

Ressalto que o propósito desta compilação não se pretendeu enquanto análise de discurso, conteúdo ou problematização das fontes, e sim, a produção de novas fontes, transformando-as em documentos para pesquisadores, alargando o acesso as múltiplas experiências do passado através das narrativas dos moradores e moradoras do pequeno distrito São João de Paraíso. Uma vez que “o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores” (ALBERTI, 2004, p.18).

Portanto o presente trabalho suscita referência para futuras pesquisas para trabalhar com pesquisa em História Oral. Como possibilidade de investigações poderá empreender críticas a esse texto quanto à condução das perguntas, além de biografia de alguns dos entrevistados, pois a intenção aqui não estava na história de vida de um único sujeito.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.234.

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo. **História do movimento negro no Brasil: constituição de acervo de entrevistas de história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2007.

ANDAR com fé. Intérprete: Gilberto Gil. Compositor: G. Gilberto. In: UM BANDA UM. Brasil, 1982. Disponível em: Andar com Fé - Análise de Letras de Música (analisedeletras.com.br). Acesso em: 29 mai. 2020.

ARANTES, Ana Claudia Quintana. Fazer-se feliz. In: ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019. cap.p.97-105.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Kikolai Leskov. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**, v. 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221.

BIANO, Santos. **Narrativas de mulheres alunas da EJA como percebem e lidam com a matemática**. Jequié: UESB, 2013.

BOSI, Ecléa. A substância social da memória. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Cap.4. p. 405-479.

BOSI, Ecléa. Memória-sonho e memória-trabalho. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Cap. 1. p. 44-69.

BOSI, Ecléa. Tempo de lembrar. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Cap.2. p. 73-92.

COSTA, Reinan Mota. **Em Rodas de Vadios: A construção de site como forma de suporte pedagógico para o ensino da Capoeira nas aulas de história**. Eunápolis-Ba: UNEB, 2020.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia. Brasília: Brique de Lemos, 2008. pp. 24-92.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018. p.152.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: LUCA, Tania Regina de; PINSKY; Carla Bassanesi (Orgs). **O historiador e suas fontes**. Rio de Janeiro: Contexto, 2017, p.61-91.

LE GOFF, Jacques. Documento/ Monumento. In: **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p.525-541.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p.423-477.

MEYER, Johanna Brígida Rocha Ribeiro. **Lavadeiras vão à luta**: organização e atuação da alarmes na Bahia (1983-2002). Sergipe. UFS, 2016.

O CONTADOR DE HISTÓRIAS. Direção de Luiz Villaça. Roteiro: Luiz Villaça, Maurício Arruda. Brasil, 2009. (100 min.), P&B.

PERROT, Michele. A dona de casa no espaço parisiense no século XIX. In: **Os excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p.213-234.

RICCEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007, p.25-134.

SANTA BARBARA, Reginilde Rodrigues. **O caminho da autonomia na conquista da dignidade**: sociabilidades e conflitos entre lavadeiras em Feira de Santana-Bahia (1929-1964). Salvador. UFRB, 2007.

SANTOS, Cristiane Batista da Silva. **Cacau na canoa, negros no rio e contas no pescoço**: labutar, festejar e crer no Camamuzinho-BA. Entre 1960-1990. Santo Antonio de Jesus-Bahia: UNEB, 2008.

SOARES, Cécilia Moreira. **A mulher negra na Bahia do século XIX**. Salvador: FFCH-UFBA, 1994.

SOUZA, Janieli Santiago de. **Catálogo fotográfico**: Registros históricos de Itabela-BA (1986-2007). Eunápolis-Ba: UNEB, 2020.

TOURTIER-BONOZZI, Chontol de. Arquivos: propostas metodológicas. In: AMADO, Janaína; FERREIRA Marieta de Moraes, (org). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006. cap.19, p. 233-245.

VOLDMON, Danièle. Definições e usos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA Marieta de Moraes, (org). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006. cap.4, p. 33-41.

Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/mascote/panorama>. Acesso em 30 set. 2019.

